

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO  
SOCIOECONÔMICO  
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

**NATHÁLIA PEREIRA CABRAL**

**MIGRAÇÕES PARA A ITÁLIA CONTEMPORÂNEA E O DESENVOLVIMENTO  
SOCIOECONÔMICO DO SUL CATARINENSE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA  
TRAJETÓRIA DE TRABALHADORAS E TRABALHADORES CRICIUMENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanelatto

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Giovana Ilka Jacinto Salvaro

**CRICIÚMA**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C117m Cabral, Nathália Pereira.

Migrações para a Itália contemporânea e o desenvolvimento do sul catarinense : uma análise a partir da trajetória de trabalhadoras e trabalhadores criciumenses / Cabral, Nathália Pereira. - 2020.

145 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2020.

Orientação: João Henrique Zanelatto.

Coorientação: Giovana Ilka Jacinto Salvaro.

1. Migrações internacionais. 2. Emigração e imigração - Brasil - Itália. 3. Oportunidade de emprego - Itália. 4. Trabalhadores migrantes - Itália. 5. Desenvolvimento socioeconômico. I. Título.

CDD 23. ed. 325.281640945

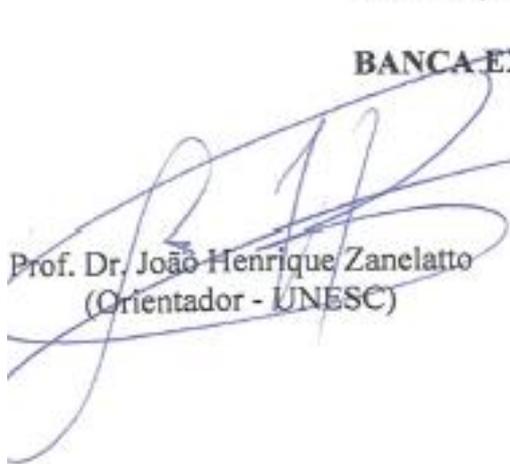
Nathália Pereira Cabral

**MIGRAÇÕES PARA A ITÁLIA CONTEMPORÂNEA E O  
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO SUL  
CATARINENSE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA  
DE TRABALHADORAS E TRABALHADORES CRICIUMENSES**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 06 de maio de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. João Henrique Zanelatto  
(Orientador - UNESC)



Profa. Dra. Giovana Ilka Jacinto Salvaro  
(Coorientadora - UNESC)

Prof. Dr. Emerson César de Campos  
(Membro - UDESC)



Prof.ª Dr.ª Giani Rabelo  
(Membro - UNESC)

*Nathalia Cabral*  
Nathália Pereira Cabral  
Mestranda



Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam  
Coordenador Adjunto do PPGDS - UNESC

Dedico este trabalho à todas aquelas(es)  
que resistem fazendo ciência em tempos tão difíceis.

## AGRADECIMENTOS

Em minha percepção, os agradecimentos de um trabalho “concluído” é uma das melhores e mais importantes partes do processo de escrita. Embora, esteja inserido nos elementos pré-textuais, é ele que muito diz sobre nossa trajetória e sobre tudo que foi essencial para que chegássemos ao fim de um ciclo. Foram muitas as pessoas que marcaram estes dois anos de mestrado e toda minha trajetória acadêmica desde o início da graduação (2014) em História. Considero que este trabalho é fruto de tudo que vivi e, principalmente, aprendi desde meu primeiro dia na graduação, pois foi a partir dessas experiências que me construí e me enxerguei como pesquisadora.

Gostaria de, primeiramente, agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. João Henrique Zanelatto, que também esteve presente em minha vida desde 2014. Na primeira fase, era ele que estava lá, frente à cadeira de Teoria da História I, para os(as) calouros(as) do curso. Aprendi muito enquanto graduanda e, no mestrado, tive uma grata surpresa enquanto sua orientanda e bolsista. Todas as conversas, orientações e disciplinas cursadas que foram ministradas por ele foram essenciais para a construção deste trabalho. Sou grata por todos os apontamentos, leituras indicadas, caminhos possíveis apontados e, principalmente, por ter trabalhado com alguém que, acima de tudo, respeitou minhas escolhas teóricas. Certamente esse foi um trabalho construído a partir do diálogo.

Agradeço também à minha coorientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dra. Giovana Ilka Jacinto Salvaro, que, embora não tivesse sido minha professora anteriormente, foi determinante para meus primeiros debates na academia a respeito das relações de gênero. Todas as discussões feitas em anos anteriores foram essenciais para o olhar que criei ao longo do tempo. Felizmente pude ser sua aluna na disciplina de Gênero Educação e Trabalho, ao lado do Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves, que foi fundamental para discussões que também estão presentes neste trabalho.

Outra importante profissional em meu processo de formação foi a Prof<sup>ª</sup>. Dra. Giani Rabelo, que também não foi minha professora durante a graduação, mas, assim como Giovana, foi determinante para a centralidade que as questões de gênero ganharam em minha vida como pessoa, professora e pesquisadora. Agradeço em especial pela leitura atenta que fez em meu texto, pelos apontamentos durante a qualificação e por estar presente na etapa final deste trabalho. Deste modo, em nome dos(as) professores(as), Giani, Giovana, João e Ismael, estendo minha gratidão a todos os(as) outros(as) docentes do PPGDS/UNESC que foram essenciais em minha formação. Gostaria de dar destaque, também, para a secretária

Luciana Ávila de Medeiros, que sempre auxiliou e ajudou todos(as) os(as) alunos(as) do mestrado.

Ao Prof. Dr. Emerson César de Campos, também estendo meus cumprimentos. Obrigada por aceitar fazer parte deste momento e, assim como a professora Giani, trazer questões fundamentais para a construção de minha dissertação. Agradeço também, pelos ensinamentos que tive como aluna especial no Programa de Pós Graduação em História – PPGH/UDESC, durante o primeiro semestre de 2019, na disciplina de História e Culturas Urbanas. Foram ricos debates durante as noites de quinta e que, apesar da densidade teórica, faziam valer a pena o trajeto de ir à Florianópolis e voltar para Criciúma no mesmo dia.

Aos(as) migrantes que compartilharam um pouco de suas vidas comigo, meu mais imenso obrigada! Sem vocês, este trabalho não existiria. A forma como me receberam, o tempo que reservaram e todas as ações feitas para que eu pudesse concretizar minhas entrevistas, foram essenciais. Não os(as) nomearei, pois como combinado, os nomes reais serão preservados, mas, quero que saibam que sou eternamente grata.

Agradeço também, em nome de todo o curso de História, às professoras: Dra. Marli de Oliveira Costa (Lili); Ma. Michelle Stakonski Cechinel (Mimis); e à Dra. Michele Gonçalves Cardoso. À Lili, por sua doçura, por poder abraçá-la pelos corredores da UNESC e ouvir suas palavras de força e gentileza. São uma das melhores lembranças que carrego comigo. À Mimis, agradeço pelo apoio, por compartilhar as angústias da vida acadêmica e por muito ter me ensinado sobre as migrações. À Michele, são muitas coisas a agradecer: me inseriu no mundo da pesquisa, me orientou no TCC, me incentivou a tentar o mestrado, acompanhou minha trajetória e, como se não bastasse tudo isso, é uma grande professora e historiadora. Obrigada pela amizade e por tornar os caminhos migratórios uma experiência tão importante em minha vida. Obrigada, obrigada e obrigada!

Aos meus amigos(as), Tainá Agostinho Cardoso, Egar Preis Junior, Marcos Guerreiro e Elizandro Cardoso que me acompanham desde a faculdade, deram forças durante a escrita e que se tornaram parte da minha família: obrigada! Agradeço, em especial, ao meu companheiro Arthur Paulo Videira, gratidão por tudo, por sempre me incentivar e por acreditar em mim. À minha família, que com suas diferenças sempre me apoiaram e se orgulharam da minha jornada, essa conquista também pertence a vocês: minha mãe Marcia, meu pai Antônio, meu irmão Micael, minha irmã Yasmin e meu padrasto Elias.

Por último, agradeço às políticas públicas que transformaram toda a minha vida e possibilitaram alcançar lugares que jamais imaginei. Me acompanharam desde o primeiro dia que coloquei meus pés em uma universidade como universitária. Sou grata ao Programa

Universidade Para Todos – PROUNI, que possibilitou minha formação de forma integral, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que me colocou em contato com a docência desde a terceira fase da licenciatura. Sou grata ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC, que me propiciou o primeiro contato com a ciência, ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (PROSUC) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES<sup>1</sup>, por terem me concedido uma bolsa durante esses dois anos de mestrado. Sou grata a todos e todas que acreditaram e que acreditam que a classe trabalhadora e os filhos e filhas da classe trabalhadora devem ocupar as universidades.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho, foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

“Os pássaros de passagem também são mulheres”.

(Mirjana Morokvasic)

## RESUMO

Ao longo da segunda metade do século XIX, e início do século XX, a região sul catarinense vivenciou uma diversidade de fluxos migratórios, no qual, inseridos nessa movimentação, estavam também os(as) imigrantes italianos(as). Anos depois, são seus/suas descendentes que buscam fazer o “caminho inverso”, vendo na cidadania italiana uma possibilidade de migrar. As migrações de retorno, são vistas pela literatura como a volta à terra dos antepassados, porém essa idealização de uma terra narrada e imaginada pelos familiares e pela ação do poder público que busca evidenciar um passado fundante, é modificada no contato com o local de destino (Itália). É nesse contexto que o pertencimento tão reivindicado nas cidades de colonização italiana entra em choque com o tratamento recebido pelos(as) emigrantes brasileiros(as), que são vistos(as) como estrangeiros(as) e não como italianos(as), mesmo que juridicamente provem ao contrário. Outro importante ponto de discussão é que essas migrações, a partir das décadas de 1980 e 1990, se transformaram em um grande fluxo na cidade criciumentense, no momento em que o Brasil e toda a América Latina enfrentavam intensas crises devido a ascensão do neoliberalismo. Desse modo, muitos brasileiros e brasileiras observaram nas migrações uma oportunidade de mudança diante da crise econômica e política vivenciada. Portanto, esta pesquisa se fundamentou na história social do trabalho e sua principal abordagem metodológica foi a história oral. Para a construção da narrativa dialogamos com autores e autoras que versam sobre migrações, etnicidade, trabalho e divisão sexual do trabalho, visando o debate sobre o desenvolvimento socioeconômico da região sul de Santa Catarina, os quais destacamos: Abdelmalek Sayad (1998), que fez importantes apontamentos a respeito da trajetória de pessoas em condição de migração; Fabio Perocco (2017), que discute a condição social dos trabalhadores(as) migrantes na Itália; Helena Hirata (2009; 2011) e suas pesquisas a respeito da divisão sexual do trabalho, pensando as desigualdades vivenciadas pelas mulheres, as quais, muitas vezes, são submetidas a precarização de forma ainda mais violenta; Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1997) e suas análises voltadas para o campo da etnicidade; Ricardo Antunes (2015) dialogando sobre a precarização do trabalho e as novas polissemias dos mundos do trabalho, principalmente pós ascensão do neoliberalismo. Destarte, a problemática dessa pesquisa se delinea da seguinte maneira: até que ponto as migrações internacionais, acionadas a partir da etnicidade, trazem “ganhos” significativos para os trabalhadores(as) brasileiros(as) e ítalo-brasileiros(as) de Criciúma? Levando em consideração não somente a questão econômica, o consumo e os investimentos feitos na cidade de origem, mas, também, questões que permeiam outras esferas, tais como: o trabalho digno, as relações estabelecidas com os(as) italianos(as) nacionais e seus empregadores. Deste modo, nosso principal objetivo nesta pesquisa desdobrou-se em analisar a trajetória e as experiências de trabalhadores e trabalhadoras criciumentenses na Itália; bem como, pensar de que forma as migrações pretéritas impactam e dimensionam as migrações contemporâneas, principalmente, a partir da conquista da dupla cidadania; analisar de que maneira os(as) emigrantes da cidade de Criciúma se beneficiam da etnicidade, para assim, emigrarem para a Itália, objetivando fazer “o caminho inverso” de seus antepassados colonizadores em busca de trabalho bem remunerado e melhores condições de vida, os quais, na maioria das vezes, não são encontrados como fora idealizado; investigar as condições de trabalho e as funções comumente desenvolvidas pela mão de obra estrangeira, percebendo as tensões e diferenciações entre trabalhadores(as) migrantes “documentados” e “indocumentados”; observar de que modo as remessas de alguns migrantes de Criciúma são aplicadas e investidas na cidade de origem; e, por fim, perceber de maneira as redes sociais se constituem como importantes processos para a consolidação das migrações transnacionais.

**Palavras chave:** migrações; trabalho; dupla cidadania; italianidades; desenvolvimento socioeconômico.

## ABSTRACT

Throughout the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century, the southern region of Santa Catarina, experienced a diversity of migratory flows, inserted in this movement, were also, the Italian immigrants. Years later, it is his / her descendants who seek to make the “reverse path”, seeing in Italian citizenship a possibility of migrating. Return migrations are seen in literature as the return to the land of the ancestors, however this idealization of a narrated land and imagined by family members and by the action of the public authorities, which seeks to highlight a founding past, is modified by contact with the place of destination (Italy). Because the belonging so claimed in the cities of Italian colonization clashes with the treatment received by Brazilian emigrants, who are seen as foreigners and not as Italians, even if legally they are. Another important point of discussion is that these migrations started to become a great flow in the city of Criciúma, from the 1980s and 1990s, a time when Brazil and all of Latin America, faced intense crises due to the rise of neoliberalism. In this way, many Brazilians saw migration as an opportunity for a change, due to the economic and political crisis experienced. This research was based on the social history of work and the main methodological approach was oral history. For the construction of the narrative, we spoke, mainly, with authors who deal with migrations, ethnicity, work and the sexual division of labor, aiming at the debate on the socioeconomic development of the southern region of Santa Catarina. Among them, I highlight: Abdelmalek Sayad (1998), who made important notes about the trajectory of people in conditions of migration; Fabio Perocco (2017), who discusses the social condition of migrant workers in Italy; Helena Hirata (2009; 2011) and her research on the sexual division of labor, thinking about the inequalities experienced by women, who are often subjected to precariousness in an even more violent way; Philippe Poutignat and Jocelyne Streiff-Fenart (1997) and their analyzes focused on the field of ethnicity; Ricardo Antunes (2015) talking about the precariousness of work and the new polysemias of the worlds of work, mainly after the rise of neoliberalism. Thus, the problem of this research is outlined as follows: the extent to which international migrations, triggered by ethnicity, bring significant “gains” for Brazilian and Italian-Brazilian workers in Criciúma? Taking into account not only the economic issue, consumption and investments made in the city of origin, but also issues that permeate other spheres, such as: decent work, the relations established with the Italian nationals and their employers. Thus, our main objective in this research was to analyze the trajectory and experiences of workers from Criciúma in Italy. We also aim to: think about how past migrations impact and scale contemporary migrations, mainly from the conquest of dual citizenship; to analyze how emigrants from the city of Criciúma benefit from ethnicity, in order to emigrate to Italy, aiming to do “the opposite way” of their colonizing ancestors, in search of well-paid work and better living conditions, which, most of the time, are not found as idealized; investigate the working conditions and functions commonly performed by foreign labor, realizing the tensions and differences between “documented” (who have dual citizenship) and “undocumented” migrant workers; observe how the remittances of some migrants from Criciúma are applied and invested in the city of origin; and, finally, to understand how social networks are important processes for the consolidation of transnational migrations.

**Keywords:** migrations; work; dual citizenship; Italianities; socioeconomic development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Regiões da Itália.....	36
Figura 2 - Municípios da AMREC .....	44
Figura 3 - Museu Augusto Casagrande .....	47
Figura 4 - "Brasileiro corre para ter dupla cidadania" .....	54
Figura 5 - Fernando Collor: "O caçador de Marajás" .....	57
Figura 6 - Propaganda sobre empresa de cidadania italiana, disponível na Hemeroteca Nacional.....	58
Figura 7 - Brasileiros residentes na Itália .....	65

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Municípios da AMREC.....	43
Tabela 2 - Citações da palavra “cidadania italiana” na Hemeroteca Nacional .....	58
Tabela 3 - Rede Consular em Santa Catarina .....	69

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
COMITES	Comitato degli Italiani all'Estero
EUA	Estados Unidos da América
FEM	Fórum Econômico Mundial
FAQ	Perguntas frequentes
MSN	Messenger
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
RFI	Rádio França Internacional
RJ	Rio de Janeiro
S/A	Sociedade Anônima
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2. DA COLONIZAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA À EMIGRAÇÃO DE RETORNO PARA A ITÁLIA CONTEMPORÂNEA: ENTRE IDENTIDADES E OS DISCURSOS ÉTNICOS</b> .....	29
2.1. OS LITÍGIOS ÉTNICOS E OS DISCURSOS DE ALTERIDADE NA CIDADE DE CRICIÚMA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX .....	35
2.2. A REMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO NA CIDADE DE CRICIÚMA E O IMAGINÁRIO DO “IMIGRANTE QUE DEU CERTO” .....	45
<b>3. AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS A PARTIR DA DÉCADA DE 1990: UMA “CORRIDA” EM BUSCA DA DUPLA CIDADANIA</b> .....	54
3.1. “QUINZE ANOS EM CINCO MESES”: AS EMPRESAS DE ASSESSORIA E A CONQUISTA DA DUPLA CIDADANIA .....	59
3.2. O CONSULADO GERAL DA ITÁLIA DE CURITIBA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM O ESTADO DE SANTA CATARINA .....	68
<b>4. TRABALHADORAS E TRABALHADORES EM MOVIMENTO: AS EXPERIÊNCIAS DE EMIGRANTES CRICIUMENSES NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA</b> .....	74
4.1. A PRECARIZAÇÃO SEM EXCEÇÃO: OS ESPAÇOS DE TRABALHO PARA MIGRANTES E A SEGREGAÇÃO OCUPACIONAL .....	85
<b>5. AS REDES SOCIAIS ESTABELECIDAS PARA MIGRAR, O RETORNO E A INTEGRAÇÃO SOCIOECONÔMICA LOCAL</b> .....	106
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131
<b>ANEXOS</b> .....	140

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XIX, no Brasil, mais especificamente em Santa Catarina, aportaram em terras brasileiras e catarinenses os imigrantes italianos(as). Não somente eles, tendo em vista que o país foi marcado por uma diversidade de processos migratórios que antecederam a chamada “grande imigração”, entretanto, é sobre esses imigrantes, e seus/suas descendentes, que iremos centrar nossa discussão.

As pessoas que aqui chegaram, vieram por diversos motivos e, por mais que fizessem parte de um projeto coletivo, muitas vezes generalizado pela justificativa de povoar e desenvolver as regiões do sul do país que eram consideradas pelo governo como um “vazio demográfico”, também possuíam seus objetivos e desejos pessoais. Embora fizessem parte de um grupo hegemônico, e muitos de seus descendentes ainda façam, isso não significa que eram e sejam homogêneos. Além disso, o processo imigratório pretérito<sup>2</sup> ocorreu em momentos distintos, especialmente, no final da segunda metade do século XIX, sendo que até 1870 não existia a Itália, tendo Estado italiano nascido pós 70. Mas também, nos anos de 1920, no contexto da Itália fascista.

As áreas coloniais do sul de Santa Catarina, constituídas ao longo do século XIX, se fragmentaram e nos séculos seguintes (XX e XXI) deram origem a diversos municípios catarinenses. Nos últimos anos, especialmente a partir dos anos de 1980 e 1990, muitos descendentes destes imigrantes também passaram a se inserir em movimentos migratórios, utilizando da identidade étnica como uma estratégia para a mobilidade entre diferentes países.

Partindo disso, nosso recorte temporal inicia-se a partir da década de 1980, momento em que, na cidade de Criciúma efervescia as comemorações do centenário de colonização italiana e também, neste momento, percebe-se uma movimentação em “busca” da identidade ítalo-brasileiro com intuito de migrar para países da Europa e para os Estados Unidos.

Pelo fato de esses “novos” migrantes acionarem a dupla cidadania italiana para partirem em busca de oportunidades, buscaremos analisar como os atuais fluxos migratórios vivenciados na região sul vêm transformando as relações na cidade de Criciúma e região. De acordo com Glaucia de Oliveira Assis e Emerson César de Campos,

---

<sup>2</sup> Neste texto, cunhamos o termo “migrações pretéritas” fazendo alusão/referência as imigrações coloniais vivenciadas na região sul de Santa Catarina. Além disso, é importante destacar que há por parte de alguns leitores(as) a confusão com o período colonial brasileiro (do século XVI a início do século XIX). A abordagem feita aqui, tratará das imigrações coloniais a partir da perspectiva de colonização da região sul catarinense ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX.

É importante destacar ainda que, como se trata de um movimento recente, retornar, partir, ficar se misturam na vida desses migrantes, configurando uma circularidade de pessoas e projetos que tem modificado a dinâmica da cidade, com impactos não apenas na vida econômica, mas nas identidades dos sujeitos que vivem esse processo (2009, p. 82)

Diante do exposto, propomo-nos, também, refletir acerca dos mundos do trabalho em um contexto da precarização e flexibilização das leis trabalhistas na Itália e no Brasil. A partir das análises feitas por Fabio Perocco<sup>3</sup> (2017), buscamos questionar a posição que, invariavelmente, é imposta ao imigrante: uma provisória força de trabalho. Embora grande parte dos emigrantes busquem trabalho na Itália, não significa que suas vidas e suas experiências se limitem só a isso e tampouco que todos busquem trabalho, por mais que seja o objetivo da maioria.

Abdelmalek Sayad (1998) em seus estudos questiona essa posição que ao imigrante é imposta. Segundo ele, a existência do trabalhador se inicia e se finda nas relações de trabalho, mais especificamente nos subempregos, como se o indivíduo migrante fosse reduzido a uma simples peça que pode ser mobilizada quando se bem entende (e se necessita, ou não, de sua força de trabalho):

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase que um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. (...) Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante (...) E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído (...) (SAYAD, 1998, p. 55).

Em confluência com a discussão sobre trabalho, o sociólogo Ricardo Antunes (2015) traz em suas pesquisas voltadas para essa temática, questões que permeiam as experiências da classe trabalhadora, ou como ele também chama: classe-que-vive-do-trabalho. O pesquisador faz importantes apontamentos relacionados à vivência desses sujeitos na era pós políticas neoliberais, em que a trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras são marcadas pela

---

<sup>3</sup> Perocco, é professor e pesquisador na *Università Ca'foscari Venezia*, em Veneza, na Itália. Tem suas pesquisas voltadas para as áreas de: migrações, desigualdade, trabalho, racismo, multiculturalismo e saúde.

precarização, terceirização, subempregos e desvalorização salarial, aliada às longas jornadas de trabalho. Segundo ele:

Já se tornou lugar-comum dizer que a classe trabalhadora vem sofrendo profundas mutações, tanto nos países centrais como no Brasil. Sabemos que um amplo contingente de força humana disponível para o trabalho, em escala global, ou se encontra exercendo trabalhos parciais, precários, temporários, ou já vivenciam a barbárie do desemprego. Mais de um bilhão de homens e mulheres padecem as vicissitudes do trabalho precarizado, instável, temporário, terceirizado, quase virtual, e dentre eles centenas de milhões tem seu cotidiano moldado pelo desemprego estrutural (ANTUNES, 2015, p. 123).

Antunes (2015) também debate sobre as novas “roupagens” do mundo do trabalho, de modo que defende que a classe trabalhadora e o trabalho não estão desaparecendo, mas sim vivendo novas polissemias e confrontamentos. De acordo com ele, “o capital pode diminuir o trabalho vivo, mas não o elimina. Pode intensificar sua utilização, pode precarizá-lo e mesmo desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo” (ANTUNES, 2015, p. 220).

Para Antunes (2015), vivemos na era do desemprego estrutural, ocasionado, principalmente, pelas transformações do mundo moderno. Essas transformações, neste campo, são vivenciadas em escala global pelos trabalhadores que, dependendo do grupo pertencente, são ainda mais afetados. No que diz respeito, as mulheres, os(as) jovens, os(as) idosos(as) e os(as) migrantes, são os que mais sofrem com essas mudanças. Desse modo, percebe-se uma fragmentação e complexificação da classe trabalhadora:

Vimos também que houve uma significativa incorporação do trabalho feminino no mundo produtivo, além da expressiva expansão e ampliação da classe trabalhadora, através do assalariamento do setor de serviços. Tudo isso nos permite concluir que nem o operariado desaparecerá tão rapidamente e, o que é fundamental, não é possível perspectivar, nem mesmo num universo distante, nenhuma possibilidade de eliminação da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2015, p. 75).

Assim, o autor não advoga em prol do anti-trabalho, mas por uma condição digna aos trabalhadores(as). Segundo ele, uma das principais considerações para que haja condições dignas de trabalho consiste na redução da jornada de trabalho. Ele aborda que: “a luta contemporânea imediata pela redução da jornada (ou tempo) de trabalho e a luta pelo emprego, em vez de ser excludentes, tornam-se necessariamente complementares” (ANTUNES, 2015, p. 137).

Helena Hirata, outra importante pesquisadora para essa discussão, disserta sobre as questões de trabalho e precarização do trabalho alinhadas às questões de gênero. Em seu

debate é possível observar, principalmente, diálogos que perpassam as questões da divisão sexual do trabalho, trabalho e migrações, e trabalho de cuidados. Para a autora, “as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial: número inferior de horas trabalhadas, níveis mais baixos na escala de qualificação” (HIRATA, 2007, p. 26). Ademais, a feminização do trabalho e das migrações internacionais são uma das principais características do trabalho informal e precarizado, haja vista que, na maioria das vezes, as mulheres ocupam os postos de salários com piores condições e baixas remunerações.

Diante do exposto, é determinante perceber nesta pesquisa as diferentes trajetórias e motivações no processo de migrar<sup>4</sup>, tanto no século XIX quanto na contemporaneidade, com intuito de não generalizar as especificidades imbricadas nesses processos de deslocamentos, que caracterizam-se como geográficos, mas que, por outro lado, também ocasionam mudanças sociais, culturais, econômicas e étnicas. Vale ressaltar que a etnicidade não é estática, mas negociável e mutável em relações de fronteiras, não no sentido geográfico e territorial, mas fronteiras sociais, as quais não geram singelas trocas culturais, mas sim tensões e relações de alteridade<sup>5</sup>.

Estes fluxos migratórios protagonizados pelos(as) descendentes de italianos(as) já foram estudados por alguns/algumas pesquisadores(as), os quais destacamos, no Rio Grande do Sul: Luis Fernando Beneduzi e Maíra Ines Vendrame; e em Santa Catarina: Adiles Savoldi, Emerson César de Campos, Gláucia de Oliveira Assis, Maria Catarina Chitolina Zanini e Michele Gonçalves Cardoso.

A pesquisa de Assis (2004) será um importante ponto de partida para as análises que serão realizadas no terceiro e quarto capítulo. De modo geral, a autora analisou a trajetória desses(as) migrantes criciumenses que partem para outros locais após a conquista da dupla cidadania e destaca os Estados Unidos, especificamente a região de Boston, como os principais pontos de chegada. Contudo, embora a economia prevaleça como um dos motivos para emigrar, a autora assegura não ser o motivo principal.

---

<sup>4</sup> Para elucidar o debate deste trabalho, acreditamos que se faça necessário, apontar as diferenças entre: (1) migração, (2) imigração e (3) emigração para aqueles(as) que não tem proximidade com a área de discussão. (1) Migração é referente ao fluxo que é vivenciado por grupos e pessoas, representando o processo como um todo, de modo geral, o movimento de ir e vir; (2) imigração é referente a entrada de pessoas (estrangeiras) em determinado país, como exemplo: para os italianos(as), aqueles que entram em seu país são considerados imigrantes; (2) emigração é a saída de pessoas (nacionais) de um determinado país, exemplo: os(as) brasileiros(as) que partem rumo à Itália, são considerado emigrantes para seus/suas conterrâneos(as).

<sup>5</sup> O estranhamento em relação ao “outro”.

Assis também discorre sobre a importância da configuração e da consolidação das redes sociais nos processos migratórios, de modo que aponta que essas redes são um dos principais fatores de êxito no projeto migratório. Em toda sua narrativa, a pesquisadora demonstra, por meio de dados, análise documental, e também pela história oral, o quão importante são as dinâmicas das redes sociais em relação aos fluxos vivenciados a partir da década de 1990 na região, especialmente no município de Criciúma. Para a autora:

As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional ressaltando a importância particularmente das redes de parentesco, amizade e origem comum nesse processo. No caso da migração de longa distância, quanto mais estabelecidas estão as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino. É o que demonstram os estudos sobre dominicanas, cubanas, mexicanas, caribenhas, asiáticas e outros grupos estabelecidos nos Estados Unidos. Sustentados por essas redes, podem contribuir para a criação e a consolidação de grupos étnicos (ASSIS, 2004, p. 58).

De modo geral, buscaremos analisar como esses fluxos migratórios contemporâneos, influenciam no desenvolvimento socioeconômico e nas relações estabelecidas na cidade, pois, grande parte dos valores arrecadados durante as experiências migratórias são investidos nas cidades de origem dos fluxos.

Como a maioria dos migrantes contemporâneos tem como objetivo o retorno para o país, é bastante comum que estas pessoas em mobilidade realizem investimentos em diversos setores. Michele Gonçalves Cardoso (2011) analisou os investimentos realizados pelos cricumenses que migraram para os Estados Unidos ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000, e percebeu que as remessas enviadas por este grupo foram determinantes para o “aquecimento” da construção civil na cidade de Criciúma. Assim, ao aproximar mais o olhar para esses aspectos, nos debruçaremos tanto no viés cultural das migrações internacionais, quanto nas relações de trabalho estabelecidas em um cenário de precarização e flexibilização do trabalho vivenciadas em um contexto transnacional.

É importante ressaltar, mais uma vez, que o processo migratório até aqui discutido, seja ele pretérito ou contemporâneo, faz parte de um movimento coletivo e, ao mesmo tempo, particular. Coletivo, pois são múltiplos os agentes envolvidos nesse movimento; particular, porque as necessidades que movem os desejos de partida nem sempre são os mesmos, sendo, portanto, movimentos plurais.

Ademais, falar da migração, ou das migrações, não é simplesmente dialogar sobre um objeto fixo e preso em um espaço físico. Embora o imigrante se constitua como tal, quando adentra em determinado território que não pertencia, no caso o seu local de destino, há de se

considerar o seu ponto de partida, pois, como destacou Abdelmalek Sayad (1998, p. 18): “o imigrante, antes de “nascer” para a imigração, é primeiro um emigrante”.

Desse modo, suas vivências que antecederam o projeto migratório, são aspectos determinantes e que unem essas duas dimensões: imigração e emigração (SAYAD, 1998). Ao estudar esse fenômeno, é necessário a sensibilidade para compreender o migrante não como um estrangeiro em determinado lugar, não como alguém temporário em um dado momento, pois quando o tratamos como algo momentâneo ou passageiro em determinada situação, é como se aquela parte de sua história não fizesse sentido e não tivesse importância. Com isso, o reduzimos somente a sua função econômica, a do trabalhador(a) que ocupa as funções do subemprego e de precariedade em outro país. Ainda, segundo Sayad:

Na medida em que a presença do imigrante é uma presença estrangeira ou que é percebida como tal, as “ilusões” que a elas estão associadas e que até mesmo a constituem podem ser enunciadas como segue: são, para começar, a ilusão de uma presença necessariamente provisória (e, correlativamente, se nos colocamos do ponto de vista da emigração, ilusão de uma ausência igualmente provisória) (...) essa presença é totalmente justificável pela razão ou pelo alibi que se encontra em seu princípio e que é o trabalho ao qual ela está ou deveria estar, logicamente, totalmente subordinada (...) cuja natureza intrinsecamente política é mascarada, quando não é negada, em proveito de sua única função econômica. (SAYAD, 1998, p. 19)

Além de questionar o envolvimento estritamente econômico, que é comumente colocado aos fenômenos migratórios, ainda tem muito a se fazer. Desse modo, este trabalho, também, tem como intuito pensar e refletir acerca de algumas dessas questões. O movimento de ir e vir não envolve somente a distância entre dois lugares, mas, também uma gama de relações que perpassam o campo cultural, social e político. Muitos migrantes vivenciam uma série de tensões que estão imbricadas no seu dia a dia, dentre elas, o preconceito. Segundo dados apresentados pela CARITAS:

A imigração é hoje uma das áreas em que os problemas de desinformação, notícias falsas e discurso de ódio (discurso de ódio) são mais medidos. Basta dizer que, de acordo com uma pesquisa da Anistia Internacional, durante a campanha eleitoral das eleições políticas de 2018, foram registrados 787 comentários e declarações de incitação ao ódio, 91% dos quais referentes a migrantes. Indivíduos ou grupos engajados em atividades humanitárias ou de solidariedade, muçulmanos, judeus, mulheres e ciganos também estão entre os mais atingidos pelo ódio online. Uma situação que também surge no Twitter, onde 32% dos tweets negativos (mensagens) visam migrantes: ou seja, um em cada três indivíduo odeia o “estrangeiro” (CARITAS, 2019, p. 05, tradução nossa).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> “Il tema dell’immigrazione è oggi uno degli ambiti in cui più si misurano i problemi della disinformazione, delle fake news e dei discorsi d’odio (hate speech). Basti pensare che, secondo una rilevazione di Amnesty International, durante la campagna elettorale delle elezioni politiche 2018 si sono

Para o local de destino “o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa no seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa” (SAYAD, 2006, p. 16). Entretanto, para o sujeito, sua trajetória é mais do que lhe é posto na condição de imigrante. Ele possui suas bagagens, e não somente as de viagem, mas aquelas que construiu durante toda sua vida, antes de ser algo ou alguém temporário.

Portanto, nossa questão fundamental para esta discussão permeia-se a partir da seguinte questão: até que ponto as migrações internacionais, acionadas a partir da etnicidade (a dupla cidadania), trazem “ganhos” significativos para os trabalhadores(as) ítalo-brasileiros(as) de Criciúma? Levando em consideração não somente a questão econômica, o consumo e os investimentos feitos na cidade de origem, mas, também, questões que permeiam outras esferas, tais como: o trabalho digno, as relações estabelecidas com os(as) italianos(as) nacionais e seus empregadores na Itália.

Portanto, nosso objetivo principal será analisar a trajetória e as experiências de trabalhadores(as) criciumenses na Itália contemporânea. Para os objetivos específicos, destacamos: (1) pensar de que maneira, as migrações pretéritas impactam e dimensionam as migrações contemporâneas, principalmente, a partir da conquista da dupla cidadania; (2) analisar de que maneira os(as) emigrantes da cidade de Criciúma se beneficiam da etnicidade, para assim emigrarem para a Itália, objetivando fazer “o caminho inverso” de seus antepassados colonizadores, na busca de trabalho bem remunerado e melhores condições de vida, os quais, na maioria das vezes, não são encontrados como fora idealizado; (3) investigar as condições de trabalho e as funções comumente desenvolvidas pela mão de obra estrangeira, percebendo as tensões e diferenciações entre trabalhadores(as) migrantes “documentados”<sup>7</sup> e “indocumentados”<sup>8</sup>; (4) observar de que modo as remessas de alguns migrantes de Criciúma são aplicadas e investidas na cidade de origem e, por fim, (5) perceber de maneira as redes sociais se constituem como importantes processos para a consolidação das migrações transnacionais.

---

*registrati 787 commenti e dichiarazioni di incitamento all'odio, il 91% delle quali ha avuto come oggetto i migranti. Fra i più colpiti dall'odio online anche singoli individui o gruppi impegnati in attività solidaristica o di tipo umanitario, i musulmani, gli ebrei, le donne e i rom. Una situazione che si ripropone anche su Twitter, dove il 32% dei tweet (messaggi) negativi prende di mira i migranti: vale a dire che un hater su tre si scatena contro “lo straniero” (CARITAS, 2019, p. 05).*

<sup>7</sup> Que possuem a dupla cidadania.

<sup>8</sup> Não possuem a dupla cidadania.

A intenção de trabalhar com essa temática, baseou-se em nosso desejo de dar continuidade às pesquisas que iniciei ainda na graduação. Meu primeiro contato com os caminhos migratórios se deu ao longo do ano de 2016, momento em que me tornei bolsista da professora Doutora Michele Gonçalves Cardoso, em um Projeto de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). A pesquisa, inicialmente, tinha como objetivo fazer uma análise da documentação da empresa Bortoluzzi S/A<sup>9</sup> da colônia Nova Veneza. No ano de 2017, dei continuidade às discussões iniciadas no Projeto, as quais resultaram em meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, de modo que analisei as relações estabelecidas nos anos iniciais da colônia Nova Veneza (criada em 1891), trabalhando com questões referentes à migrações, colonização e às tensões vivenciadas no núcleo colonial.

Após trabalhar com o período das migrações coloniais na região sul, resolvi voltar minha atenção para as migrações contemporâneas e pensar na trajetória dos descendentes de italianos e italianas do sul catarinense, mudando meu foco dos ascendentes para seus descendentes.

Para a construção deste trabalho, nos ancoraremos, principalmente, nas abordagens teóricas sobre migrações, etnicidade, trabalho e divisão sexual do trabalho, visando o debate sobre o desenvolvimento socioeconômico da região sul de Santa Catarina. Em relação aos processos migratórios, utilizaremos como principal referencial teórico o autor Abdalmalek Sayd (1998), em especial, a discussão do livro *A Imigração – ou os paradoxos de alteridade*.

Para dissertar sobre os mundos do trabalho, iremos dialogar com os(as) autores(as): Helena Hirata (2009; 2011), Fabio Perocco (2017) e Ricardo Antunes (2015). Hirata, em especial, traz uma discussão voltada para o campo do gênero e trabalho, focando na divisão sexual e feminização do trabalho. No debate sobre o conceito de etnicidade, nossa discussão se embasará nos teóricos Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart com o livro *Teorias da Etnicidade* (1995).

No que diz respeito a abordagem metodológica, escolhemos a história oral, de modo que realizamos entrevistas semiestruturadas que constituíram os capítulos, especialmente, o terceiro e o quarto. Cada uma das entrevistas possuiu um roteiro próprio de acordo com o perfil dos(as) migrantes, levando em conta que, antes do processo de coleta de dados, ocorreu uma breve conversa entre os(as) entrevistado(as) e a pesquisadora, a fim de explicar os

---

<sup>9</sup> Bortoluzzi S/A é referente a última fase da empresa, antes disso, ela possuiu diferentes nomes, oficialmente foram três: Bortoluzzi Irmãos (1904), Bortoluzzi Irmãos & Cia (1929) e Indústria e Comércio Bortoluzzi S/A (1941). Porém, antes de 1904 a família Bortoluzzi já possuía comércio na região, mais especificamente, desde o início da colônia Nova Veneza em 1891 (CABRAL; CARDOSO, 2017).

objetivos da pesquisa. A partir desse contato inicial, traçamos possíveis caminhos para seguir durante a interlocução. Já nas entrevistas, quando se fez necessário, foram surgindo novas perguntas de acordo com assuntos que se desenrolavam a partir da fala de cada entrevistado(a) e, também, de acordo com as manifestações deles(as), ou seja, foi um roteiro “aberto”, permitindo que informações não questionadas fossem colocadas pelos sujeitos analisados(as).

Realizamos também, pesquisas em jornais, principalmente nos documentos disponibilizados pela Hemeroteca Nacional e Estadual (Santa Catarina). Os jornais analisados foram: *Commercio* (Rio de Janeiro), publicado em 1990; *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), com publicações de 1989, 1990, 1991 e 1992; *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), publicação de 1884; e *O Futuro* (Laguna), publicação de 1891.

Nos dois primeiros jornais, encontrados na Hemeroteca Nacional, consideramos as notícias que reportavam a crise vivenciada no Brasil durante o governo de Fernando Collor de Mello, bem como as reportagens que evidenciavam a busca dos brasileiros pela dupla cidadania. Nos outros jornais, disponibilizados pela Hemeroteca Estadual, analisamos as reportagens sobre a chegada dos imigrantes russos e poloneses em Santa Catarina, especialmente no território sul catarinense, e como essa relação foi permeada por tensões com os imigrantes italianos que já estavam estabelecidos na região.

Para o debate da história oral, nos basearemos nas discussões feitas por Lucília de Almeida Neves Delgado (2006). As sete entrevistas, ocorridas no município de Criciúma entre 2018 e 2019, possibilitaram um bate-papo com oito pessoas, sendo uma delas realizada com um casal. Além disso, fora acordado com os(as) participantes, que seriam utilizados nomes fictícios, com intuito de resguardar a identidade deles(as).

A seleção dos(as) participantes aconteceu por meio do efeito bola de neve<sup>10</sup>, que se caracteriza pela indicação de novos sujeitos para a pesquisa a partir daqueles que já participaram, ou seja, os(as) entrevistados(as) nos sugeriram outras pessoas para participar das entrevistas. Além disso, acionamos também nossas redes, isto é, conhecidos(as) e amigos(as) que já haviam experienciado a migração. Das oito pessoas entrevistadas, seis eram mulheres e dois homens e, a maioria, residiam ou já residiram em Criciúma. Uma das entrevistadas, cujo nome fictício é Michele, reside no município de Forquilha e o casal, cujo nome também é fictício, Renata e Luis, residem em Morro da Fumaça.

---

<sup>10</sup> Chamado, também, de *Snowball*.

Embora a pesquisa tenha como foco participantes do município de Criciúma, é possível perceber que as “migrações de retorno”<sup>11</sup> e as migrações direcionadas para a Europa e Estados Unidos, a partir da conquista da dupla cidadania, é um fenômeno presente em muitas cidades da região sul de Santa Catarina, principalmente, nas que foram colonizadas por italianos(as).

Introduzindo um pouco da conversa com os(as) entrevistados(as), Michele conta que migrou para a Itália no ano de 2005, quando tinha 22 anos, e permaneceu no país até 2008. Em seu relato, comentou que o principal objetivo da emigração foi acompanhar seu marido. Renata e Luis, de 25 e 29 anos respectivamente, migraram para a Itália no ano de 2019 para conquistar a dupla cidadania, logo o casal permaneceu somente um mês no país e, em seguida, partiram para a Alemanha com o objetivo de trabalhar em sorveterias. Ambos vivenciam as chamadas “migrações pendulares” (ZANINI; ASSIS; BENEDUZI, 2013), termo empregado quando os migrantes permanecem alguns meses no país de destino e os outros meses em seu país de origem.

João, migrou pela primeira vez para Itália em 2004, no período estava com 42 anos. De acordo com ele, a migração foi realizada devido as dificuldades financeiras que vivenciava na época. Coincidentemente, no mesmo dia de sua entrevista, 08 de novembro de 2019, o ítalo-brasileiro estava prestes a retornar para a Itália, porém, dessa vez, sem data de retorno.

A entrevistada Isabela, foi para a Itália no ano de 2007, com 42 anos. Segundo ela, o objetivo era fazer companhia para seu esposo João, que permanecia lá há alguns anos e sentia muita falta da família. Para o casal, a presença da esposa representou um importante fator de permanência, o que na época alargou o projeto migratório de seu marido. No momento da entrevista, a cricumense estava realizando os preparativos para seu retorno à Itália, de modo que, seu marido viajaria no dia 09 de agosto, e ela, junto com suas filhas, neto e genro, em janeiro de 2020.

Já a participante Julia, migrou para a Itália no ano de 2003 e acabou permanecendo nove anos no país. Inicialmente, partiu como uma emigrante “indocumentada” e com o

---

<sup>11</sup> É importante diferenciar os significados de “migrações de retorno” e “migrantes retornados”. As “migrações de retorno” se caracterizam por serem os fluxos onde os descendentes de italianos(as) buscam fazer o caminho inverso de seus antepassados, desse modo, buscando oportunidades na Itália. Os “migrantes retornados” são aqueles que retornam das experiências transnacionais, são os brasileiros e brasileiras que voltam para o seu país de origem após a jornada migratória, os(as) chamados(as) retornados(as) (ASSIS, 2004; CARDOSO, 2011).

objetivo de garantir um futuro melhor para sua filha, que na época, tinha pouco mais de dois anos.

No caso de Maria, ela foi para o país no final da década de 1990. No início de sua jornada era dona de casa e seu marido “amassador de uvas”, porém, com o passar do tempo, foram auxiliando os(as) novos(as) emigrantes brasileiros(as) que chegavam a Itália e, a partir disso, observaram um possível ramo de investimento: as assessorias de cidadania italiana. Hoje, o casal tem uma empresa na cidade de Criciúma.

Marcia, que atualmente tem 36 anos, migrou para a Itália quando possuía somente 18 anos de idade, no ano de 2002. Segundo a entrevistada, sua decisão de ir até o país era apenas para visitar a irmã que residia lá, mas acabou permanecendo para trabalhar.

Desse modo, é possível observar uma diversidade de trajetórias, experiências e expectativas na vida de cada entrevistado(a), de modo que possuem particularidades em sua jornada, mesmo aqueles que viajaram com seus/suas companheiros(as). Diante dessas observações, nos propusemos analisar as vivências desses(as) emigrantes que foram entrevistados(as).

Ao trabalhar com história oral, é necessário uma série de cuidados e precauções por parte da historiadora e/ou do historiador, pois, não se trata “somente” de um documento que é obtido por meio de um gravador, de um celular ou de uma câmera. O pesquisador(a) está diante de uma pessoa que possui singularidades e sentimentos que, em qualquer descuido, podem afetá-la direta ou indiretamente. Desse modo, inúmeras são as ponderações que precisam ser tomadas, sendo os relatos uma via de mão dupla: devem oferecer benefícios a ciência, mas, sem que prejudiquem o entrevistado ou entrevistada.

Certamente, nem sempre isso é possível ao longo de todo o trabalho, pois, por mais que se tenha esforço por parte do(a) pesquisador(a), ele(a) pode ser invasivo sem que perceba. Entretanto, é sobre essa ótica que história oral deve seguir: primando pelo respeito de todos(as) os que estão envolvidos(as), em especial, sobre aqueles que relatam e compartilham suas memórias.

Outro importante aspecto para que se obtenha sucesso nas entrevistas, não parte somente do arcabouço metodológico do(a) cientista, ou seja, não basta apenas dominar todas as técnicas. Um dos primeiros e mais importantes passos para que a entrevista seja concluída com sucesso, são as relações de confiança que se estabelecem entre entrevistador(a) e entrevistados(as). Sobre essa questão, Delgado destacou que:

Deve-se, portanto, buscar criar uma relação de confiança, que possa contribuir para o sucesso da entrevista. É preciso saber silenciar, ouvir, estimular lembranças, repetir em voz alta perguntas que não foram entendidas, não falar ao mesmo tempo que o depoente e repetir perguntas delicadas e importantes de diferentes maneiras. (2006, p. 28)

Além das questões subjetivas relacionadas ao ato de entrevistar e ser entrevistado(a), outro ponto deve ser destacado: a história oral transita entre o tempo. Nesse caso, não diz respeito somente ao passado, que intencionalmente, ou não, é transmitido no depoimento, mas fala também sobre o “agora”, em especial, sobre a época no qual a entrevista foi produzida.

Nesse sentido, há um “cruzamento” de temporalidades no que diz respeito tanto às memórias que são narradas, quanto aos desejos do subconsciente que são revelados ao decorrer da narrativa do(a) entrevistado(a), ou seja, “(...) registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje” (DELGADO, 2006, p. 18). Ainda segundo a autora,

a memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (DELGADO, 2006, p. 16)

Assim, partindo das abordagens definidas por Delgado, nos apropriaremos, em especial, da “entrevista temática”, a qual tem como característica as experiências vivenciadas pelos(as) entrevistados(as). Segundo Delgado, “as entrevistas temáticas podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de histórias de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento” (DELGADO, 2006, p. 22).

Ancorados na metodologia da história oral e nos conceitos definidos anteriormente, no primeiro capítulo pretendemos fazer uma discussão sobre o contexto das migrações durante o final do século XIX e início do XX, as quais foram rememoradas, a partir da década de 1980, pelos seus ascendentes. Debateremos, também, a questão da identidade e etnicidade a partir da ideia de uma suposta “italianidade”, que é construída no Brasil, a partir dos relatos familiares e da memória social erguida pelos memorialistas locais e pelo poder público.

No segundo capítulo, discutiremos o período de crise no país, devido o avanço das políticas neoliberais, que fez com que muitos brasileiros enxergassem nas migrações uma oportunidade de mudança durante a década de 1990. Outro importante aspecto que trabalharemos neste capítulo é o papel das empresas de assessoria na cidade de Criciúma e de como os(as) brasileiros(as) se articulam para conquistar a dupla cidadania.

No terceiro capítulo, analisaremos a trajetória dos(as) emigrantes cricumenses, dando ênfase para os relatos dos entrevistados e entrevistadas. A discussão permeará, principalmente, as relações de trabalho estabelecidas na Itália, no cenário da terceirização, dos subempregos e das longas jornadas. Ademais, como as migrações e o campo dos mundos do trabalho vem vivenciando nos últimos anos, a feminização atrelada a precarização, pois como apontam as pesquisas, há um número muito grande de mulheres vivenciando as migrações transnacionais, no caso específico de brasileiras direcionadas para a Itália, elas representam a maioria (ROSALEN, 2013). Entretanto, as mulheres ocupam os trabalhos com as menores remunerações e com menos garantia de direitos, especialmente as mulheres migrantes (HIRATA, 2007). Questões como: salário, moradia, jornadas de trabalho e aplicação dos recursos captados, serão importantes debates.

Por fim, no quarto e último capítulo, será abordado a articulação das redes sociais como importantes estratégias de sobrevivência no país de destino. Além disso, buscaremos identificar se há migrações pendulares e como se deu o processo de retorno ao Brasil para essas pessoas.

## **2. DA COLONIZAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA À EMIGRAÇÃO DE RETORNO PARA A ITÁLIA CONTEMPORÂNEA: ENTRE IDENTIDADES E OS DISCURSOS ÉTNICOS**

Com a finalidade de atingir o nosso principal objetivo desta pesquisa, faz-se necessário compreender o percurso histórico da imigração e da colonização italiana na região sul de Santa Catarina. Muitas pessoas partem rumo à Europa por meio da dupla cidadania, documento que está direta e indiretamente ligado a um passado fundante. Vale destacar que as migrações pretéritas e contemporâneas não são processos contínuos, mas possuem campos que coexistem. Desse modo, buscaremos apresentar um panorama da constituição da italianidade e da identidade ítalo-brasileira no sul de Santa Catarina.

O século XIX apresentou importantes mudanças estruturais geradas, em grande parte, pelas transformações do sistema capitalista mundial. Essas mudanças transmutaram as relações cotidianas e da vida privada, sendo o deslocamento de pessoas uma de suas características mais evidentes. Desse modo, o sul catarinense foi uma região marcada por diversos processos migratórios.

No fim do século XIX, centenas de famílias europeias, provenientes de distintos países, especialmente da Itália e Alemanha, foram inseridas em diferentes projetos migratórios, cujo objetivo era povoar e desenvolver economicamente uma região que era considerada pelo império brasileiro, e posteriormente, pelo governo republicano, um “vazio demográfico”. Entretanto, pensar nessas áreas como um vazio demográfico era um contrassenso, pois esses espaços do sul catarinense já eram habitados pela população indígena. Mauricio da Silva Selau diz que,

(...) o “vazio demográfico” era uma ficção, pois no Sul Catarinense, nas áreas de mata atlântica e mata de araucária vivia o grupo indígena Xokleng sem contato com a sociedade nacional - entendida aqui como o conjunto da população que vivia sob as esferas administrativas da sociedade brasileira e a ela sentindo-se pertencentes. Vivendo com base em um nomadismo estacional, este grupo fazia da caça e coleta nestas florestas as atividades principais para obter os alimentos suficientes para o seu sustento. (2006, p. 13, 14).

É possível observar um acirrado litígio entre os imigrantes e os povos originários do sul de Santa Catarina. Não somente pelos relatos dos memorialistas locais, como veremos a seguir, mas também pelas duras críticas que eram feitas a essa população nas páginas dos jornais. Os imigrantes, em especial os italianos, sentiam-se atacados e prejudicados pela presença desse grupo na região. A prova desse fatídico podia ser encontrada nas páginas dos

jornais, que estampavam os pedidos constantes ao governo para que tomassem alguma atitude em relação aos Xokleng.

No dia 23 de agosto de 1884, no *Jornal do Commercio*, apenas quatro anos após a constituição da colônia Cresciuma, é publicada uma notícia em repúdio para essas pessoas. A notícia expressa o quanto os italianos trabalharam em prol das colônias recém-formadas e do quão prejudicial para região eram os ataques realizados pelos “bugres”:

Pedimos hoje venia para nos ocupar de assunto bastante importante e a que já por vezes nos temos referidos. Os contínuos assaltos dos selvícolas do sul da província de Santa Catharina (...) Sem julgarmos de conveniência o ataque á força viva desses bugres, pois muito diverso tem sido, felizmente por parte das nossas autoridades, o systema empregado, acreditamos, comtudo, de alta conveniência resguardar os grandes interesses que já se achão acumulados no município do Tubarão e elementos que alli se congregarão principalmente por effeito de iniciativa particular. Basta lembrar que nessa zona se achão os núcleos coloniaes de Azambuja, Urussanga, Armazem e Criciúma, todos no magnifico valle que demora entre o Tubarão e Araranguá. Essas colônias, formadas de Italianos, têm dado esplendidas provas de si, e maior teria sido o seu incremento, se houvesse melhor direcção da mediação de lotes e sua distribuição (*SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO*, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1884, p. 03).<sup>12</sup>

De modo geral, a imagem dos(as) indígenas, especificamente dos(as) Xokleng no sul catarinense, passou a ser vista com recusa pelos novos habitantes que haviam chego da Europa. Os indígenas eram interpretados(as) como invasores(as) e não como grupos que já circulavam e habitavam este território, que até então não possuía fronteiras. Ao menos para esse grupo sem as fronteiras simbólicas, embora já houvessem aquelas delimitadas entre os países vizinhos e estados brasileiros, as quais esses grupos desconheciam. “Nessa relação de alteridade o índio é concebido como algoz, e não como vítima deste processo social e histórico.” (SAVOLDI, 1998, p. 26).

Concomitantemente às transformações mencionadas no Brasil e na região sul, acarretadas pelo grande fluxo imigratório, o país vivenciava outro fato político e social: o fim do tráfico negreiro, o qual não se deu pela conscientização populacional em relação às mazelas da escravidão, vendo-a como um sistema desumano — levando em conta que era uma pequena parcela da sociedade que via o sistema dessa maneira —, mas sim, por ser em grande parte considerado um modelo econômico atrasado e arcaico frente a outros países desenvolvidos, como os da Europa. Segundo Giralda Seyferth:

---

<sup>12</sup> Notícia anexada ao final deste trabalho (ANEXO A).

No pensamento imigrantista do século XIX a escravidão não é percebida como um regime imoral ou ilegítimo, mas simplesmente adjetivada por seu caráter arcaizante, um modelo econômico porque produz uma imagem negativa do país na Europa. Em resumo, a vigência do regime escravista faz da África apenas um lugar de negros bárbaros e não de imigrantes potenciais. (2002, p. 119).

Além disso, é possível observar no discurso de alguns memorialistas locais e regionais, uma tentativa de desqualificar a imagem desses homens e mulheres que foram escravizados, definindo-os como preguiçosos e diversos outros adjetivos ultrajantes<sup>13</sup>.

O padre Quinto Davide Baldessar (1991), no percurso de sua narrativa, inclui que esses homens e mulheres, até pouco tempo escravizados(as), não se relacionavam bem com seus patrões, sendo essas relações permeadas por tensões cotidianas. Devido a isso, não era viável optar pela mão de obra desses sujeitos, ainda que, segundo o padre, perante a situação de liberdade, essas pessoas optavam em marginalizar-se ante a ter que continuar se sujeitando ao que viviam anteriormente.

A imagem do imigrante italiano passa a ser supervalorizada, sendo a italianidade quase que um sinônimo de trabalho. Essa ideia era construída em oposição, não somente aos negros(as), mas também em relação aos grupos indígenas e aos lusos brasileiros. (SAVOLDI, 1998). Embora tente justificar sua opinião, Baldessar (1991) evidencia uma série de questões problemáticas em sua narrativa, dentre elas, o racismo, pois essa população viveu um violento processo de exclusão e não se “automarginalizou” como enfatizado em sua escrita.

Outro ponto questionável nas afirmações de Baldessar (1991) é que, embora muitos(as) imigrantes vivessem em situações precárias, sejam nas colônias privadas ou públicas do sul do país, ou nas fazendas cafeeiras de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, não viviam em regime de escravidão, como ele buscou salientar.

Mesmo diante de todas as adversidades vivenciadas pelos imigrantes durante o processo de deslocamento para a América, e também, em decorrência da industrialização que ceifou os direitos de muitos italianos na Itália recém-unificada<sup>14</sup>, essas pessoas receberam em solo brasileiro o que jamais nenhum(a) indígena e homens e mulheres negras haviam recebido até então: o direito à terra, ou ao parcelamento dela, mesmo com juros altos e abusivos por parte do governo ou dos diretores das companhias privadas. Pelo contrário, foram expulsos(as) e marginalizados(as) – diante da grande propaganda imigrantista feita na

---

<sup>13</sup> Como exemplo, o padre Quinto Davide Baldessar em sua obra *“Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina”* (1991).

<sup>14</sup> A unificação da Itália, ou o *Risorgimento*, foi o movimento que unificou alguns estados europeus transformando-os em país. O movimento iniciou em 1815 e se findou em 1870, sendo que o processo de unificação ocorreu, oficialmente, em 1861, com a proclamação do Reino da Itália.

Europa e pelas políticas de imigração criadas no Brasil ao longo do século XIX –, não se auto marginalizaram, como afirmado por ele.

Em sua concepção, ele também enxergava o trabalho do imigrante, suas dificuldades e sua superação como algo “superlativo”, ou seja, em um grau muito mais elevado que a vivência de outros grupos étnicos. Segundo o autor:

Sempre julguei que os imigrantes e seus primeiros descendentes viveram em grau superlativo aquilo que a humanidade de hoje tanto reprova e que se chama – ESCRAVIDÃO (...) Mas mesmo assim, vivendo e trabalhando e trabalhando e trabalhando dia e noite, houve quem vencesse. E eu me considero um deles, graças a meus pais e irmãos, como muitos outros parentes que poderão dizer algo semelhante, mas nem todos. (...). Hoje eu percebo que meu modo de pensar não foi isolado. Minha opinião razoavelmente difundida desde longa data, encontra apoio. (BALDESSAR, 1991, p. 20).

As obras memorialísticas foram estudadas em Santa Catarina, especialmente, pela historiadora e professora Cristina Scheibe Wolff (1994), de modo que, relacionada à obra mencionada acima, pode se enquadrar no que Wolff nomeou como “abordagem local tradicional”.

A autora destacou em suas pesquisas sobre a historiografia catarinense recente, três principais grupos: (1) abordagem estadual tradicional; (2) abordagem local tradicional; e (3) abordagem temática. Por outro lado, embora sejam passíveis de críticas, a pesquisadora também ressalta que isso não diminui a importância dessas obras, pois boa parte do conhecimento sobre a história e a historiografia do estado foram obtidas a partir delas.

Na abordagem local tradicional comumente são mencionados acontecimentos referentes às questões do âmbito municipal. A partir disso, também é comum aparecerem as histórias dos fundadores, famílias ditas “importantes” para a fundação das cidades, grupos colonizadores, etc (WOLFF, 1994). Ou seja, uma “história dos vencedores”, em detrimento de outros grupos marginalizados, evidenciando os mitos dos fundadores e heróis locais.

Diante do exposto, se faz necessário uma leitura a contrapelo dessas obras, de modo que não se positive um passado fundante que é reconstituído pelas narrativas dos memorialistas locais e regionais, como exemplo, os escritos e produções do padre Baldessar.

Os agenciamentos, a busca de imigrantes europeus, a ascensão do pensamento darwinista e seus preceitos de eugenia e branqueamento, juntamente com a abolição do tráfico negreiro, estavam intimamente adstritos nas transformações e na organização dos novos modos de trabalho no país.

Um dos pontos determinantes para o desenvolvimento dos fluxos migratórios, especialmente, da Europa para o Brasil e América Latina, foi a introdução e as transformações do modo de produção capitalista. Estas mudanças foram introjetadas em diversos locais, países e continentes — principalmente na Europa —, tendo a Itália, em especial os agricultores, não escapado deste processo. “A vinda de europeus não-portugueses para o Brasil, durante o século XIX, tem como pano de fundo o capitalismo, que aos poucos foi se impondo por todo o mundo” (SAVOLDI, 1998, p. 21).

Nesse período, a imigração italiana ganhou formas expressivas para se tornar um fenômeno migratório, embora, anteriormente, já fosse uma prática para alguns grupos, como exemplo, as migrações internas e para países europeus vizinhos. “O processo imigratório italiano, que começara anteriormente — por volta do período de lutas pela Unificação e de suas graves consequências econômicas, mas de forma esporádica — alcançou proporções de um êxodo de massas.” (BALDIN, 1999, p. 16).

As condições de vida da população, em sua maioria, eram extremamente precárias. Além disso, com o processo de unificação — *Risorgimento* — o governo italiano passou a destinar seus investimentos à industrialização, prejudicando os camponeses do país, principalmente aqueles situados no Vêneto, região norte da Itália. Ainda segundo Baldin, “o processo de industrialização acabou por gerar desequilíbrios econômicos que possibilitaram a integração de uma minoria detentora de capital e deixaram uma grande maioria desprovida de bens, à margem do processo.” (1999, p.16).

O processo de unificação no Vêneto não se deu da mesma maneira em que outras áreas do estado unitário, tendo estes camponeses resistido de diversas formas, inclusive por meio da imigração. Sendo assim, idealizavam muitas vezes, construir o seu próprio Vêneto em outro local, a partir da reprodução de seu modo de vida, costumes, e também, por meio da conquista de suas próprias terras. Segundo Luis Fernando Beneduzi:

Na distância da terra amada que a nova vida provoca, na impossibilidade de um retorno que a situação presente manifesta, no pressentimento de uma inevitável desilusão com o retorno, o nostálgico busca reconstruir um espelho daquilo que foi deixado (...) a busca de uma reelaboração dessa terra de partida, justamente procurando construir esse aclimatamento possibilitador da sobrevivência em terra estrangeira, dar-se-á pela preservação de fragmentos conectores com o lugar de nascimento. (2004, p. 254, 265).

Essas observações acerca das dificuldades vivenciadas após a unificação italiana, nos evidenciam outra questão pertinente que vai além da problemática econômica: a discussão acerca da identidade étnica. Comumente, tem-se a ideia cristalizada de que a italianidade que

aqui foi vivenciada pelos imigrantes se dava da mesma forma em território italiano, porém, é possível observar que a Itália não era dividida apenas territorialmente, mas que as identidades étnicas do “italiano” e da “italiana” eram mutáveis e diferenciadas simbolicamente nesse espaço geográfico, mesmo após a unificação. Essas tensões podiam ser percebidas em várias práticas, como, por exemplo, os dialetos. Beneduzi (2004) também disse que,

(...) através da anexação ao Reino da Itália, o Vêneto deixa de ser uma possessão austríaca e passa a ser uma região italiana. Porém, embora grande parte do processo de unificação tivesse já findado e uma significativa parte da península pertencesse à casa dos Savóia, de fato o sentimento pátrio, a identificação com uma italianidade não era corrente. (2004, p. 91).

É certo que haviam estranhamentos dentro dessa unidade que era a italianidade, pois espalhados pelo território brasileiro haviam italianos e italianas de distintas regiões, com diferentes dialetos e costumes, sendo que os migrantes do Norte, em especial, não se enxergavam como parte da nação italiana, e sim como integrantes de suas antigas regiões inseridas no Vêneto. Embora houvessem impasses com o termo “italianos e italianas”, essa coletividade passou a ser presente e necessária além-mar devido especialmente a longa distância do território nacional dessas pessoas, mostrando, desse modo, que as relações identitárias e a sua constituição são extremamente complexas.

Seria um erro dizer que essa identidade era de um todo negada, pois, ainda que a questão regional se fizesse presente (vênetos, lombardos, etc), a italianidade também era útil a esses grupos. Sobre essa discussão acerca da etnicidade em contextos migratórios, Poutignat e Streiff-Fenart, mencionaram que,

em outras palavras, a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduo ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações (1997, p. 124, 125).

Apesar das tensões, a italianidade também era mobilizada em prol de benefícios, como, por exemplo, a conquista de trabalho. Apesar dos estranhamentos, Savoldi diz que “(...) quando comparados aos 'outros', as diferenças internas não desaparecem, mas são enfatizadas as semelhanças, como no caso a disposição para o trabalho.” (SAVOLDI, 1998, p. 30).

A nomeação de um grupo, mesmo que até certo ponto negada pelos mesmos, pode, no decorrer das circunstâncias, gerar um sentimento de coletividade, especialmente em contextos migratórios onde há determinados desconfortos, devido as inúmeras mudanças. Assim, aquilo que é ao mesmo tempo negado – a identidade imposta por outros –, pode também se concretizar em um determinador de uma solidariedade real mediante os desafios e dificuldades que são colocados.

De modo geral, a imigração para os agentes sociais, oriundos das regiões do Vêneto, passou a ser concebida como uma possibilidade para aqueles que tinham poucas oportunidades em seu país. A participação familiar era substancialmente importante para esse processo, pois devido a força de trabalho de todos(as), garantiam a subsistência. Desse modo, infere-se que não era necessário somente o deslocamento para prosperar além-mar, mas também a organização da família e suas estratégias de sobrevivência:

Portanto, a emigração se articulava em família, possibilitando que, por meio dos laços parentais – irmão, primos, tios – seguissem para a América e elaborassem estratégias coletivas, que lhes permitissem a própria continuidade da vivência camponesa. (VENDRAME, 2011, p. 75).

O imigrante se deparou com uma nova realidade, sendo necessário a conformidade com o novo local, mas, ao mesmo tempo, implicou aspectos de resistência, reordenando o espaço a partir de símbolos, crenças, costumes, dialetos, etc.

## 2.1. OS LITÍGIOS ÉTNICOS E OS DISCURSOS DE ALTERIDADE NA CIDADE DE CRICIÚMA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Buscando contextualizar esses processos neste trabalho, é necessário situarmos esses projetos migratórios no sul catarinense. Foram criadas, nesse período, as colônias Azambuja (1877), Urussanga (1878), Grão-Pará (1882), Cresciúma (1880), e já no governo republicano, a Colônia Nova Veneza (1891).

Ao falar de Criciúma, localidade que é nosso recorte espacial, a historiografia local construída principalmente por memorialistas, como Otilia Arns, menciona que os primeiros imigrantes chegaram na cidade por volta de 1880, sendo estes primeiros colonizadores, imigrantes italianos(as). Arns destaca que, inicialmente, 22 famílias de imigrantes italianos se instalaram na colônia, sendo ao todo, composto por mais de 120 pessoas. Ainda segundo a autora:

A relação dos nomes das famílias dada pelo IBGE foi confirmada por diversos informantes descendentes que, em seu conjunto, completam 22 nomes das famílias citadas a seguir: Benedet, Biléssimo, Casagrande, Dário, Darós, De Lucca, Martinello, Meller, Milanez, Milioli, Netto, Ortolon, Pavan, Piazza, Pierini, Pizzetti, Bristot, Scotti, Sônego, Thomés, Venson, Zanette. O documento Primeiro Emigrante in Cresciuma, cita, além dos mencionados, ainda os nomes: Ros, Rosso, Fontana e Targheta. (ARNS, 1985, p. 43).

A antropóloga Gláucia de Oliveira Assis (2006) destacou em suas pesquisas que essas pessoas eram oriundas principalmente de Treviso, Beluno, Cremona e regiões do norte da Itália. As duas primeiras comunas<sup>15</sup> situam-se no Vêneto — local que a grande maioria desses imigrantes vieram, já a comuna de Cremona é oriunda da região de Lombardia. No mapa a seguir é possível identificar as duas regiões, Lombardia e Vêneto, situadas ao norte do país.

Figura 1- Regiões da Itália



Fonte: CRISTINA, Carla. **Mapa de regiões na Itália**. s/d. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/454582156117291125/?autologin=true>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

<sup>15</sup> *Comuna* equivale aos municípios no Brasil.

Grosso modo, podemos inferir que a presença destes(as) colonos(as) no sul catarinense gerou importantes impactos no desenvolvimento econômico da região. Sendo que, para a melhoria do transporte de pessoas ou de produtos, estradas e a própria ferrovia, foram construídas, criando novos caminhos de circulação e ampliando as atividades econômicas da região. Dorval do Nascimento destaca:

A Estrada de Ferro Tereza Cristina é um excelente ponto de observação da cidade, uma torre de cuja janela histórica e teórica é possível desvendar determinados aspectos decisivos na formação de Criciúma (...) os trilhos e as estações da estrada de ferro foram elementos fundamentais da vida social e cultural dos habitantes de Criciúma. (2000, p. 18).

Desse modo, é possível observar que a colonização no sul catarinense, em especial na cidade de Criciúma, gerou importantes transformações não só no cenário urbano e econômico, mas também nas relações de sociabilidade estabelecidas na colônia e, posteriormente, no município. Ainda, vale destacar que, ante a retórica do desenvolvimento posto com a chegada dos imigrantes, é necessário sempre questionar o violento processo ocasionado em detrimento desse “desenvolvimento”, pois uma série de acontecimentos traumáticos foram vivenciados pelos povos originários e por grupos que foram marginalizados no processo de colonização da cidade.

Dessa forma, a imigração e a colonização não foram processos uniformes, sem tensões e disputas, conflitos os quais não se findaram no início do século passado, e as disputas narrativas sobre os heróis e os mitos ainda pulsam, sejam por meio das festas e monumentos, dos relatos familiares de descendentes de imigrantes, ou por meio do trabalho do setor público e dos memorialistas locais.<sup>16</sup>

Em entrevista realizada no dia 19 de março de 2019, com Julia<sup>17</sup>, uma criciumense que partiu para a Itália no início dos anos 2000, a questioneei sobre o sentimento de pertencimento vivenciado pelos(as) descendentes da região especialmente quando esse pertencimento é materializado em eventos e monumentos. É importante destacar que Julia

---

<sup>16</sup> Em um dos capítulos de sua tese de doutorado, Nascimento lança um debate acerca dos livros escritos por memorialistas locais, especialmente aqueles lançados entre as décadas de 1970 e 1980, momento em que efervescia, na cidade, as discussões acerca do centenário de colonização de Criciúma. Ver: NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. 2006. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Julia, no dia 19 de março de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

não é descendente de imigrantes e quando partiu rumo a Itália, foi de maneira irregular, ou seja, sem o documento e permaneceu assim por um longo tempo. Ao observar sua trajetória e suas experiências laborais, dou enfoque para seu olhar a respeito dessas “tradições inventadas” na região sul de Santa Catarina. Sobre este conceito, Eric Hobsbawm afirmou que:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (2008, p. 09).

Segundo a entrevistada, tradições como a polenta italiana, a macarronada, as festas de memórias, ou até mesmo o baile de máscaras, são questões problemáticas:

Pra mim é uma piada! Uma piada! Eles se acham, tá? Os italianos que não são italianos, me desculpem o termo. Eu sou italiana! Eu me considero italiana! Porque eu vivi lá, eu sei o que é a verdadeira pasta, eu sei o que é a verdadeira minestra, eu sei o que é o verdadeiro *sugo*, tá? Mas eles não me consideram italiana, porque eu não tenho sobrenome, simplesmente por isso, tá? Minestra lá que eles fazem, eu nunca vi aqui na vida, italiano não gosta de polenta! Eles não comem polenta! Porque na guerra eles foram obrigados a comer polenta dia e noite, polenta e cachorro, tá? Por isso que hoje eles adoram bichos e cuidam tanto de bichos! Porque na época da guerra eles foram obrigados a comer os cachorros, porque não tinham comida. Então, polenta eles não comem e aqui, o que os “italianos”, os descendentes de italianos querem dizer: “ah, polenta com galinha... eu nunca vi cara”, eu fui de norte a sul, de sul ao norte e eu não vi polenta com galinha, eu não vi minestra do jeito que eles fazem aqui (JULIA, 2019).

Dessa maneira, nota-se que existe um confronto entre a memória individual da emigrante em contrapartida a uma memória coletiva e herdada pelos grupos de descendentes contemporâneos. Sabe-se que a memória é uma relação construída social e individualmente, porém, no campo das memórias herdadas, há uma relação muito próxima com o sentimento de identidade, ou seja, a maneira como a pessoa se enxerga perante ao mundo e quer que os outros a enxerguem também (POLLACK, 1992).

Além disso, há por parte dos descendentes de imigrantes uma busca contínua em evidenciar características de seus antepassados, cristalizando costumes que datam mais de cem anos, com intuito de legitimar um discurso colonizador. Para Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao

passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (2008, p. 09).

Ao falar do Baile de máscaras<sup>18</sup>, festa realizada na cidade de Nova Veneza<sup>19</sup>, a criciumense também demonstra insatisfação, mesmo que o evento seja parecido como o “Carnavale di Venezia<sup>20</sup>”. De acordo com seu olhar, é uma festa muito bem reproduzida, já que é organizado por alguém que teve contato com a festa italiana. Seu principal questionamento é em relação ao tratamento dado aos que não são considerados descendentes de italianos(as), sendo assim, uma região com uma cultura racista. Segundo ela,

O “Carnevale di Venezia” que eles fazem aqui, até é parecidinho, assim... mas por que? Porque quem produz, eu sei, eu conheço a pessoa que faz, né? Ela viveu na Itália, ela morou na Itália e ela sabe como lá se faz e funciona. Então, ela fez parecido, realmente, parabéns pra ela. Eu fui esse ano, parabéns, ela fez bem certinho... porque ela viveu lá e ela sabe como funciona, ela imitou, né? Mas tudo bem. O que eu fico indignada, e eu estou indignada! É o modo como eles tratam a gente, quando a gente vai ali naquela cidadezinha. Uma diferença muito grande, que pra mim é racismo também (JULIA, 2019).

Percebe-se assim, que há uma intensa disputa no campo da memória, mesmo em locais em que essas identidades étnicas se fazem presente há décadas, ou séculos. Por mais que se busque forjar uma identidade ítalo-brasileira para a região sul de Santa Catarina, especialmente nas cidades de colonização italiana, como Criciúma e Nova Veneza, ainda assim há um tensionamento entre os discursos que entram em confronto. Embora a ascendência seja utilizada como parâmetro identitário, percebe-se, no discurso da entrevistada, que há também uma identificação com a cultura italiana por ter morado lá, mesmo não possuindo um “sobrenome”.

Sobre esses litígios referentes a memória, Pollack afirmou que “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (1992, p. 204, 205). Além dessa questão, que permeia a constituição de uma identidade homogênea, erguida a partir dos processos de

---

<sup>18</sup> Evento que ocorre anualmente na cidade de Nova Veneza/SC, inspirado nos bailes que ocorriam há séculos nos palácios de Venezia (Itália).

<sup>19</sup> Nova Veneza é uma cidade vizinha de Criciúma/SC, sendo composta majoritariamente por descendentes de italianos(as).

<sup>20</sup> O evento que surgiu no século XVI, era voltado para a nobreza italiana. Atualmente, se tornou uma festa popular no país, a qual ocorre todos os anos.

rememorações de uma identidade única e estática, há também outros dilemas, como, por exemplo, o silenciamento dos demais grupos étnicos de imigrantes e seus descendentes.

Onde estão os outros grupos que aqui aportaram no período da colonização? Pouco se fala a respeito dos poloneses(as), menos ainda se comenta sobre os russos(as). Entretanto, algumas reportagens demonstram que essa homogeneidade na colonização de uma cidade feita e erguida por italianos e italianas em seus anos iniciais, é contrariada ao se analisar algumas páginas de jornais regionais do final do século XIX. Embora essas reportagens buscassem desqualificar esses ‘outros’ imigrantes, conhecidos como os “não italianos”, em suas entrelinhas, é possível ver as disputas estabelecidas na colônia Cresciuma.

A partir de pesquisas na Hemeroteca estadual, foi possível encontrar alguns desses indícios. Entre os meses de setembro e outubro de 1891, fora publicado no jornal lagunense *O Futuro – Orgam Republicano*, quatro reportagens<sup>21</sup> a respeito desses imigrantes “indesejáveis”. Na primeira matéria analisada, do dia 27 de setembro de 1891, intitulada de *Cresciuma*, destaca-se as repetidas reclamações feitas por moradores do núcleo colonial, assim como de outros núcleos da região. Segundo a reportagem, os colonos italianos temiam que fossem roubados e saqueados, por isso estavam em constante vigia de suas casas e lavouras.

A motivação para essa histeria partia da recente chegada dos “miseros” russos em seu território. Toda essa apreensão se dava pelo fato de os russos, na época, não terem conseguido constituir suas residências e plantações, pois encontravam-se sem elementos de subsistência. Como eram processos que necessitavam de tempo, a grande preocupação dos italianos era saber como esses outros imigrantes viveriam até o próximo ano.

Assim pois, só de Abril do anno próximo futuro em deante, ficarão esses immigrants abastecidos dos recursos mais urgentes da vida. Até lá de que viverão elles? De que meios lançarão mão para haverem o indispensavel á sua manutenção e de familia, em geral númerossima? (CRESCIUMA, O Futuro, Laguna, 27 setembro 1891, p. 01).

Já na reportagem do dia 04 de outubro de 1891, no mesmo jornal, a narrativa tornou-se mais agressiva. Além da preocupação relativa aos roubos, que haviam sido relatados em mensagens anteriores, surge outra questão: as doenças que são trazidas pelos “russos vadios”.

De acordo com o interlocutor da reportagem, o estado não estava cumprindo com suas obrigações em relação à saúde dos imigrantes trazidos de longas viagens marítimas, pois

---

<sup>21</sup> Possivelmente, existiram outras reportagens a respeito dessa temática, mas essas foram as que encontramos nos jornais disponibilizados na Hemeroteca estadual de Santa Catarina.

esses chegavam adoecidos aos portos e assim eram enviados para as regiões de destino, sem nenhum tratamento sequer. Todavia, não eram todos os imigrantes que traziam consigo as doenças, apenas os russos. Desse modo, o escritor da mensagem clama por um local de atendimento e estadia em Santa Catarina que os mantivessem isolados para que essas pessoas não circulassem espalhando suas enfermidades aos demais. Além disso, ao comparar os imigrantes italianos do sul do estado em relação aos russos, o autor evidencia uma espécie de superioridade, pois, para ele, dez russos não valem por um “bom patrício”:

(...) Infelizmente elles não vão do Rio em direitura aos pontos a que se destinam, como seria de conveniencia para todos; os que para aqui se destinam ficam dias e dias no Desterro, devido ao defeituosissimo plano de viagem ultimamente adoptado pelo Lloyd Brasileiro e dali, daquelle foco de varias molestias epidêmicas, se espalham para o Norte e para o Sul, levando a todos os logares do destino, as mais cruéis e desoladoras molestias, sobresaltando e aterrorizando as populações ruraes, baldas em geral, dos recursos necessários á conjuração do mal. Para evitar-se esta invasão constante de elementos mórbidos, no meio de gente desprevenida. seria talvez conveniente crear-se desde já, uma grande hospedaria central de internação no Estado, destinada a receber directamente da Europa os immigrants (...) o que não podemos nem devemos é continuar a receber immigrants pelo actual systema, importando diariamente as mais horríveis molestias, das quaes já estaríamos abarrotados si não fosse o zelo inexcedivel da nossa patriotica intendencia. Neste caso, seria talvez preferível acabar-se com a immigração para o Sul do Estado, pois por cada dezena de russos vadios, glotões, barulhentos e carregados de bentinhos que importamos, estamos arriscados a perder um patrício útil a todos os respeitos. E francamente: o lucro não compensa o prejuízo! (IMMIGRAÇÃO, O Futuro, Laguna, 04 de outubro de 1891, p. 01).

Em reportagem publicada no dia 11 de outubro de 1981, no mesmo jornal, mais uma vez é possível destacar a superioridade de outros imigrantes em relação aos russos e, também, aos “polacos” (poloneses). O autor deixa claro que é um erro trocar os civilizados imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e alemães, pela selvageria desses outros dois grupos étnicos:

O nosso estado, sempre premunido contra esses factores de desordem e regresso a selvageria, tambem nestes ultimos tempos tem tido razões para queixar-se e valiosissimas razões, pois deixar-se o italiano, o portuguez, o hespanhol, o allemão para colonizar-se com russos turbulentos e polacos fanaticos é, em verdade, uma loucura de inconcebiveis consequencias. (...) Os russos e os polacos são gente acostumados a servidão e a todas as miserias e baixezas que esse estado social determina e portanto, sem as noções de dignidade do trabalho e do respeito individual e da familia que tão altamente caracterizam o allemão, o italiano, o portuguez. (IMMIGRAÇÃO, O Futuro, Laguna, 11 de outubro de 1891, p. 01).

Ele também é enfático ao afirmar que esses novos imigrantes são os responsáveis pelo comprometimento do progresso trazido pelos colonizadores “civilizados”, e que a desordem das colônias, até então caracterizadas como pacíficas, fora gerado pelos conflitos, e também

pelas portas de comércios que eram fechadas por medo de roubos. Todos esses conflitos, ao que tudo indica, é fruto dessa imigração e movimentação indesejada, de modo que gera não só problemas aos colonos, mas também aos cofres públicos que precisavam conter esses grupos.

Na última notícia analisada, mais uma vez, percebe-se a tensão em relação a essas pessoas. Ao falar da colônia de Cocal, o jornalista deixa claro que não acredita no sucesso do local enquanto for “povoada por polacos e russos — gente viciada, indolente — as desordens hão de repetir-se sempre. Ao nosso ver, o melhor que há fazer o governo é repatriar esses infelizes.” (TUBARÃO, O Futuro, Laguna, 25 de outubro de 1891, p. 02).

Otília Arns, em sua narrativa do livro de comemoração do centenário de Criciúma, busca amenizar essas tensões vivenciadas. Ela menciona Cocal, mas fala apenas que haviam duas igrejas distintas, onde, em cada uma delas, era orado no idioma dos italianos e no dos poloneses, “(...) o padre rezava uma missa na igreja dos poloneses com sermão em polonês e outra na igreja dos italianos com sermão em italiano. Ambas as comunidades estavam satisfeitas com o atendimento religioso.” (ARNS, 1985, p. 85).

Uma das coisas que Arns não menciona no livro sobre a ‘cidade das etnias’ é que os violentos confrontos ocorridos entre esses imigrantes, ocasionaram graves ferimentos, bem como mencionado nas páginas dos jornais. É perceptível também, a tentativa de demonstrar o quão harmonioso se tornou as relações posteriormente estabelecidas entre os italianos e os poloneses:

Esse distanciamento étnico obrigou os jovens a buscar o casamento somente nas famílias polonesas e a evitar o cruzamento com as etnias italiana e alemã. Com o decorrer dos tempos, essa reserva se apagou e hoje “todos vivem em perfeita harmonia”, e os casamentos interétnicos podem ser considerados frequentes. (ARNS, 1985, p. 85).

A autora também menciona que os poloneses vivenciavam situações pouco amistosas com os italianos, sendo, inclusive, preferível socializar com os imigrantes alemães, pois sentiam certa “afinidade” com esse grupo étnico. (ARNS, 1985). Possivelmente, essa afinidade com os alemães se dava pelo fato de que ambos os grupos étnicos eram minorias na região sul, ao contrário dos italianos(as). Em relação aos russos, que se estabeleceram na Linha Anta e em Três Ribeirões, na colônia de Criciúma, Arns (1985) menciona que eles mantinham boas relações com os demais, mas que, devido às dificuldades que aqui vivenciaram, resolveram regressar ao seu país de origem.

É possível inferir que essas relações não eram amistosas como a autora pontuou, pois esses(as) eram vistos como selvagens, saqueadores(as) e doentes. Desse modo, podemos corroborar com o que Sayad aponta em suas pesquisas que, mesmo nos contextos de imigração, existem hierarquias e diferenciações sociais entre os grupos de imigrantes, sendo os recém-chegados, situados na faixa mais inferior dessa relação social. (SAYAD, 1998). Muitos regressaram a Rússia, seu país de origem, devido aos confrontos que vivenciaram com os imigrantes italianos, o qual evidenciavam uma disputa não só pelo território, mas, principalmente, uma superioridade étnica, mesmo que ambos fossem imigrantes.

As áreas coloniais destinadas a estes(as) imigrantes foram se desenvolvendo por meio de subsídios do setor público, a partir das políticas migratórias criadas pelo governo brasileiro, e também, pelo investimento de empresas particulares, como exemplo a Ângelo Fiorita e Cia, e a Companhia Metropolitana, empresas responsáveis pela criação e administração da colônia Nova Veneza, em seus primeiros anos<sup>22</sup>. Em relação a formação das colônias: “(...) é possível perceber dois tipos distintos de colonização: as iniciativas públicas e as iniciativas privadas, onde tanto uma quanto a outra tinham como intuito a ocupação do território e a produção de atividades que desenvolvessem o potencial econômico da região” (CABRAL, 2017, p. 26).

As antigas colônias se fragmentaram política e geograficamente, dando origem a diversos municípios do sul catarinense. Na tabela abaixo, é possível identificar alguns desses municípios criados, as respectivas leis de criação e suas datas. Utilizamos como base as cidades que fazem parte da Associação dos Municípios da Região Carbonífera – AMREC.

Tabela 1 - Municípios da AMREC

MUNICÍPIO	CRIAÇÃO	LEI	PERTENCIA
Balneário Rincão	03/10/2003	Lei estadual nº 12.668	Içara
Cocal do Sul	26/09/1991	Lei 8.352 - 26.09.1991	Urussanga
Criciúma	04/11/1925	Lei 1.516 - 04.11.1925	Araranguá
Forquilha	26/04/1989	7.587 - 26.04.1989	Criciúma
Içara	20/12/1961	796 - 20.12.1961	Criciúma

<sup>22</sup> Para uma discussão sobre as empresas e sobre a constituição da colônia Nova Veneza, ver: CABRAL, Nathália Pereira. **Processos migratórios e as disputas na 'colônia modelo'**: a Companhia colonizadora Metropolitana e a constituição do núcleo Nova Veneza. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Lauro Müller	06/12/1956	273 - 06.12.1956	Orleans
Morro da Fumaça	30/03/1962	816 - 30.03.1962	Urussanga
Nova Veneza	21/06/1958	348 - 21.06.1958	Criciúma
Orleans	30/08/1913	981 - 30.08.1913	Urussanga
Siderópolis	19/12/1958	380 - 19.12.1958	Urussanga
Treviso	08/07/1995	9.864 - 08.07.1995	Siderópolis
Urussanga	06/10/1900	474 - 06.10.1900	Tubarão

Fonte: Associação dos municípios da região carbonífera - AMREC. Elaborada pela autora (2019).

Segundo informações do site da associação, a AMREC foi criada no dia 25 de abril de 1983. Inicialmente, faziam parte somente sete municípios, levando em conta que algumas cidades que passaram a integrar a associação posteriormente, ainda não haviam sido criadas/emancipadas.

Figura 2 - Municípios da AMREC



Fonte: CISAMREC (Santa Catarina). **População da Região de Saúde Carbonífera**. 2019. Disponível em: <https://cisamrec.sc.gov.br/indicadores-saude/populacao-da-regiao-de-saude-carbonifera/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

Segundo a AMREC (2015), os municípios iniciais que integravam eram: Criciúma, que desde então é a sede da AMREC, Içara, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Siderópolis e Urussanga. Alguns anos depois, passaram a fazer parte os municípios de Forquilha, Cocal do Sul, Treviso, Orleans e o último município integrado, até então, Balneário Rincão. Atualmente, a AMREC conta com a participação de 12 municípios do sul catarinense.

## 2.2. A REMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO NA CIDADE DE CRICIÚMA E O IMAGINÁRIO DO “IMIGRANTE QUE DEU CERTO”

Pesquisas feitas por Adiles Savoldi (1998), Dorval do Nascimento (2006), Emerson César de Campos (2003), Gláucia de Oliveira Assis (2004) e Michele Gonçalves Cardoso (2011), evidenciam as tentativas de alguns descendentes catarinenses em positivar um passado fundante, glorificando as narrativas sobre seus ascendentes italianos(as), os quais são definidos como bons trabalhadores, éticos e responsáveis, em detrimento de outros grupos étnicos. Além disso, “o trabalho dos imigrantes italianos é apontado como critério diferenciador de outros grupos também em outras partes do mundo.” (SAVOLDI, 1998, p. 32).

Ou seja, o discurso de alteridade habitualmente é utilizado para evidenciar um passado - e um presente – vitorioso, sendo esses imigrantes vistos como aqueles que saíram da miséria a partir de seu labor, como observado por Savoldi: “(...) os colonos, na transição da condição de deserdados na Itália para a de proprietários no Brasil, atribuem esse sucesso à ação do trabalho” (1998, p. 31).

Nas últimas décadas, alguns desses(as) descendentes estão se inserindo em um novo movimento migratório, acionando a dupla cidadania para alavancar projetos pessoais, motivados(as), na maioria das vezes, por fatores econômicos, mas não somente. Nesse sentido, a questão étnica é utilizada como uma estratégia para a mobilidade por meio da conquista da dupla cidadania. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart:

(...) os traços étnicos nunca são evocados, atribuídos ou exibidos por acaso, mas manipulados estrategicamente pelos atores, como elementos de estratégia, no discurso das interações sociais, por exemplo, para exprimir a solidariedade ou a

distância social, ou para vantagens imediatas que o ator espera para obter pela apresentação de uma identidade étnica particular. (1997, p. 168)

As atividades desempenhadas por estes imigrantes na virada do século XIX para o XX foram exaltadas por diversos projetos de memória, principalmente, nos anos de 1970 e 1980, quando ocorreram as comemorações dos centenários de imigração italiana em diversas cidades catarinenses:

Através dessas comemorações retomam o discurso étnico, os relatos de imigração, o inventário das italianidades. Essas festas marcam o movimento de (re)contar a história da imigração e rememorar os sentimentos de pertencimento étnico. (ZANINI; ASSIS; BENEDUZI, 2013, p. 148, 149).

Em Criciúma, a rememoração ocorreu no ano de 1980, ano em que foi comemorado o centenário de colonização da cidade. Dorval do Nascimento (2006) analisa a passagem da identidade carbonífera para a identidade étnica e como essa etnicidade, a partir do centenário, foi forjada em prol de interesses.

As comemorações do centenário no município de Criciúma ocorreram pelas ações do prefeito Altair Guidi, que governou de 1977 a 1983 e de 1989 a 1993. O governante via a associação da cidade ao carvão como algo prejudicial e desse modo, percebeu que seria uma estratégia positiva sensibilizar a comunidade em relação às identidades étnicas, para forjar uma nova identidade para a “capital do carvão”. Por mais que houvessem muitos descendentes de imigrantes, poucos demonstravam interesse em relação a isso, tanto que grande parte da cidade, na época, não sabia o que significava a palavra etnia (NASCIMENTO, 2006).

No prefácio do livro de Oflia Arns, *A semente deu bons frutos* (1985), o prefeito deixa evidente seu interesse e seu empenho em “preservar o passado” que havia sido esquecido e que devia ser retomado por meio das festividades e comemorações:

Os realistas que se dedicaram a preservar o que ainda resta do nosso passado, não poucas vezes tem alertado para o fato de que este é um país sem memória. (...) os exemplos do passado são como pedras moldadas pelo tempo para formar a base da civilização do presente e, em muitíssimos casos, esta base é a mais importante do que tudo que posteriormente se construiu por cima. Por fim, os degraus dessa escada descendente e que se perde nos confins do tempo, são patrimônio da geração que hoje segue a trilha do amanhã e, a ninguém é dado o direito de destruir o patrimônio que é de todos. (GUIDI, 1985 apud ARNS, 1985, n.p).<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Prefácio feito pelo prefeito e arquiteto Altair Guidi. Não consta o número da página (n.p).

Em sua fala, Guidi deixa implícito que os ganhos obtidos em décadas anteriores com a exploração do carvão e com a criação de indústrias na região só foram possíveis uma vez que os imigrantes desempenharam um árduo trabalho. Para ele, “os exemplos do passado são como pedras moldadas pelo tempo para formar a base da civilização do presente”.

Ainda sobre o ponto de vista de Guidi, as conquistas só foram possíveis devido à colonização e a imigração, por isso aquele era o momento de lembrá-las e torná-las “cristalizadas” nos museus, festas e monumentos da cidade. A exemplo disso, o museu Augusto Casagrande foi inaugurado no ano de 1980, estrategicamente no ano do centenário da colonização na cidade de Criciúma. Ainda que o museu tivesse como proposta a valorização da diversidade étnica na cidade, é perceptível que um grupo ganha mais evidência, os italianos(as). Essa evidência fica clara, pois o nome escolhido para o museu homenageia um imigrante italiano, os detalhes – objetos – da composição do espaço, que embora pertencessem a diversas outras pessoas e grupos, são estrategicamente organizados para remeter à família de Cecília Daros e seu esposo Augusto Casagrande.

Figura 3 - Museu Augusto Casagrande



Fonte: ENGEPLUS. Douglas Saviato. Criciúma. Museu Augusto Casagrande está fechado para reformas. 2014. Disponível em: < <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/museu-augusto-casagrande-esta-fechado-para-reformas>>. Acesso em: 01 jan. 2020.

É válido ressaltar que, mesmo com todo o empenho do setor público em tornar Criciúma a “Cidade das Etnias”, esse deslocamento não foi tão simples, haja vista que a

imagem e a identidade carbonífera ainda pulsara, como é possível perceber na fala do presidente do país na época, João Baptista de Oliveira Figueiredo, em relação à cidade de Criciúma. Segundo o governante, em mensagem publicada no livro do centenário,

os cem anos de Criciúma, que se cumprem a 6 de janeiro, viram crescer e multiplicar-se uma coletividade cujo trabalho se desenvolveu, a partir de 1923, em torno das minas de carvão. Mas apesar de representar o fator básico de sua economia, a indústria carbonífera não constitui a atividade única de Criciúma. Entre outras, cumpre destacar a indústria cerâmica, que tornou Criciúma famosa pelos seus azulejos decorados, de finíssima fabricação. Nesta nova fase que se inicia para a economia brasileira, o carvão, ao lado da força hidrelétrica e do álcool carburante, há de ocupar lugar de vanguarda como gerador de energia. A reabilitação do carvão mineral oferecerá, sem dúvida, oportunidade de novo surto de progresso para a florescente cidade, que assim continuará trabalhando cada vez mais intensamente para o desenvolvimento nacional. (FIGUEIREDO, 1985 apud ARNS, 1985, p. 13).

O carvão ainda era vital para Criciúma, seja em sua economia e até em suas memórias. Apesar de uma imagem negativada em relação à indústria carbonífera, devido à poluição que ocasionava na região, ainda era responsável por boa parte dos empregos. Arns, observou que,

(...) depois da atividade de “doméstica/do lar” a segunda atividade mais comum na região, com cerca de 16,61% de pessoas foi “operário/mineiro”, o que revela uma característica socioeconômica do Município de Criciúma como região de extração de carvão mineral e de sede de uma variada gama de indústrias (1985, p. 161).

Para Dorval (2006), buscou-se forjar no centenário a identidade étnica da cidade. Não que não houvesse, de fato, um grande número de descendente de imigrantes, mas esse vínculo nunca fora anteriormente tão exaltado quanto durante o governo de Altair Guidi. A imagem dos colonos e colonas passou a ser valorizada como elemento constitutivo da identidade, sendo as festas familiares ou de comunidades, assim como, diversas outras manifestações culturais, elementos determinantes para o movimento de busca pela cultura dos antepassados. Sobre o termo colono, Nascimento traz que:

A palavra *colono* condensa representações que remetem para o início de um processo de formulação de uma identidade que tem por fundamento a origem e, portanto, se posiciona social e culturalmente no campo da etnicidade. Utilizada como sinônimo de imigrante, a palavra aponta, de um lado, para a principal contribuição que o discurso sobre a imigração atribui ao colono/imigrante: o trabalho agrícola civilizador, que ocupou vastas áreas de matas no sul do Brasil e, assim, garantiu a ocupação desta parte do país. Esse discurso afirmava o trabalho imigrante como de superior qualidade quando comparado ao nacional. (2006, p. 72, 73).

Percebe-se que a imagem do colono e da colona são ressignificadas, atribuindo-lhes valores positivos. O que em décadas anteriores às comemorações dos centenários no sul catarinense eram vistas como algo robusto e ultrapassado, nas últimas décadas passam a ser romantizadas nos relatos familiares e, também, por meio de iniciativas do setor público.

Durante os anos de 1950 e 1960 havia uma ambiguidade em torno da figura dos colonos(as). Ainda que em muitos discursos sobre a história da cidade esses imigrantes fossem positivados devido ao seu esforço e trabalho na constituição das colônias, a palavra também vinha carregada de todo o preconceito por parte da população citadina que, em sua maioria, enxergava o trabalhador rural e a população do campo como algo “atrasado” (NASCIMENTO, 2006).

Atualmente, nota-se que essa palavra soa com mais naturalidade em meio as atividades da população, seja na cidade de Criciúma ou nas cidades vizinhas. Isso porque ocorreu um longo processo em busca de uma redefinição para esse termo, de modo que ele deixou de remeter somente ao habitante do meio rural, para ser atribuído aos descendentes de imigrantes que vivem na cidade em meio ao “progresso”. O autor também falou que,

(...) esse caminho foi trilhado na direção de uma passagem de um discurso sobre a imigração e imigrantes para um discurso sobre etnias e grupos étnicos, passagem quase imperceptível, mas através da qual o discurso sobre a imigração forneceu a base para um sentimento de pertencimento ao grupo étnico. As mudanças de sentido da palavra *colono* e os tratamentos que ela recebe nos permitem acompanhar a maneira como os relacionamentos sociais assumem um viés étnico crescente na cidade carbonífera. (NASCIMENTO, 2006, p. 77, 78).

Ou seja, percebe-se, a partir dos interesses do setor público em evidenciar um passado pautado na etnicidade, e como veremos a seguir, o interesse da população em ressaltar uma italianidade na busca de direitos fora do país, que há uma negociação identitária, não sendo um processo ingênuo, por mais que houvesse o desejo de rememorar um passado fundante dos antepassados, dos seus “nonos e nonas”:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLACK, 1992, p. 204).

Nesse movimento de busca identitária muitos descendentes procuraram obter a dupla cidadania italiana. Motivados por esse processo de exaltação das características de uma

suposta italianidade, essas pessoas também observaram na obtenção deste documento, uma oportunidade para migrar. Especialmente ao longo da década de 1990, período em que o Brasil e, de modo especial a região sul catarinense, atravessavam uma intensa crise econômica, a migração para outros países tornou-se uma importante alternativa (ASSIS, 2004; CARDOSO, 2011; SAVOLDI, 1998).

Podemos caracterizar essas migrações contemporâneas como o momento em que os brasileiros de antigas regiões de colonização italiana migram num movimento de “retorno” à terra de seus nonos e nonas nesse início de século XXI (ASSIS, 2013). Muitos que partem daqui rumo a Itália não buscam somente a acumulação de capital, mas também refazer o caminho que seus antepassados fizeram, sendo os processos migratórios dos(as) descendentes um encontro com a terra dos antepassados(as).

Há desse modo, ao se buscar “refazer o caminho inverso”, a formação de uma identidade coletiva pautada pelos discursos familiares e, também, pelo engajamento dos setores políticos da cidade. Ao abordar o termo “identidade coletiva”, “(...) estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (POLLACK, 1992, p. 207).

Esta travessia é “geográfica e simbolicamente construída e dimensionada em temporalidades e relações sociais específicas, muitas experiências de vida adquirem sentido para além do processo migratório em si”. (ZANINI; ASSIS; BENEDUZI, 2013, p. 140).

É possível perceber um paradoxo em relação à identidade desses ítalo-brasileiros(as), pois, mesmo com a cidadania italiana, ainda continuam sendo vistos como estrangeiros na Itália. Entretanto, com o passar do tempo começam a ser considerados italianos e italianas à medida que se destacam por seu trabalho e seus “modos”, ou seja, quando é conveniente aos nacionais.

Como é possível observar no relato de Julia, ao ser questionada se havia percebido alguma diferença no tratamento recebido pelos descendentes que “se sentiam italianos aqui”, a entrevistada comenta que há uma grande diferença, e também, um grande choque por parte desses grupos de ítalo-brasileiros. Mesmo tendo a dupla cidadania, essas pessoas não são tratadas como nacionais, gerando assim, uma frustração muito grande nesses emigrantes.

Mas tu sabes, que eles não são tratados da mesma forma. E eles reclamam muitos, eles acham ruim, né? Porque eles não entendem, porque eles são italianos, né, e eles vão lá e os italianos não os tratam como italianos, mesmo tendo o passaporte vermelho. Então, eles não são considerados e eles ficam muito frustrados por conta disso. E quem tá lá, também. Mas só que quem tá lá, a diferença é que: eles já falam

italiano fluente, são pessoas que estão lá a anos, já conhecem e tem conhecimento da cidade, tem um conhecimento do mercado, da necessidade do mercado. Então, passa, passa batido. Mas, a hora que tu falas com eles, por melhor que seja o teu dialeto, por melhor que seja o teu italiano, eles vão ver que tu não és italiano. E tem diferença! Eu não sei porque os “abestados”, desculpa o termo, daqui do Brasil, se acham tão italianos e excluem a gente, que não mora nesses tipos de “cidades”, entende? (JULIA, 2009).

Porém, mesmo sendo tratados dessa maneira na Itália, ela também comenta que a etnicidade é utilizada aqui, na região sul, como atributo qualificador e diferenciador dos “outros”. Nesse caso, os outros são as pessoas que não possuem a ascendência, como no caso da mesma. Desse modo, a entrevistada deixa evidente que o preconceito enfrentado por brasileiros em detrimento dos ítalo-brasileiros é tão grande quanto o enfrentado por ítalo-brasileiros em relação aos italianos:

Então, você sabe que lá eu não vivenciei muito, mas tu sabes que hoje em dia eu estando aqui no Brasil, eu vivenciei muito mais. Sabe por que? Vivendo aqui no Brasil, eu conheci muita gente... é... que tem a cidadania italiana, que fez os papeis e que vão lá sempre, viajar, passear, né, porque tem a documentação, o passaporte “*rosso*” que eles falam que entram e saem a hora que eles querem (JULIA, 2019).

Dessa forma, há também uma relação de alteridade não somente com os italianos nacionais, mas também com imigrantes de outros países e com imigrantes brasileiros(as) que não possuem o vínculo étnico, pois os ítalo-brasileiros consideram-se mais preparados e aptos ao serviço por causa da sua ascendência.

Os ítalo-brasileiros na comparação com os italianos são considerados mais alegres (*têm calor humano*) (...) a brasilidade é vista como positiva. Quando se trata, porém, das comparações entre ítalo-brasileiros e brasileiros, a brasilidade então se torna negativa. (SAVOLDI, 1998, p. 104).

As migrações de retorno configuram-se como a volta para uma Itália imaginada e narrada por seus parentes, sendo a idealização quebrada no contato com o local, haja vista que os emigrantes que manifestam um sentimento de pertencimento a uma cultura italiana, lá, geralmente, são tratados(as) como “estrangeiros(as)” e/ou brasileiros(as). Mostrando o quão diversa e complexa são as migrações de retorno. Savoldi disserta que:

A cidadania italiana confere ao cidadão ítalo-brasileiro todos os direitos legais, mas perante alguns italianos, este cidadão continua sendo um *extracomunitário*. A forma de se expressar, de ser, delata as diferenças. Embora os ítalo-brasileiros no Brasil construam sua identidade pautados na italianidade, lá na Itália descobrem sua brasilidade. (1998, p. 121).

Embora a identidade ítalo-brasileira seja vista na região sul catarinense como algo que denote *status* social e prestígio, em relação ao capital cultural e econômico, na Itália essas pessoas, muitas vezes, vivenciam o preconceito, a xenofobia e a indiferença por parte do “outro”. Ao partirem, muitos esperam uma recepção calorosa de seus conterrâneos europeus, mas nem sempre é a das melhores ou a esperada. “Os descendentes de imigrantes italianos podem ser considerados italianos na Alemanha, ou Estados Unidos, mas na Itália são vistos como brasileiros.” (SAVOLDI, 1998, p. 123).

Essa relação de negação da identidade étnica pode ser percebida em muitos casos, como no relato do casal Renata<sup>24</sup> e Luis<sup>25</sup>. Ambos foram à Itália somente para a conquista do documento e depois partiram rumo à Alemanha. O casal relata que mesmo em pouco tempo de permanência no país puderam perceber o preconceito em relação a aqueles que possuem o *jus sanguinis*.

Segundo os emigrantes, os ítalo-brasileiros são tratados como estrangeiros, não como italianos, principalmente em relação a população mais idosa, a qual é em muitos momentos preconceituosa. Segundo Renata: “É, na verdade, é lei, mas eles não gostam, principalmente as pessoas mais idosas. É, eles discriminam bem os brasileiros lá (...) mesmo quem tem o documento. É brasileiro, brasileiro e não é italiano” (RENATA, 2019).

As migrações de retorno, geralmente, não apresentam nem a Itália imaginada e idealizada a partir dos relatos familiares e nem evocam o sentimento de pertencimento tão reivindicado nas cidades de colonização italiana e objetivado ao “retornar a origem”. Ao analisar relatos de migrantes criciumenses da década de 1990 e início dos anos 2000, Assis dissertou que:

Alguns desses relatos relacionavam ou comparavam a aventura de emigrar hoje com os imigrantes do passado, indicando possíveis conexões entre esses dois momentos. De repente, a cidade vivencia uma nova onda migratória, desta vez rumo ao estrangeiro, invertendo o caminho percorrido pelos primeiros imigrantes. (2004, p. 30).

No tocante a essa relação entre os “novos” e “velhos” migrantes, Savoldi ressaltou:

(...) para os imigrantes a Itália era uma abstração, eles se identificavam com a Região de procedência. Para a geração atual, a descoberta da Região italiana de procedência dos ancestrais, geralmente tem sido posterior, sua primeira referência era a Itália. (1998, p. 47).

<sup>24</sup> Entrevista realizada com Renata, no dia 25 de outubro de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

<sup>25</sup> Entrevista realizada com Luis, no dia 25 de outubro de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

Importante destacar que, apesar de que o vínculo identitário seja responsável pelo êxito da conquista do visto, nem sempre a busca pela dupla cidadania tem como fim as migrações de retorno, o que torna esse fenômeno mais complexo, dado que muitos descendentes que conquistam o direito de circular livres juridicamente, partem para outros locais com objetivos distintos.

Assis (2004), analisou a trajetória de criciumenses nos Estados Unidos, especialmente em Boston, os quais obtiveram maior facilidade para entrar no país, devido a dupla cidadania italiana. Cardoso (2011), estudou os emigrantes criciumenses retornados dos Estados Unidos. Desse modo, podemos observar que a etnicidade pode ser instrumentalizada de diversas maneiras no contexto migratório, não se restringindo somente ao “retorno a origem”.

No caso de Roberta e Luis, é possível evidenciar uma migração pendular entre os dois países. O casal ficou somente um mês na Itália, logo foram para a Alemanha a trabalho, no qual permaneceram durante sete meses, mas, recentemente, retornaram ao Brasil para visitas já com a pretensão de retornar à Europa daqui alguns meses novamente.

### 3. AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS A PARTIR DA DÉCADA DE 1990: UMA “CORRIDA” EM BUSCA DA DUPLA CIDADANIA

A dupla cidadania traz uma série de vantagens aos grupos que dela podem usufruir, pois, por meio do documento, podem transitar e se deslocar com maior facilidade nos países europeus. Isso é possível devido aos acordos vigentes que alguns países possuem com a Itália que, além de garantir a mobilidade, um dos principais ganhos que se pode obter com a conquista da dupla cidadania, é a própria dignidade humana (COSTA, 2017).

Embora a dignidade seja algo que, teoricamente, deveria abarcar todos os seres humanos, independentes de classe, raça, gênero e nacionalidade, na prática não é isso que ocorre, especialmente no contexto das migrações internacionais. Muitos homens e mulheres sofrem violências em várias esferas quando se encontram em situação de “indocumentados”<sup>26</sup>, seja nas relações de trabalho, no diálogo estabelecido com a comunidade receptora e na forma com a leis os (des)ampara. Segundo Costa:

(...) penso a dupla cidadania ítalo-brasileira como o direito que alguns cidadãos têm de possuir a sua nacionalidade local, ou seja, do solo onde nasceu (*jus solis*) e também a cidadania de sangue (*jus sanguinis*). Esse reconhecimento possibilita que esses indivíduos circulem entre América e Europa com maior facilidade, levando em consideração a nova ordem mundial que possibilita esse trânsito. O Estado italiano classifica esses duplos cidadãos como cidadãos italianos residentes no exterior (*all'estero*), que são os descendentes de imigrantes (*os oriundi*) que passaram pelo processo de comprovação documental de sua ascendência italiana. (2017, p. 49)

Em matéria veiculada no dia três de maio de 1992, no Jornal do Brasil, é estampada a seguinte manchete na capa: *Brasileiro corre para ter dupla cidadania*. A notícia aborda que o motivo pela procura do documento vinha do receio devido a unificação da Europa, pois muitos brasileiros(as) temiam que isso implicaria na perda do “direito de sangue”<sup>27</sup>, ou seja, as leis para descendentes poderiam ser modificadas nos países europeus.

Figura 4 - "Brasileiro corre para ter dupla cidadania"

<sup>26</sup> Utilizaremos o termo indocumentado(a) para caracterizar aqueles(as) que não possuem a dupla cidadania, evitando assim, o termo “ilegal”, porém o termo será utilizado em alguns momentos para elucidar os relatos dos entrevistados(as) dessa pesquisa.

<sup>27</sup> *jus sanguinis*.



Fonte: Hemeroteca Nacional, Jornal do Brasil (RJ). Ano 1992\Edição 00025 (1) Domingo, 03/05/1992.

É importante perceber que a motivação pelo medo da perda do direito de ter a dupla cidadania possuía variadas justificativas. Nesse período, o país passava por uma intensa crise devido o avanço do neoliberalismo no Brasil, e também, na América Latina. O cenário econômico desestabilizado passou a ser manchete de várias notícias, como no jornal do Comercio (RJ), no dia 16 de abril de 1990. Segundo a notícia:

O Plano Econômico do Governo não está provocando alterações significativas na saída de brasileiros para o exterior, mas a crise econômica dos últimos anos contribuiu, decisivamente, para que muitos buscassem alternativas de vida em outros países. Dados do Consulado da Itália no Rio mostram que, de 1987 até o ano passado, quase quadruplicou o número de descendentes de italianos, nascidos no Brasil, que requereram a cidadania italiana com o objetivo de fazer a viagem contrária à que seus pais fizeram na primeira metade do século. (COMMERCIO, 1990, p. 27)

O neoliberalismo iniciou após a Segunda Guerra mundial (1939-1945) fazendo uma crítica, principalmente, ao Estado intervencionista e buscando maior “liberdade” do setor privado sobre as questões econômicas e sobre o mercado. (DRUK, 1996). Embora as ideias tenham se expandido e ganhado força no Brasil, durante os anos noventa, inicialmente, com o governo de Fernando Collor de Melo e, posteriormente, com Fernando Henrique Cardoso, em alguns países europeus seus ideais são disseminados desde os anos setenta. Ainda segundo Graça Druck:

No entanto, o neoliberalismo só começa a conquistar a hegemonia na década de 80. Originalmente, com a aplicação de políticas neoliberais na Inglaterra, pelo governo de Margareth Thatcher e, em seguida, com Ronald Reagan nos Estados Unidos (1996, p. 29)

Inicialmente se expande nos países centrais e posteriormente se alastra aos ‘países periféricos’, tornando-se assim um modelo hegemônico em boa parte do plano econômico mundial e consolidando-se ao longo das décadas, especialmente, ao longo da década de noventa com a criação do “Consenso de Whashington”. (DRUK, 1996). Portanto, muitos países latino americanos passaram a aderir a esse consenso, o qual estabelecia uma série de regras que deveriam ser aplicadas, com o intuito de garantir um suposto crescimento.

As medidas eram: a) disciplina fiscal com a finalidade de eliminar o déficit público; b) redução de gastos públicos (com mudanças de prioridades e eliminação de subsídios); c) reforma tributária; d) regulação dos juros pelo mercado; e) regulação do câmbio pelo mercado; f) abertura comercial, investimento estrangeiro direto com eliminação de restrições; g) privatização de estatais; h) flexibilização das normas trabalhistas e i) direito à propriedade intelectual (NEGRÃO, 1998; KAY, 2018).

As regras criadas pelo economista britânico John Williamson resultaram, principalmente, em privatizações de empresas estatais, abertura ao capital privado e estrangeiro e a precarização do trabalho na América Latina. O sul catarinense não escapou desses impactos vivenciados, pelo contrário, passou por intensas crises em suas indústrias, especialmente no setor carbonífero (ASSIS, 2004; CARDOSO, 2011; CAROLA, 2002; NASCIMENTO, 2006; VOLPATO, 2001; TRICHES; ZANELATTO, 2015).

Ao final dos anos de 1980 e durante boa parte da década de 1990, o desemprego em Criciúma foi vivenciado por trabalhadores e trabalhadoras de diversos ramos, não somente do setor carbonífero, embora tenha sido um dos mais atacados. Mais de 8.000 trabalhadores(as) da indústria do vestuário, da cerâmica, da metalúrgica, de calçados, do comércio e da construção civil perderam seus empregos em função das transformações socioeconômicas vividas a nível nacional e internacional. (TRICHES; ZANELATTO, 2015).

Devido à crise que inicia ao final de 1980 e se agrava durante toda década de 1990, principalmente, na cidade carbonífera, que sofria diretamente com as políticas do novo governo, percebe-se na migração uma chance de mudança (ASSIS, 2004; CARDOSO, 2011). É certo que não podemos reduzir as migrações a questões econômicas, já que as motivações para partir eram, e ainda são, inúmeras. Mas, durante a década de 1990, muitos criciumenses partiram rumo à Itália e aos Estados Unidos, com a perspectiva de melhores condições de vida e em busca de trabalho. Para Triches e Zanelatto, este período:

(...) foi marcado por intensas disputas políticas em âmbito nacional e internacional. Vivenciamos a derrocada do socialismo na União Soviética e no leste europeu, e uma política econômica marcada pela globalização, neoliberalismo e processos de privatizações. Estas políticas atingiram profundamente a economia do Sul Catarinense e, em especial de Criciúma (2015, p. 319).

E, no mesmo período, dado que a campanha do presidente Collor, o slogan tenha sido “O caçador de Marajás”, em apenas um ano de governo, o Brasil de mudanças e conquistas que o presidente havia prometido, fracassou. Seu governo chegou em números alarmantes em várias esferas: conquistou uma inflação de mais de 400%, um índice de desemprego de 5,23% e a maior queda do PIB na história, até então. Foi “muito barulho e pouca ação”, o presidente não acabou com alta inflação e muito menos cumpriu o que o seu principal slogan dizia: acabar com a corrupção no setor público e livrá-lo dos ‘marajás’.

Figura 5 - Fernando Collor: “O caçador de Marajás”



Fonte: Hemoteca Nacional, Ano 1989/Edição 00317 (1) Sexta feira, 23/02/1989 (pg. 09).

Em pesquisas realizadas nos acervos da hemeroteca nacional, é possível observar que, na década anterior ao “boom”<sup>28</sup> das migrações internacionais no Brasil, a palavra “cidadania italiana” fora registrada na Hemeroteca Nacional em 39 ocorrências, em cerca de 212 acervos disponíveis com mais de dois milhões de páginas. Já entre os anos de 1990 a 1999, pode-se

<sup>28</sup> Década de 1990.

observar um crescimento expressivo em relação às menções, sendo mais de 191 citações em cerca de 39 acervos. Entre os anos de 2000 a 2009, foram 818 ocorrências em 27 acervos, e entre os anos de 2010 a 2019<sup>29</sup>, são mencionadas 100 ocorrências em 17 acervos.

Tabela 2 - Citações da palavra “cidadania italiana” na Hemeroteca Nacional

<b>PERÍODO</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>ACERVOS</b>	<b>PÁGINAS</b>
1980 – 1989	39	122	2.514.351
1990 – 1999	191	39	1.468.166
2000 – 2009	818	27	1.669.224
2010 – 2019	100	17	713.387

Fonte: Hemeroteca Nacional. Elaborada pela autora (2019).

Desse modo, percebe-se que, a partir dos anos de 1990, houve um crescimento substancial em relação às menções das palavras “cidadania italiana” nos acervos disponíveis na hemeroteca nacional, sendo que, entre os anos de 2000 a 2009, é possível perceber um maior número desses registros. Boa parte desses registros, a partir dos anos 2000, eram propagandas de prestação de serviços de empresas (as assessorias), ou pessoas físicas que auxiliavam na conquista da dupla cidadania.

Figura 6 - Propaganda sobre empresa de cidadania italiana, disponível na Hemeroteca Nacional



Fonte: H. Nacional, Ano 2000\Edição 04665 (2) Caxias do Sul, 9 de fevereiro de 2000 (pg. 01)

<sup>29</sup> Até o primeiro trimestre de 2019.

É importante ressaltar que, apesar de serem feitas as menções as palavras “cidadania italiana”, existe uma gama de possibilidades e contextos que essas citações estão inseridas. Além disso, foi possível observar nas pesquisas realizadas nos jornais da Hemeroteca que, a partir da década de 90, e, principalmente a partir dos anos 2000, houve um aumento expressivo de empresas de assessoria de cidadania italiana e de pessoas prestando esse tipo de serviço.

### 3.1. “QUINZE ANOS EM CINCO MESES”: AS EMPRESAS DE ASSESSORIA E A CONQUISTA DA DUPLA CIDADANIA

Viajar, migrar, se deslocar. O ir e vir de indivíduos, famílias e grupos não diz respeito somente a mudanças de um local para outro e o enfrentamento de uma nova realidade social e cultural. Tudo isso, implica também, em impactos econômicos. Ainda que partir em busca de melhores condições almejando “fazer a América”<sup>30</sup>, ou o “caminho inverso”<sup>31</sup> de seus antepassados seja o sonho de muitos, é uma realidade e uma possibilidade para poucos.

Além dos altos valores cobrados pelas empresas de assessoria que acompanham o processo de busca pelo documento na Itália, ou as demoradas filas nos consulados brasileiros, a conquista do documento também implica em uma relação de poder e colonialidade. Para ter acesso a cidadania, é necessário ter o direito de sangue (*jus sanguinis*) e um passado fundante pautado na italianidade. Não basta ter somente os documentos oficiais que comprovem a ascendência, o que a maioria dos brasileiros não tem, levando em conta a grande diversidade cultural e étnica do país.

Nessa corrida em busca da dupla cidadania, o *jus sanguinis* é apenas o primeiro passo, pois para conquistar o documento existem basicamente três maneiras: enfrentando anos na fila do consulado, viajando para a Europa e fazendo todo o procedimento sozinho(a), ou contratando o serviço de empresas de assessoria que prometem a realização do sonho em alguns meses, que por outro lado os custos para a contratação de serviços são elevados. Segundo Maria<sup>32</sup>, responsável por uma empresa de assessoria<sup>33</sup> na cidade Criciúma:

---

<sup>30</sup> Alguns brasileiros(as) utilizam esse termo quando referem-se às emigrações para os Estados Unidos.

<sup>31</sup> O caminho inverso é uma analogia a seus antepassados que vieram da Itália para o Brasil.

<sup>32</sup> Entrevista realizada com Maria, no dia 20 de março de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

<sup>33</sup> Não iremos identificar a empresa com intuito de resguardar a identidade da entrevistada.

Assim, hoje, uma pessoa que vai sozinha para a Itália... entre montar a pasta no Brasil, comprar passagem, levar um dinheiro para comer na Itália, passear, assessoria na Itália... eles gastam em torno de vinte, vinte e cinco mil reais aqui na minha empresa, é mais ou menos esse valor. (...) Então, aqui comigo, o cliente, em cinco meses está com a cidadania italiana, se fizer pela Itália. Se for fazer pelo consulado, então, entra na fila e aguarda lá seus dez, quinze anos. Mas, se for fazer pela Itália, então monta pasta no Brasil, viaja pra Itália, prepara documentação lá e pega a cidadania. Eu tenho cliente que hoje, na Itália, leva 45 dias depois que está lá... pra pegar a cidadania, mas bota ali cinco meses, dois no Brasil e três na Itália (...) No consulado, são de dez a quinze anos pra eles te chamarem para apresentar a pasta, pra poder, então, pegar a cidadania aqui. (...) Os clientes que vão fazer a cidadania sozinhos eu não tenho uma regra, mas eu posso te falar: por chegar no país que não é o deles, por não falar a língua, por não saber preencher os módulos, por não saber os passos da cidadania, porque tem os passos que devem ser seguidos, eles levam em torno de sete meses, oito meses pra pegar uma cidadania (MARIA, 2019).

Durante a entrevista, Maria também comentou sobre o perfil das pessoas que procuram seus serviços. Embora haja uma diversidade de público, é possível perceber em sua fala que a maioria são jovens recém-casados, que tem como principal objetivo migrar para trabalhar e juntar dinheiro:

Existe... existe um perfil maior... tem pessoas que querem estudar fora do país, que já tem um curso, uma pós graduação, que foi indicado pela empresa, tem jogador de futebol que quer ir jogar... eu já fiz cidadania de atriz, atores, que precisam... é pra poder trabalhar fora do país... tem muita cidadania de gente que faz só mesmo pra passear, para ir para o Estados Unidos fazer uma visita com o passaporte vermelho (*rosso*). Mas, o maior, o público maior, são jovens, recém casados para adquirir... para poder ter o primeiro imóvel no Brasil, pra poder ter um carro, e pra poder trabalhar na Alemanha... vamos supor que 80% é desse pessoal e o restante, então, os outros 20% são o pessoal... que não precisam trabalhar. (MARIA, 2019).

Em outras pesquisas feitas na cidade de Criciúma, no recorte de tempo das décadas de 1990 e início dos anos 2000, foi possível identificar que os fluxos migratórios eram compostos majoritariamente pela população jovem, concentrando-se, principalmente, na faixa etária dos 20 aos 35 anos. Além disso, o perfil sociodemográfico da população migrante da cidade de Criciúma, nos anos anteriormente mencionados (1990 a 2000), demonstrava que havia um elevado índice de escolaridade em relação ao índice da população da cidade, ou seja, enquanto cerca de 4,2% da população era analfabeta, apenas 1,4% dos emigrantes eram. (ASSIS, 2006).

Também é necessário destacar que, quando a entrevistada menciona o interesse dos(as) ítalo-brasileiros(as) em fazer a dupla cidadania para ir “passear” nos Estados Unidos, não fica explícito em sua fala o real interesse dessas pessoas que, muito provavelmente, não vão a viagens de turismo e lazer, mas para fazer a emigração de maneira irregular. Isso acontece quando muitos entram nos EUA com o passaporte de turista, conquistado por meio

da dupla cidadania, e permanecem no país trabalhando de maneira indocumentada (ASSIS, 2006; CARDOSO, 2011).

Desse modo, cabe a pesquisadora ou ao pesquisador ter cautela ao se trabalhar com fontes orais, dado que, muitas vezes, o que fica nas entrelinhas, o que não é dito e o que propositalmente é esquecido, diz tanto sobre algo, ou alguma situação, quanto o que é relatado ao entrevistador(a). O pensar e o pausar entre as frases, a maneira como a pessoa se expressa ao dizer suas lembranças, também são aspectos que compõem a história oral. Portanto, como pontuou Lucília de Almeida Neves Delgado:

(...) o fascínio que a memória traduzida em História provoca nos entrevistadores e nos pesquisadores deve ser considerado. Cuidados especiais precisam ser adotados para que o pesquisador não se torne refém do depoimento recolhido, em prejuízo de sua capacidade analítica. (2006, p. 30).

Outro importante aspecto mencionado pela entrevistada foi sua motivação para a criação da empresa no sul de Santa Catarina. Segundo ela, existe uma grande demanda nessa área, de modo que muitas pessoas procuram pelos serviços de assessoria, mas não encontram pessoas ou empresas que realizem essa atividade na região. Embora haja maior procura por pessoas do estado, pessoas de outras regiões do país, também procuram seus serviços.

Sempre morei aqui, nasci e cresci em Criciúma e, a questão de quando voltei da Itália, eu voltei para Criciúma, para a casa dos meus pais, para o meu apartamento que eu tinha comprado aqui, então voltei para Criciúma. Mas, eu tenho muita intenção de daqui a pouco... porque eu vejo a dificuldade de clientes de Florianópolis, Brasília, Minas gerais, Uruguai, tem muito cliente do Rio Grande do Sul, então eu vejo assim... que as pessoas vem de lá para falar comigo, então eu tenho a intenção de daqui a pouco, tipo... a vou ficar um dia em Florianópolis, um dia no Rio grande do Sul pra conversar com o pessoal, porque eu vejo que tem um déficit, porque é muito um pessoal assim... que parece que não dá atenção, e eu vejo que as pessoas necessitam. (MARIA, 2019).

Apesar de a empresária comentar que existe uma grande demanda e poucas prestadoras desse serviço na região, é possível observar outra realidade. Se tornou bastante comum encontrar diversos anúncios de empresas de assessorias em Criciúma e região. Esses anúncios estão presentes nos mais diversos meios e suportes, como exemplo: outdoors e redes sociais (especialmente Facebook e Instagram), porém, apesar da grande oferta desses serviços, não foi possível realizar um mapeamento nessa pesquisa.

Além disso, buscamos contato com algumas assessorias da região, entretanto, a grande maioria não aceitou participar das entrevistas e uma das empresas parou de nos

responder quando mencionado que o intuito da conversa era para fins acadêmicos. Sendo assim, somente uma empresa aceitou participar da pesquisa.

A entrevistada que nos concebeu o relato, frisou em todos os momentos o comprometimento de sua empresa, principalmente, em relação as questões jurídicas. Nos alertou também, para os perigos do mundo da cidadania e para os golpes que constantemente acontecem, pois, muitas pessoas ficam sem a assessoria após efetuarem os pagamentos:

(...) as pessoas deveriam prestar muita atenção em quem elas contratam para atender, porque, nossa... o que eu mais recebo é gente que levou calote, gente que tá na Itália e não tá com o documento pronto, gente desesperada, tem muita gente desesperada... E que nesse desespero vai embora, porque é o mais barato, porque é o mais rápido, porque aí é muita mentira... tem muita mentira nesse mundo da cidadania. (MARIA, 2019).

Apesar de estar há apenas três anos atuando nesse ramo na cidade de Criciúma, a assessora conta como tudo começou. Quando morou na Itália, passou a auxiliar alguns brasileiros(as) recém-chegados(a) no país, assim percebe-se nessa ação o princípio de solidariedade entre os migrantes, já que, inicialmente, não cobrava pelos serviços prestados, apenas pelos gastos com despesas básicas como alimentação e moradia. Ou seja, observa-se a presença de redes sociais que se estabelecem entre aqueles(as) que já estão no país e os recém chegados(as).<sup>34</sup>

Inicialmente, sua ideia não era montar uma empresa, mas, como seu marido trabalhava amassando uvas e ela ficava sozinha em casa, resolveu desempenhar alguma outra atividade, além das atividades domésticas. Com o passar do tempo, o número de procura foi aumentando, ela foi ficando conhecida entre os brasileiros, e, em 2005, com seu marido, que acabou saindo do emprego para auxiliá-la, passaram a desempenhar somente essa atividade, que durou até o ano de 2015, quando retornaram para o Brasil:

Então, a gente alugou um apartamento e começamos a receber os brasileiros em casa, na nossa casa na Itália, e aí as coisas foram crescendo, a gente foi sendo... eu fui sendo muito bem falada, meu marido saiu do trabalho e veio trabalhar comigo... na época nós acabamos tendo na Itália mais um apartamento, recebendo brasileiros e depois mais um e mais outro, e era tudo assim... artesanal, sabe? A cidadania não era empresa, hoje eu vejo empresa e me assusto, quando eu vejo empresas na Itália e tal... mas, na época não era assim, na época era mesmo mais feito para ajudar o pessoal. (MARIA, 2019).

---

<sup>34</sup> As “redes sociais”, serão melhor analisadas nos últimos capítulos.

A empresária também fez comentários em relação aos picos de procura pelo seu serviço. Embora durante todo ano tenha uma forte demanda, existem temporadas em que o número de assessoriais cresce substancialmente, especialmente no final do ano, entre os meses de setembro a dezembro. Levando em conta os cinco meses necessários para fazer toda a documentação na Itália, o segundo semestre do ano é o mais indicado e costuma ser o mais procurado para deixar a documentação em dia, pois após isso, eles pegam a alta temporada para começar a trabalhar.

No caso da Alemanha, que é um dos países mais procurados, os(as) ítalo-brasileiros(as) vão para trabalhar nas sorveterias, vivenciando, muitas vezes, as “migrações pendulares”, que têm como característica o deslocamento temporário, onde os migrantes ficam alguns meses no país de destino para trabalhar e, após a alta temporada, retornam ao Brasil, repetindo esse processo por vários anos. Sobre a procura pela assessoria durante o ano, ela comenta que:

Não tem, é sempre com bastante procura, têm épocas, tipo assim, final do ano é loucura, porque assim, querem tudo ir embora para trabalhar na Alemanha. Final do ano, chegou setembro, outubro, novembro, dezembro, parece que a gente não vai parar, essa época que estamos agora, março, está mais tranquilo. Tem bastante procura também, mas é mais tranquilo porque eles sabem que eles indo agora, eles vão pegar o mês de agosto na Itália, e o mês de agosto na Itália é como nosso janeiro aqui, é um mês mais lento. Então, é mais tranquilo, mas não teve uma época, um ano que teve mais ou menos procura (MARIA, 2019).

Outro importante aspecto destacado pela assessora é em relação ao Consulado Geral da Itália de Curitiba. Em sua visão, Santa Catarina deveria ter um consulado próprio, pois facilitaria para todas as partes: para os(as) catarinenses e para o estado de Curitiba, que hoje, se encontra com demanda de atendimentos muito alta e, conseqüentemente, longas filas. Fazendo com que muitos brasileiros(as) decidam fazer a documentação na Itália, tendo um custo muito mais elevado.

No dia 31 de agosto de 2018, em matéria *online* vinculada no portal R7, pelo jornalista Eugenio Goussinsky, é possível ler a seguinte manchete: *Quase 15% dos brasileiros podem pedir cidadania italiana*. Segundo o autor da reportagem, a partir da entrevista realizada com o embaixador da Itália no Brasil, Antônio Bernardini, são aproximadamente 30 milhões de ítalo-brasileiros que, possivelmente, têm esse direito.

Na entrevista, é possível perceber, também, a preocupação do embaixador italiano com o crescente número de pedidos. Ele ressalta que as embaixadas estão buscando tomar providências para agilizar e melhorar o funcionamento das estruturas diplomáticas, mas, é

muito difícil alcançar isso em meio as altas demandas. A demora é uma das principais constantes nesses processos, como enfatizado por alguns entrevistados(as) que vivenciaram a busca pela documentação. Muitos, estão na fila há mais de 12 anos, e por isso, acabaram recorrendo às empresas de assessoria, a fim de tentar agilizar o processo na Itália.

Entretanto, nem todos(as) podem contratar esses serviços. O jornalista comenta que um dos maiores empecilhos para a conquista do documento é a condição financeira, pois somente a taxa para fazer o requerimento custa cerca de 300 euros, e além disso, os demais custos que chegam a valores altíssimos. Outro grande problema é o acesso à informação, pois, por mais que milhões de brasileiros e brasileiras tenham direito, nem todos tem acesso. De acordo com o jornalista:

Mesmo assim, a procura é muito alta. Segundo o Istat (Instituto Nacional de Estatística), da Itália, há uma fila de 112 mil brasileiros à espera da obtenção de cidadania italiana. Isso significa que cerca de 460 mil pessoas aguardam no total, já que cada requerimento, em média, engloba quatro pessoas. (GOUSSINSKY, 2018).

Além das dificuldades e burocracias para obtenção da cidadania, existem também outras barreiras: “A legislação facilita mais aqueles que são descendentes de homens nascidos na Itália” (...) também podem se tornar cidadãos italianos aqueles que comprovarem residência de, no mínimo, seis meses no país” (GOUSSINSKY, 2018).

Para Savoldi (1998), as facilidades para aqueles e aquelas que são descendentes de homens italianos são muito maiores, pois podem se estender até a quarta geração de ascendentes. Já em relação às mulheres ascendentes, essa regra difere, uma vez que, como observado por alguns autores, os(as) descendentes de mulheres italianas passaram a ter direito à cidadania somente a partir de 1948, e com algumas limitações. Em relação ao “*Jus Sanguinis*”<sup>35</sup>:

(...) cabe salientar que o critério norteador que concede o acesso ao reconhecimento da cidadania italiana, “*Jus Sanguinis*”, segue um viés patrilateral, que só é alterado a partir de 1948, quando a mãe com cidadania italiana, pode transmitir a cidadania aos filhos nascidos depois desta data. Abrindo um precedente para o caráter cognático da descendência. (SAVOLDI, 1998, p. 71).

Ainda sobre o “*Jus Sanguinis*”, é importante ressaltar que para além das relações de parentesco, há também toda uma carga de valores atribuídas a essa relação. O direito de

---

<sup>35</sup> Direito de sangue.

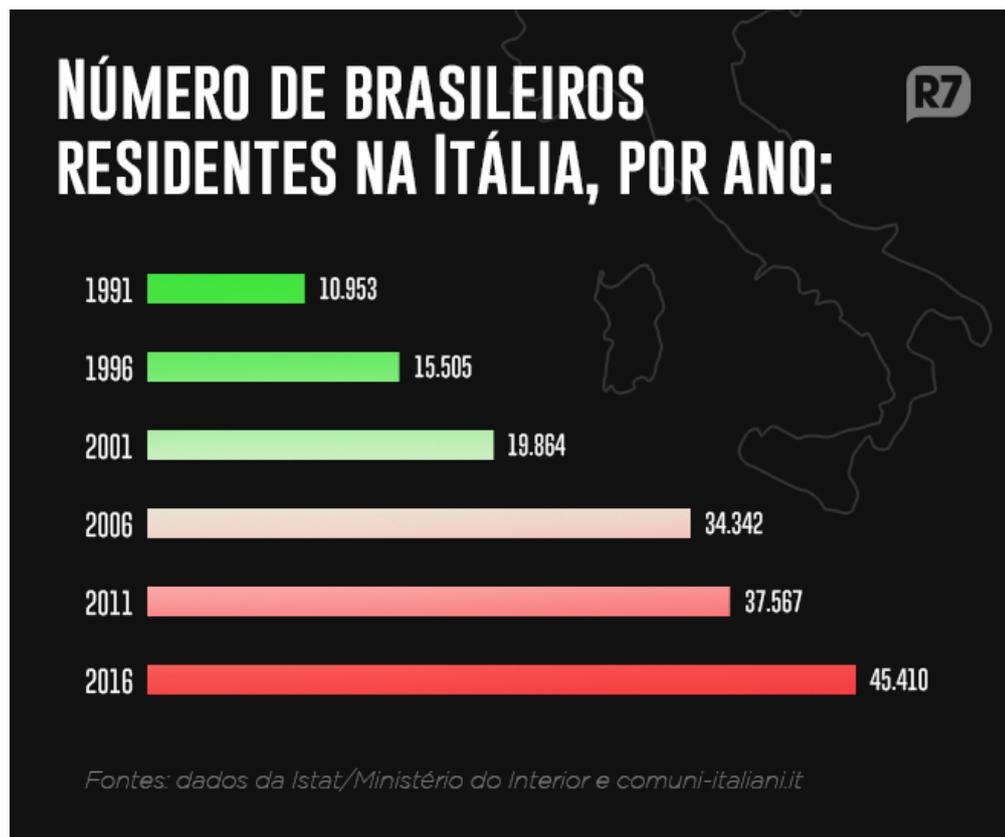
sangue não significa ‘somente’ o direito à cidadania, mas é também uma forma de sustentar a italianidade, principalmente, em território brasileiro.

Além disso, subjetivamente o sangue (*jus sanguinis*) se configura como um representativo das qualidades do povo italiano. Por isso que, em detrimento de outros grupos, os(as) ítalo-brasileiros(as) geralmente são identificados como bons trabalhadores(as) na Europa, evidenciando assim o preconceito por parte da sociedade receptora (Itália) e por parte dos ítalo-brasileiros(as) que utilizam esse fator como estratégia de destaque e superioridade.

De modo geral, na reportagem é destacado um dos principais objetivos ao obter a dupla cidadania atualmente, que é fugir da crise e das dificuldades econômicas vivenciadas pelos brasileiros e brasileiras. É possível observar, também, que ao longa das décadas, segundo os dados obtidos pelo jornalista, houve um grande crescimento de pessoas morando fora. “O número de brasileiros que residem na Itália também tem crescido. Em 1991 eram cerca de 10.953 pessoas, em 2011 chegou a 37.567 e em 2016, foi a 45.410” (GOUSSINSKY, 2018).

Sendo assim, por mais que a década de 1990 tenha ficado conhecida pelo grande número de emigrantes que partiram devido à crise vivenciada nos governos desse período, é possível perceber que o número de procura pelo documento continua crescendo, mesmo depois de mais de vinte anos. Essa procura pela Itália: “(...) tem sido mais uma opção dentro de uma gama de países nesta onda de saída do país que o Brasil tem vivido” (GOUSSINSKY, 2018).

Figura 7 - Brasileiros residentes na Itália



Fonte: GOUSSINSKY, Eugenio. **Quase 15% dos brasileiros podem pedir cidadania italiana.** 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/quase-15-dos-brasileiros-podem-pedir-cidadania-italiana-31082018>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

Na reportagem, é possível observar algumas afirmações que também são passíveis de críticas. Segundo o autor, a partir da análise de dados da Organização das Nações Unidas (ONU) “A Itália tem aberto mais as fronteiras ao imigrante legalizado, ou ao novo cidadão, com o objetivo de rejuvenescer sua população.” (GOUSSINSKY, 2018). De fato, a Itália vive um processo de envelhecimento de sua população, mas isso não torna as relações entre nacionais e imigrantes menos tensas, mesmo entre os(as) ítalo-brasileiros(as). Para o jornalista:

(...) por um vínculo cultural e histórico entre Brasil e Itália, a obtenção da cidadania de brasileiros é melhor aceita no país, se comparada com a onda de imigrantes africanos que chegam em embarcações pelo Mediterrâneo e buscam desesperadamente o asilo na Europa. (...) “A queixa maior de parte da população é para a imigração vinda do norte da África e eventualmente de refugiados vindos da Síria. Não temos notícia de perseguições ou agressões a italianos oriundos do Brasil.” (...) “A comunidade ítalo-brasileira é muito bem reconhecida, estes cidadãos até são eleitos para os parlamentos italiano e europeu. Agora, os brasileiros que vão ilegais para trabalhar no mercado paralelo, se enquadram como tantos outros imigrantes que não se inserem bem.” (GOUSSINSKY, 2018).

É importante frisar que o preconceito e a xenofobia vivenciada pelos(as) refugiados(as) do Norte da África e da Síria não podem ser mensurados e comparados aos dos ítalo-brasileiros(as), mas é preciso perceber, também, que essa imagem construída acerca de uma relação bem estabelecida entre os nacionais e aqueles que possuem os *Jus Sanguinis*, geralmente, não é tranquila como descrita em muitos momentos.

Inclusive, essa boa relação, que muitas vezes não existe, é utilizada para se diferenciar de “outros imigrantes”, os quais não possuem o direito de sangue, mostrando que a superioridade não parte somente dos nacionais em relação aos(as) ítalo-brasileiros(as), mas também, dos(as) brasileiros(as) que possuem a dupla cidadania em relação a outro(as) imigrantes.

Além disso, é possível observar, em outras manchetes, essas relações de alteridade, que colocam os imigrantes como inferiores. No dia 01 de agosto de 2018, é divulgada a seguinte notícia no site da Folha de São Paulo — sob autoria de Gina Marques: *Estudo mostra que italianos têm ideias equivocadas sobre imigrantes*. Na reportagem, é evidenciado alguns dados a respeito da intolerância, xenofobia e racismo. O relatório foi apresentado no dia 06 de julho de 2018 pela comissão parlamentar italiana.

Nesse documento, consta que a população tem uma ideia equivocada em relação aos imigrantes, principalmente, equívocos relativos a dados estatísticos. Cerca de 56,4% da população acham que há muitos imigrantes no país “(...) a maioria dos italianos pensa que a taxa de imigrantes no país é de 30%, quando na realidade é de 8% (...) e 52,6% pensam que o aumento do número de imigrantes favorece a difusão da criminalidade e do terrorismo.” (MARQUES, 2018).

Parte da população acredita que essas pessoas sejam “delinquentes” e responsáveis pelos crimes do país, porém, os dados constados na notícia, fruto de outro relatório — divulgado pela associação Antigone —, demonstram que esse pensamento não tem fundamento. “O documento conclui que o número de detentos estrangeiros na Itália caiu pela metade nos últimos 10 anos. Esses 13.490 presos não — europeus representam 22,9% do total de prisioneiros.” (MARQUES, 2018).

Outro dado mencionado é o importante papel exercido pelos imigrantes em relação à previdência social na Itália, devido ao baixo número de natalidade no país e a grande quantidade de idosos(as). O trabalho dos(as) imigrantes é de suma importância para o pagamento dos impostos que mantém a previdência, ou seja, os mesmos trabalhadores e trabalhadoras, que muitas vezes são desqualificados(as), vivenciam discriminação,

preconceito e xenofobia, são quem exercem um impacto direto no sistema econômico do país.

Esse aspecto também é mencionado em outros veículos de informação. No site Italianismo, foi divulgada a seguinte notícia no dia 17 de outubro de 2016: *Tem mais emprego para imigrantes na Itália do que para os próprios italianos*. A autoria também é de Gina Marques, jornalista brasileira radicada em Roma, desde 1987. Marques é correspondente da Rádio França Internacional — RFI, em Roma. Na reportagem apresenta dados do relatório anual sobre o “Impacto Fiscal da Imigração”. Segundo as informações do documento, sem os imigrantes o continente Europeu ficaria mais pobre e improdutivo:

Em apenas 13 anos, a população da União Europeia diminuiria em 1,9%, caindo abaixo do atual nível de 500 milhões de pessoas. A queda demográfica mais drástica seria na Alemanha, - 7% (de 81 a 75 milhões de pessoas) e, na Itália, -5%, (de 60 a 57 milhões). A faixa etária produtiva diminuiria. Os trabalhadores jovens seriam cada vez mais raros e ao mesmo tempo aumentaria a quantidade de idosos. Ao contrário do que pensa a maioria dos italianos, os estrangeiros que trabalham na Itália produzem riqueza e ajudam a pagar a aposentadoria dos próprios italianos. O relatório da Fundação Leone Moressa revela que, em 2015, os imigrantes que trabalham na Itália produziram € 127 bilhões, comparável ao faturado do grupo Fiat. A despesa pública italiana gastou com os imigrantes 2% do orçamento, ou seja, € 15 bilhões, muito menos do que os € 270 bilhões gastos com as aposentadorias dos italianos. (MARQUES, 2016).

Em 2016, eram aproximadamente cinco milhões de estrangeiros regulares. A autora destaca que a grande problemática em relação ao trabalho dos migrantes é a questão da produtividade, pois, mesmo que o índice de empregos dos estrangeiros(as) seja maior que o índice dos italianos(as), a maioria desses(as) imigrantes estão em empregos poucos qualificados e com baixa remuneração em relação aos nacionais. Dessa maneira, ainda que haja um grande número de estrangeiros(as) trabalhando, o valor arrecadado pelos impostos dessas pessoas é inferior ao valor arrecadado pelos impostos cobrados da população italiana.

### 3.2. O CONSULADO GERAL DA ITÁLIA DE CURITIBA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM O ESTADO DE SANTA CATARINA

Quem deseja obter a dupla cidadania italiana no Brasil, passa por uma série de processos, os quais são regulamentados pelos Consulados Gerais da Itália no Brasil. Sobre os consulados, Savoldi disse que sua função é:

(...) dar assistência aos italianos e descendentes, em todas as solicitações das entidades governamentais italianas; preparar pedidos de aposentadorias, pensões e

passaportes; esclarecer dúvidas relativas a procedimentos burocráticos; preparar documentação necessária à aquisição da cidadania italiana; divulgar a língua e a cultura italiana; e incentivar o intercâmbio econômico e cultural da Itália. (1998, p. 90).

Atualmente, o consulado que rege os pedidos dos(as) catarinenses é o Consulado Geral da Itália de Curitiba (Paraná). No site do consulado, no tópico de perguntas frequentes, é mencionado, de maneira geral, quem tem direito ao documento:

A cidadania italiana *jure sanguinis* é transmitida a partir do(a) ascendente italiano(a) aos filhos, sem interrupção e sem limite de gerações, mas com restrição naquilo que se refere à descendência por parte materna: têm direito à cidadania apenas os filhos de mulher italiana nascidos a partir de 01/01/1948, e seus descendentes. Caso haja uma mulher na linha de transmissão de cidadania, somente terão direito os seus filhos nascidos a partir da data mencionada acima. (FAQ, Consulado Geral da Itália, s.d).

Ademais, existem restrições àqueles(as) que contraem a dupla cidadania por meio do matrimônio com cidadãos italianos(as). Segundo as informações, as pessoas que casaram até o dia 27 de abril de 1983, automaticamente, têm direito à cidadania, já àquelas que casaram posteriormente a essa data, não terão direito automático a dupla cidadania. Além do consulado geral, existem também as Redes Consulares que atuam em confluência com o Geral. No estado de Santa Catarina, as redes vinculadas ao consulado geral do Paraná estão na tabela abaixo.

Tabela 3 - Rede Consular em Santa Catarina

<b>AGÊNCIAS/CIDADES</b>
Consulado Honorário em Florianópolis
Agência consular em Criciúma
Agência consular em Joinville
Correspondente consular em Canoinhas
Correspondente consular em Concórdia
Correspondente consular em Jaraguá do Sul
Correspondente consular em Lages

Correspondente consular em Nova Veneza
Correspondente consular em Timbó
Correspondente consular em Blumenau
Correspondente consular em Videira
Correspondente consular em Xaxim
Correspondente consular em Chapecó

Fonte: Consulado Geral da Itália em Curitiba – A Rede Consular. Tabela feita pela autora (2019).

Embora o consulado de Curitiba tenha o controle e seja responsável pelos pedidos e processos de dupla cidadania dos(as) catarinenses, é possível perceber o interesse de alguns grupos para que Santa Catarina tenha seu próprio consulado. Em recente notícia sob autoria de Desiderio Peron, divulgada no dia 26 de novembro de 2018, no site INSIEME – A Revista Italiana Daqui, é possível observar a seguinte manchete: *COMITES oficializa pedido de sede para consulado italiano em Florianópolis. Governador concorda, mas autorização dependerá da Alesc.*

Na notícia é mencionado que alguns grupos formalizaram o pedido de concessão de uma área que fosse destinada para a constituição do consulado de Santa Catarina, pedido o qual já havia sido feito anteriormente ao governador Eduardo Pinho Moreira. O responsável pelo documento é Walter Antonio Petruzzello, presidente da entidade Comitato degli Italiani all’Estero – COMITES:

Esse documento do Comites PR/SC, segundo explica Mezzogiorno, embasará institucionalmente a mensagem que o governador deverá enviar em seguida à Assembleia Legislativa de Santa Catarina, pedindo autorização para a cessão do espaço que já está, inclusive, definido: uma área de aproximadamente 100 metros quadrados, disponível no Centro Administrativo do Estado, localizado às margens da Rodovia SC 401, km 5, no bairro de Saco Grande. (PERON, 2018).

A articulação da constituição do consulado no estado, segue sob responsabilidade de Diego Mezzogiorno, conselheiro da câmara Ítalo-Brasileira do Comércio e Indústria de Santa Catarina. Na reportagem, é enfatizado pelo conselheiro a ascendência do governador Eduardo Pinho Moreira. “O governador, que é também descendente de imigrantes italianos pelo lado materno, está disposto a resolver essa questão ainda durante sua gestão”, disse, na oportunidade, Mezzogiorno.” (PERON, 2018).

Assim, é possível perceber que para além dos interesses estaduais em benefício dos catarinenses que, atualmente, precisam se deslocar até Curitiba, caso queiram obter a cidadania, há também os interesses pessoais baseados em uma identidade ítalo-brasileira do governador:

As negociações envolvendo várias personalidades do Estado, conforme observa o documento, já se desenrolam há pelo menos dois anos, são encabeçadas por Diego Mezzogiorno e, agora, essa campanha de sensibilização e reivindicação de melhores serviços para a população ítalo-descendente de Santa Catarina conta com a adesão formal do COMITES. O movimento por um consulado italiano em SC vem sendo tocado juntamente com reivindicação de igual conteúdo pelas lideranças do Estado do Espírito Santo e tem o apoio manifesto do embaixador da Itália no Brasil, Antonio Bernardini. (PERON, 2018).<sup>36</sup>

Em notícia divulgada – no mesmo site – no dia 23 de janeiro de 2019, sendo dois meses depois, percebe-se uma tensão em relação à construção do consulado catarinense. No próprio título da matéria já é visível o conflito: *Governo de SC ensaia negar sede consular, há descontentamento e tema sobe até Bolsonaro. Lorenzato é designado para resolver o problema*. É importante destacar que, em outubro de 2018, ocorreram as eleições no Brasil. Desse modo, Eduardo Pinho Moreira deixa de ser o governador do estado, sendo sucedido por Carlos Moisés da Silva, empossado no dia 01 de janeiro de 2019.

Na reportagem é perceptível o quanto o clima de guerra se instalou entre as principais lideranças ítalo-brasileiras do estado com o novo governo. Isso porque o atual Governador anunciou que não cumpriria a promessa que havia sido feita pelo governo anterior, isto é, a de ceder um espaço para a constituição do consulado. “Está todo mundo perplexo com a informação e esperamos que o governador reflita melhor sobre o assunto”, disse o principal articulador do movimento pró-consulado de SC até aqui, Diego Mezzogiorno.” (PERON, 2019).

Ainda, segundo a notícia, a polêmica foi levada até o presidente recém-eleito, Jair Messias Bolsonaro, que, no momento encontrava-se em Davos<sup>37</sup>. Além dele, estava também o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte:

Ao tomar conhecimento do impasse, Bolsonaro, através de sua assessoria, encarregou o deputado ítalo-brasileiro Luiz Roberto Lorenzato (Lega) para cuidar pessoalmente do assunto. “O tema será objeto de visita minha pessoal ao governador de Santa Catarina, na próxima viagem que eu fizer para o Brasil, no

<sup>36</sup> O documento encontra-se anexado ao final desse trabalho (ANEXO C).

<sup>37</sup> Fórum Econômico Mundial – FEM em Davos, na Suíça. O FEM é um evento que reúne os principais líderes políticos e empresariais, jornalistas e intelectuais do mundo, para discutir questões relacionadas a economia, globalização, saúde, meio ambiente, etc.

decorrer do próximo mês, disse Lorenzato a *Insieme* agora há pouco. (...) Mais no final da tarde, Diego Mezzogiorno informava já ter audiência marcada, “para amanhã” com o prefeito de Florianópolis: “Tenho certeza – disse ele – que, em caso de negativa do governo estadual, a autoridade municipal da capital catarinense haverá de se manifestar favoravelmente a um eventual pleito de espaço digno para o funcionamento dos serviços consulares italianos em Santa Catarina”. Segundo Mezzogiorno, devem existir ingredientes político-partidários envolvidos na decisão do novo governador do Estado, “mas esta é uma questão suprapartidária”. (PERON, 2019).

É válido ressaltar que, além do conflito estadual em relação às questões partidárias no estado, como destacado por Mezzogiorno, como um possível motivo para a declaração do governo no que se refere ao espaço que seria cedido ao consulado, houve também uma tensão dentro do próprio Partido Social Liberal (PSL), pois, tanto o governador Carlos Moisés da Silva, quanto o presidente Jair Messias Bolsonaro, são integrantes do mesmo partido.

No dia 28 de janeiro de 2019, o Cônsul de Curitiba esteve em Santa Catarina para discutir com o atual Governador a questão da construção de um consulado no estado. O Cônsul destacou que muitos catarinenses se deslocam até o outro estado para serem atendidos. Segundo ele, caso existisse um consulado no estado, esses serviços poderiam ser prestados com muito mais agilidade. Além disso, foi pautado na reunião uma série de oportunidades que o estado catarinense poderia ter com a consolidação do projeto, tanto em relação ao setor turístico, quanto a infraestrutura e educação: “A forte presença da imigração italiana em Santa Catarina é um atrativo a mais para consolidar as parcerias.” (ITALIANISMO, 2019).

Importante destacar que, não são somente os interesses culturais que estão postos na construção de um novo consulado. Hoje, são cerca de 30 mil pessoas na fila de espera do Consulado Geral da Itália de Curitiba e com a construção de um novo local, resolveria um problema logístico para o estado do Paraná e seu consulado, que no momento, é responsável pela jurisdição dos dois estados.

O atual coordenador do consulado geral de Curitiba é o diplomata Raffaele Festa, que assumiu as funções em 03 de julho de 2017. Em uma mensagem no site do consulado – postada no dia 15 de junho de 2018 – intitulada *Saudações do Cônsul Geral à Festa Nacional*<sup>38</sup>, ele cumprimenta autoridades italianas e saúda a Septagésima Festa da República Italiana. Raffaele Festa, evidencia em sua escrita a importância da língua no processo identitário, “(...) nesta oportunidade gosto de falar na nossa bela língua italiana, não porque

---

<sup>38</sup> “*Saluto del Console Generale Alla Festa Nazionale*”.

a língua portuguesa seja menos bela daquela italiana, mas porque acredito na identidade linguística, um dos traços fundamentais da identidade italiana” (FESTA, 2018).

Além disso, em várias passagens, Festa (2018) destaca seu esforço em prol da disseminação da cultura italiana no Brasil, em especial nas regiões dos estados de Paraná e Santa Catarina, as quais são regidas pelo consulado de Curitiba. “(...) Tenho me esforçado ao máximo para que o Consulado Geral não seja visto como uma estampanaria de documentos (o que seria injustamente simplista), mas também e sobretudo como uma antena de promoção do Sistema Itália”. (FESTA, 2018).

O Cônsul evidencia o empenho em promover, sobretudo, a cultura, dando destaque para disseminação da língua italiana, por meio dos projetos de introdução e reintrodução da língua nos currículos de algumas escolas públicas das cidades dos dois estados referidos. Além disso, ele também frisa a promoção cultural a partir de alguns eventos, como o “*Mia cara* Curitiba” e “*Mia cara* Florianópolis”. Segundo o Cônsul, os eventos renasceram depois de anos de ausência, com intuito de:

(...) proporcionar a todos, gratuitamente, a nossa bela cultura italiana, que todos admiram, em todas as suas formas (ópera, música de câmara, teatro prosa, dança, cinema, fotografia, etc). Agradeço o Prefeito Greca e o Secretário Fiani (ambos de origem italiana) pela preciosa colaboração que mais uma vez nos prestaram. (FESTA, 2018).

Raffaele Festa, em seu relato às autoridades italianas sobre os eventos ocorridos no Brasil, faz questão de evidenciar a origem dos envolvidos na organização das festas, demarcando, desse modo, a distinção desses, os quais são ítalo-brasileiros, em relação aos “outros” brasileiros. Esses, os quais possuem a ascendência, detém o aval para tal responsabilidade, como fica implícito em sua escrita.

No site do evento, *Mia Cara*, é mencionado que os festejos buscam celebrar a cultura italiana. Em Curitiba, o evento, que ocorreu em maio de 2018, estava em sua oitava edição. Além disso, eles destacam também a primeira edição do *Mia Cara* Florianópolis, realizada entre os dias 18 a 30 de maio, que ocorreu paralelamente a festa do estado do Paraná. A comemoração foi uma realização do Consulado de Curitiba em parceria com a Embaixada da Itália no Brasil.

#### 4. TRABALHADORAS E TRABALHADORES EM MOVIMENTO: AS EXPERIÊNCIAS DE EMIGRANTES CRICIUMENSES NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA

No ano de 2019, foi realizado o “XXVIII Rapporto Immigrazione 2018-2019”<sup>39</sup>, pela CARITAS, instituição vinculada a igreja católica e que, tem como intuito, desenvolver ações humanitárias. A instituição possui mais de 170 organizações-membro por todo o mundo, sendo sua sede em Roma, na Itália.

Segundo dados do relatório de 2019, que teve como lema: “Non si tratta solo di migranti”<sup>40</sup>, há uma onda extremamente violenta em relação a população migrante na Itália, sendo expressa, especialmente, pelas redes sociais, de modo que nem mesmo a figura dos padres e religiosos católicos escapam das duras críticas e dos discursos xenofóbicos por parte da sociedade italiana:

(...) as luzes e sombras da presença de padres estrangeiros, religiosos e religiosas na Itália, muitas vezes incompreendidos em seu significado e valor missionário; o relacionamento crítico - às vezes violento - que uma parte dos usuários italianos do Twitter mantém com o pontífice, em uma mistura de culpas sociais, políticas e religiosas, especialmente no assunto de migrantes, como um caso único em todo o mundo<sup>41</sup> (CARITAS, 2019, p. 01, tradução nossa).

Importante destacar que, neste contexto, a igreja católica, desde 2013, está sob o comando do Papa Francisco, sendo ele, o primeiro papa latino-americano e não europeu da história do Vaticano. O pontífice é conhecido na mídia internacional por suas diversas declarações contrárias as políticas anti-imigrantistas e ao governo de extrema direita da Itália, como também por suas pautas com um viés “progressista” nas decisões tomadas frente à igreja católica. Em entrevista concedida ao jornal italiano *La Stampa*, o Papa reitera sua opinião frente ao nacionalismo exacerbado e a migração:

O nacionalismo é uma atitude de isolamento. Estou preocupado porque ouvimos discursos que se assemelham aos de Hitler em 1934. “Primeiro nós. Nós... nós...”: são pensamentos assustadores. Nacionalismo é fechamento. Um país deve ser soberano, mas não fechado. A soberania de um país deve ser defendida, mas as relações com outros países, com a comunidade europeia, também devem ser

<sup>39</sup>“XXVIII Relatório de Imigração 2018-2019”.

<sup>40</sup> "Não se trata apenas de migrantes".

<sup>41</sup> (...) *le luci e le ombre della presenza di sacerdoti, religiosi e religiose stranieri in Italia, sovente mal compresa nel suo significato e nel suo valore missionario; il rapporto critico – a tratti violento – che una parte degli utenti Twitter italiani intrattiene con il Pontefice, in una mescolanza di biasimo sociale, politico e religioso, soprattutto in tema di migranti, tale da configurarsi come caso unico a livello mondiale* (CARITAS, 2019, p. 01).

protegidas e promovidas. O nacionalismo é um exagero que sempre termina mal: leva a guerra<sup>42</sup> (PAPA FRANCISCO, LA STAMPA, 2019, tradução nossa).

Os discursos discriminatórios e xenofóbicos, tornaram-se uma constante na vida dos migrantes, não só na Itália, mas por toda a Europa. É possível observar esses discursos nos relatos cedidos por alguns entrevistados(as) nesta pesquisa. O casal Renata e Luis, por exemplo, vivenciaram essa experiência mesmo possuindo a cidadania italiana. O casal partiu rumo a Itália com o intuito de conquistar a documentação, desse modo, permaneceram por apenas um mês no país, pois o processo foi rápido e já haviam arranjando emprego e permanência na Alemanha. Ao serem questionados se foram vítimas de algum preconceito no país de destino, Luis respondeu:

Tem momentos que sim, eles discriminam bastante os brasileiros (...) Eles não gostam muito dos brasileiros. Quando a gente fala que é brasileiro eles: “brasilianos”, meio que julgando... meio que dá para entender que julgam mal, a gente é mal julgado (...) Eles acham que a gente é uma “classe” inferior, eu acho (LUIS, 2019).

Em outra entrevista, também é possível observar essas relações de alteridade e discriminação. Isabela<sup>43</sup>, migrou no ano de 2009 para acompanhar seu marido, na época ela tinha 42 anos. Sua ideia inicial era fazer companhia ao esposo que já estava lá a alguns anos. Quando a questioneei se foi vítima de algum preconceito por ser brasileira e mulher, Isabela fez questão de frisar que não, que foi sempre bem tratada no país receptor e que, inclusive, esse era um de seus medos antes de partir, pois além de ser uma mulher, possui o recorte racial em sua vivência. Segundo a entrevistada:

Não, de maneira nenhuma. Eu fui com medo disso, por ser negra, meu marido italiano e eu negra. Eu achava que sim, mas, por sorte no aeroporto de São Paulo, a gente estava na fila do check in e tinha um italiano que morava há 13 anos em São Paulo, e, ele viu eu falar com o meu marido sobre isso. A minha insegurança de estar lá no meio dos italianos e ser negra e tal... totalmente errada a visão que a gente tem aqui. Ele olhou pra mim, pediu licença e disse: “olha, eu sou italiano e eu estou te notando na fila com o teu marido e tu ri muito. Se tu chegares na Itália e tu mostrar esse teu sorriso, - ele fala sorriso latino, que os brasileiros tem - tu vais conquistar todo mundo”. E eu fui com aquilo na cabeça, cheguei lá e realmente, fui sempre bem tratada, tanto que quando vim embora de lá, a minha patroa – dona do restaurante – chorou. Ela não se conformou de eu estar vindo embora. Então ela disse que era o meu sorriso... era o que ela mais gostava de manhã quando ela

---

<sup>42</sup> *Il sovranismo è un atteggiamento di isolamento. Sono preoccupato perché si sentono discorsi che assomigliano a quelli di Hitler nel 1934. “Prima noi. Noi... noi...”: sono pensieri che fanno paura. Il sovranismo è chiusura. Un paese deve essere sovrano, ma non chiuso. La sovranità va difesa, ma vanno protetti e promossi anche i rapporti con gli altri paesi, con la Comunità europea. Il sovranismo è un’esagerazione che finisce male sempre: porta alle guerre* (LA STAMPA, 2019).

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Isabela, no dia 08 de novembro de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

chegava no restaurante. Então eu fiquei bem feliz. Assim... eu não vivi nenhum tipo de preconceito. Nenhum! (ISABELA, 2019).

Mesmo que sua narrativa enfatize as boas relações que estabeleceu no país, seja por nunca ter sido vítima de alguma discriminação, em outros momentos da entrevista é possível observar que em distintas situações da sua trajetória vivenciou o preconceito. Quando a questioneei sobre as relações de trabalho no país estrangeiro e de como a mesma se relacionava em seu trabalho, ela comentou sobre o quanto sofreu no início. Isabela iniciou sua jornada fazendo faxina, mas alguns meses depois conseguiu um emprego em um restaurante. De acordo com seus relatos, a adaptação não foi nada fácil e que, uma de suas maiores dificuldades, no início, era se adaptar a língua italiana, pois não tinha o domínio do idioma. Além disso, sua chefe a tratava de maneira ríspida:

(...) depois de dois meses e meio lá na faxina, eu já fui para o restaurante, e lá eu sofri bastante, assim, nos primeiros meses. Por não dominar a língua e, eles falavam tudo em italiano comigo, não queriam saber. A minha chefe era uma romena, ela estava há 30 anos na Itália e ela discutiu muito comigo por não falar italiano: “como que tu vens pra cá e não sabe falar a língua e tal?” Então foi difícil pra mim (ISABELA, 2019).

Após esses episódios, a brasileira foi se habituando a rotina e a língua italiana. Sua permanência no emprego durou dois anos, assim como o tempo em que esteve na Itália. Isabela ainda comentou que, inclusive, conseguiu se aproximar e se tornar amiga de sua patroa, pois tentou mostrar a ela que ambas vivenciaram dificuldades parecidas quando chegaram ao país, principalmente, em relação as barreiras do idioma. Ela em 2009 e sua patroa romena há 30 anos. A partir disso, estabeleceram um vínculo que perdura até hoje:

(...) foi onde eu fiquei os dois anos. Ai depois eu soube que ela era romena e eu já sabia falar o italiano, comecei a falar em português com ela e ela confusa, aí eu: “pois é, quando tu veio pra cá tu era romena, não era italiana, tu não falava a língua até 30 anos atrás”. Então pensa um pouquinho e olha o que eu passei, o que eu passei, tu passaste! Aí ela chorou, me abraçou e ficamos amigas, eu e a Madalena<sup>44</sup> (risos) (ISABELA, 2019).

De acordo com o relatório da CARITAS, houve um aumento exponencial dos fluxos migratórios nas últimas décadas. Baseados pelos dados mais recentes disponibilizados pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 2017, cerca de 257,7 milhões de pessoas vivem em situação de migração por todo o mundo, sendo a Europa o segundo continente com o

---

<sup>44</sup> Nome fictício.

maior número de imigrantes, cerca de 30,2%. No início dos anos 2000 até 2017 esse fluxo aumentou em 49%. Na década de 1990, 2,9% da população mundial era composta por migrantes, atualmente esse número chega a 3,4% (CARITAS, 2019).

Embora ocorra um grande fluxo para os países europeus, os Estados Unidos da América – EUA, ainda segue como o país com o maior número de imigrantes, mesmo com políticas migratórias conservadoras. Cerca de 50 milhões de pessoas vivem em situação de imigração no país americano, o que equivale aproximadamente 19,3% da população migrante mundial. Possivelmente, um dos fatores que leva os EUA a ser o principal destino, é o imaginário criado em torno do padrão de vida americana. Muitos partem buscando “fazer a América”, com o desejo de conquistar seus dólares e de viver no país mais capitalista do globo. Segundo Assis, ao falar especificamente dos criciumenses que partiram para o país americano,

O duplo direcionamento de emigração instigou-me a pensar nas representações construídas em torno do desejo de ir para os Estados Unidos ou para a Itália. Ao longo da pesquisa, constatei que o projeto de emigrar envolvia dois imaginários: um primeiro estaria ligado ao passado, com os emigrantes tentando refazer a trajetória de seus tataravôs voltando para a Itália, fazendo o caminho inverso, conforme destacou Savoldi (1998); um segundo estaria ligado ao presente e ao sonho de milhares de brasileiros que partem para os Estados Unidos, desde meados dos anos 80 para "fazer a América". Na cidade, esses dois imaginários estão presentes e são acionados de acordo com as circunstâncias (...) (ASSIS, 2004, p. 87).

Em um contexto europeu, o qual essa pesquisa se propõe analisar, o país com o maior número receptor de imigrantes é a Alemanha, tendo aproximadamente 9 milhões de imigrantes estrangeiros. A Itália, ocupa a posição de 3º país com o maior número de imigrantes na Europa. As regiões norte e centro da Itália são as que contam com a maior presença de migrantes, sendo, respectivamente, 64,5% e 63,4%. Já a região sul, apresenta maior número de italianos(as), sendo esses(as) 67,6% da população da região (CARITAS, 2019). Ainda segundo o relatório:

A Itália, com 5.255.503 cidadãos estrangeiros residentes regularmente (8,7% da população total residente na Itália), ocupa a terceira posição na União Europeia. As admissões por motivos de trabalho diminuem, enquanto as por razões de asilo e proteção humanitária aumentam. Desde 2014, a perda de cidadãos italianos equivale a uma cidade grande como Palermo (677 mil pessoas): uma perda compensada, no mesmo período, por novos cidadãos pela aquisição da cidadania (mais de 638 mil) e pelo aumento simultâneo de mais de 241 mil unidades de cidadãos estrangeiros residentes. Considerando a queda nas taxas de natalidade estrangeira (-3,7% em 2018), cada vez mais semelhante à da população indígena, continua a contribuição dos imigrantes para a reprodução demográfica da Itália (...)

A população estrangeira em território italiano reside principalmente nas regiões mais desenvolvidas do Norte (57,5%)<sup>45</sup> (CARITAS, 2019, p. 02, tradução nossa).

Como observado, a Alemanha se tornou um dos principais destinos dos imigrantes nos últimos anos, e isso, é perceptível também na trajetória de alguns trabalhadores(as) cricumenses que conquistaram a dupla cidadania. Tanto no relato da assessora Maria, destacada no capítulo anterior, em que falava sobre aqueles(as) que partiram para trabalhar nas sorveterias alemãs, quanto na trajetória do casal de imigrantes Renata e Luis, percebe-se a Alemanha como um país com potencial para aqueles que buscam trabalho.

Entretanto, mais uma vez o idioma aparece como problemática nas relações sociais estabelecidas no dia a dia. Para o casal, essa foi uma das maiores barreiras que precisaram superar e se “acostumar”, já que necessitavam saber o básico para sobreviver. Bem como enfatiza Renata, o início de suas vivências no país, foi extremamente conturbado: “A gente não conhecia nada, a gente estava aprendendo e eles queriam que a gente soubesse tudo no primeiro dia, nossa! Metiam a boca na gente também” (RENATA, 2019).

O casal também comentou que, em muitos momentos, pensaram em permanecer na Itália, pois sentiam que o país era mais acolhedor, e também, pela facilidade do idioma. A escolha de permanecer na Alemanha levou em consideração outros fatores. Embora não fosse difícil arranjar emprego na Itália, inclusive, segundo os mesmos era até mais fácil, para eles, a garantia de direitos na Alemanha era melhor. Assim, optaram por vivenciar a dificuldade do idioma, ante ter menos condições de trabalho e direitos. Segundo Luis:

Na Itália foi mais tranquilo, porque o italiano é mais fácil, o alemão é muito difícil (...) mas, pelo sistema da Alemanha de serviços que é mais fácil. Porque aí a gente não precisa pagar nada, eles pagam plano de saúde, moradia, alimentação. A gente não se incomoda tanto, né. É mais prático (LUIS, 2019)

Em relação à saúde do trabalhador(a), no caso, como seriam tratados em situações de acidentes ou doenças, ambos demonstraram que a Alemanha tinha leis mais efetivas. Entretanto, quando questionados se haviam passado por algum momento de dificuldade nos

---

<sup>45</sup> *L'Italia, con 5.255.503 cittadini stranieri regolarmente residenti (8,7% della popolazione totale residente in Italia) si colloca al terzo posto nell'Unione Europea. Diminuiscono gli ingressi per motivi di lavoro, mentre aumentano quelli per motivi di asilo e protezione umanitaria. Dal 2014 la perdita di cittadini italiani risulta l'equivalente di una grande città come Palermo (677 mila persone): una perdita compensata, nello stesso periodo, dai nuovi cittadini per acquisizione di cittadinanza (oltre 638 mila) e dal contemporaneo aumento di oltre 241 mila unità di cittadini stranieri residenti. Pur tenendo conto della diminuzione della natalità straniera (-3,7% nel 2018), sempre più simile a quella della popolazione autoctona, perdura il contributo degli immigrati alla riproduzione demografica dell'Italia (...) La popolazione straniera sul territorio italiano risiede prevalentemente nelle regioni più sviluppate del Nord (57,5%) (CARITAS, 2019, p. 02).*

sete meses de permanência no país, comentaram que o momento mais delicado foi devido aos problemas de saúde de Luis, e que, por essa causa, retornaram temporariamente ao Brasil. Luis passou por diversos momentos complicados, teve alergias e problemas em uma de suas mãos, pois possui uma platina e, devido ao contato com o ar quente e frio o tempo todo, isso lhe trouxe complicações:

(...) primeiro foi a alergia e depois... eu tenho uma platina na mão e ela começou a inchar. Mas eles atenderam a gente muito bem, fui no médico três vezes... tinha plano de saúde. Só que tinha que operar a minha mão lá, ele queria tirar o ferro de dentro e aí a gente ficou com medo, porque eu ia ter que ficar no hospital sozinho (...) Tudo de graça! Tudo pelo plano. Tanto quanto remédio, tanto quanto... como é que se fala... uma pulseira aqui... magnética (LUIZ, 2019).

Em paralelo a realidade alemã, que nas demandas da saúde dos(as) trabalhadores(as) apresenta melhores condições de dignidade humana, levando em conta a experiência do casal, a CARITAS traz alguns dados sobre os acidentes de trabalho na Itália, segundo a instituição: “As fichas de alta hospitalar confirmam uma tendência bem estabelecida: traumatismos, em grande parte resultado de acidentes de trabalho, são a primeira causa de hospitalização para homens, enquanto gravidez e parto são para mulheres”<sup>46</sup> (CARITAS, 2019, p. 04, tradução nossa). O dossiê, aponta que em relação às mulheres, o parto é uma das principais ocorrências de hospitalização, porém não menciona as diversas violências obstétricas que as mulheres imigrantes e refugiadas são expostas.

Ao questionar a entrevistada Michele<sup>47</sup>, no caso se ela estabelecia relações de amizade, proximidade ou convivência com imigrantes de outros países, ela acaba lembrando de um acontecimento vivido durante sua gestação. Embora ela tivesse ido inicialmente para o país de forma “indocumentada”, era tratada com cuidado durante o período que ficou internada, porém, o tratamento era completamente diferente com a gestante refugiada, a qual era ignorada pelas enfermeiras, mesmo prestes a “dar à luz”. Segundo ela:

Uma das experiências que eu percebi foi com imigrantes e estrangeiros, durante a gestação... durante o parto na verdade... após o parto. Quando eu estava no hospital, eles colocaram a gente em uma sala, onde eram: eu, mais uma brasileira e uma... ai meu Deus... (esquecimento)... muçulmana. E o tratamento com essa muçulmana foi dos piores impossíveis. Elas literalmente a ignoravam. Eu e a outra brasileira, a gente já... porque a gente já falava um pouco italiano, então a gente não baixava a bola mesmo. Mas, com essa muçulmana que não falava nada, a violência foi

<sup>46</sup> “Le schede di dimissione ospedaliera confermano una tendenza ormai consolidata: i traumatismi, in gran parte risultato di **incidenti sul lavoro**, si attestano come prima causa di ricoveri per gli uomini, mentre **gravidanza e parto** lo sono per le donne” (CARITAS, 2019, p. 04).

<sup>47</sup> Entrevista realizada com Michele, no dia 21 de setembro de 2018, concedida à Nathália Pereira Cabral.

muito pior. Ela chamava, ela pedia ajuda e elas não vinham, elas se recusavam a ajudar ela... eu fiquei quase cinco dias no hospital, após a cesárea, então eu presenciei essas coisas. Foi realmente horrível. Tipo, assim... elas ignoravam mesmo. Já eu e a outra brasileira, não, a gente até teve um atendimento bom, apesar de eu não ter o documento ainda, fui muito bem atendida (MICHELE, 2018).

Em relação à questão da gestação em um outro país, é importante destacar que essa experiência pode ser observada de diferentes óticas. Como relatado anteriormente, pensando a saúde da mulher migrante e refugiada, mas também pelo viés da instrumentalização, pois muitas mulheres acabam enxergando na gestação uma oportunidade de conquistar direitos ou assegurar o mínimo de dignidade humana. Entretanto, mesmo que tenham acesso a alguns direitos, não são enxergadas como cidadãs e sim, como mães de cidadãos italianos(as), ou esposa de cidadãos italianos, quando utilizam o casamento como uma via de conquista de direitos:

Então, após o nascimento do Juliano<sup>48</sup>, foi onde eu consegui o meu “*Permeso*”, porque eu consegui o *permeso* por família, como eles dizem. Então, no meu *permeso*, consta que eu sou mãe de filho italiano. Mas, ele só é italiano porque o pai tem a dupla cidadania... foi ali que eu consegui a minha documentação, porque, até então, eu não tinha qualquer tipo de documentação (MICHELE, 2018).

A maternidade – sendo ela instrumental ou não – não é vivenciada sem abdicar de muitas coisas. Em muitos momentos, a busca por dignidade se torna um processo em que as mulheres são deslegitimadas sobre seus próprios corpos e escolhas maternas, antes mesmo de parir.

Ainda sobre seu parto, Michele relata que foi um processo tranquilo, porém recebeu poucas consultas e atendimentos. Segundo a migrante, os atendimentos eram agendados pela *Comune*<sup>49</sup> e o procedimento era muito diferente de como ocorria no Brasil, neste caso não se tinha controle sobre a quantidade de consultas. Ela mencionou isso baseando-se em sua própria experiência, já que vivenciou uma gestação em solo brasileiro e outra em solo italiano.

Assim, desde o início, percebe-se que há um controle sobre as gestantes, sobre seus corpos e suas decisões, deixando evidente que a tutela vai para além das relações estabelecidas na vida privada. Ela comentou que pôde escolher seu tipo de parto, mas essa escolha só foi permitida pelo fato de estar dando deus à luz ao seu segundo filho. Além disso,

---

<sup>48</sup> Nome fictício.

<sup>49</sup> Equivalente a município no Brasil.

algumas decisões foram tomadas pelas enfermeiras sem que ela pudesse opinar ou decidir por seu filho:

O parto em si, foi muito tranquilo, o atendimento foi muito bom na hora do parto. Eu pude escolher o tipo de parto que eu queria, eu escolhi a cesárea. Só que eu pude escolher porque eu já tinha tido o primeiro, porque... a primeira gestação lá na Itália, pelo o que eu entendi, enquanto eu estava lá... é meio que obrigatoriamente ser parto normal. Tanto que a outra brasileira que estava no mesmo quarto comigo e era o primeiro filho, eles meio que forçaram ela até onde não podia mais pra que ela fizesse o parto normal. Como o meu já era o segundo filho, o meu primeiro filho já tinha sido cesárea, eu pude optar. Eu optei também pela anestesia geral, eu pude escolher, e depois eu vim pro quarto... o atendimento foi um pouco diferenciado daqui do Brasil... lá elas vinham me limpar na cama. No hospital tinha fralda, tinha lenço umedecido, não precisava levar nada. A noite eles recolhem as crianças dos quartos e só traziam no outro dia de manhã. Elas dão banho, a criança já chega cheirosinha, limpinha, mas tu não ficas a noite inteira com a criança ali. Eles... eles dão leite em pó. Se precisar, a criança vem com bico para o quarto, coisa que aqui eu não presenciei, eu não podia levar bico... e lá não, a criança já chegava de manhã com um bico pendurado nela (MICHELE, 2018).

Outro ponto importante a destacar é o preconceito vivenciado pelas mulheres que são mães muito cedo. A Itália é conhecida por ser um país de “idosos(as)” o que reflete, principalmente, em seus dados estatísticos. Por ser mãe pela segunda vez e ainda ser jovem, Michele comenta que recebia olhares atravessados, e que ao comentar ser mãe de dois filhos, os italianos(as) logo identificavam que ela era brasileira. Esse pré-conceito enfatiza a visão que se tem sobre as mulheres imigrantes latino-americanas: a predisposição a vida sexual ativa:

Em questão de preconceito... eu tive durante a gestação... e durante o parto. Como na época eu era nova, “vamos se dizer assim”, e estava em uma segunda gestação, então eles olhavam meio que atravessado: “Ah! Nova e já no segundo filho”, então eles diziam: “só pode ser brasileira”. Porque brasileiro é... parece aquela coisa, tem muitos filhos. Tanto que eles não me permitiram fazer a laqueadura lá, justamente porque eu era muito nova. Mas, eles sempre meio que te olhavam de atravessado por ser estrangeira e já sendo o segundo filho (MICHELE, 2018).

Mas, a maternidade possibilitava uma sociabilidade múltipla a ela, pois ao mesmo tempo que era julgada, também era melhor aceita perante a sociedade. O fato de não ser uma estrangeira solteira permitia que ela não fosse associada a prostituição, dado que, na Itália, ser uma imigrante casada e com filhos, era quase que sinônimo de ser respeitada:

(...) por eu ser casada, eu não sofria tanto. Porque quando tu és casada, meio que tem uma imagem diferente da mulher brasileira. Diferente de tu ser uma mulher solteira. Eles têm uma imagem da mulher solteira como prostituta, por exemplo. Quando você é casada e eu como estava grávida... nossa! As italianas chegavam pra mim, me cumprimentavam, queriam passar a mão na minha barriga... o alvo

era diferente. A atitude era diferente. Então, talvez eu não passei por tanto preconceito, algum tipo de... é... de xenofobia, alguma coisa assim, justamente porque eu era casada e tinha filhos (MICHELE, 2018).

Há também outro modo de se instrumentalizar as relações em busca de mais dignidade: a partir do casamento. Vale destacar que, nem todos os casamentos entre imigrantes e italianos(as) são instrumentais, assim como também, nem sempre é a mulher imigrante que casa com o nacional, embora seja mais comum. Como no caso de Renata e Luis, o casal que partiu, inicialmente, para a Itália para a conquista da dupla cidadania. Quem possuía a ascendência italiana, neste caso, era a migrante, deste modo, Luis conquistou seu documento através do matrimônio com a ítalo-brasileira. Entretanto, apesar dos “benefícios” oferecidos pelos casamentos mistos, Adriana Piscitelli também adverte sobre a prática:

Essas uniões mistas às vezes expõem as mulheres a riscos, particularmente àquelas com menos recursos, sujeitas a um grau mais intenso de desigualdade e racismo. Entretanto, esses casamentos, que oferecem a principal via para a obtenção de vistos de residência no marco de políticas migratórias cada vez mais restritivas, são almejados por diversos motivos (...) Além disso, esses casamentos frequentemente possibilitam alterar a posição social no Brasil, por diversas ações mediadas pelo poder econômico e tingidas pelo prestígio conferido por morar na Europa (2008, p. 271, 272)

Ainda que pareça uma inteligente estratégia, pode também oferecer riscos, especialmente para as mulheres. Vale lembrar que até mesmo quando a prática não é realizada como estratégia, ela oferece risco, assim como relatou Michele. Quando a migrante partiu para a Itália, ela já era casada com seu marido e já possuía um filho. Seu marido era ítalo-brasileiro, mas ela só conseguiu conquistar a documentação um tempo depois de chegar no país, vivendo assim, por um período, de maneira “indocumentada”. Ela relata que vivenciou constantes violências e humilhações por parte de seu companheiro, o qual sentia-se seguro com o fato de a mulher depender dele para conquistar seus documentos.

A mulher migrante, especialmente as latino-americanas, vivenciam violências em diversas esferas, pois quando não são ofendidas pela sociedade italiana, que as desqualifica e/ou sexualiza, são “tuteladas” por seus maridos ou pela maternidade, colocando-as em uma condição de dependência. Essas relações, do âmbito da vida privada, também nos evidenciam um outro problema. Diferente do que se pensa, na maioria das vezes, as violências vivenciadas por essas migrantes não estão presentes somente nas relações de alteridade estabelecidas entre elas e os “outros”, mas também dentro do seu próprio lar. Muitas dessas mulheres tornam-se “documentadas” por meio do casamento, ou da maternidade, pois não

possuem o vínculo étnico, o que as coloca, em alguns casos, em uma relação de violência doméstica:

(...) por estar num país que não é o teu país, por estar indocumentada... tu ficavas retraída de buscar qualquer direito. Não tinha como buscar... Não tinha, porque tu eras uma estrangeira lá e ele tinha documento, então... A violência era muito mais do que... muito mais pesada e muito mais forte do que aqui. E, justamente por isso, tu não tinhas com quem recorrer, tu não tinhas família, tu não tens amigos, tu não tens ninguém (...) E a ameaça: “eu tenho documentos então eu posso ficar com os filhos, né? E tu não pode fazer nada, tu tens que te calar” (...) muito pior do que se eu tivesse aqui, porque aqui eu não permiti. Aqui eu me separei, mas também nunca busquei meus direitos justamente por isso, por vergonha da família, vergonha das pessoas. Quando tu está fora, num país estranho, num país diferente... é muito pior, muito pior mesmo (...) tu não tinha o que recorrer, tu ficava com marcas a semana inteira e ninguém te via... te batia, te agredia, te dava tapa, te dava chute e ninguém sabia, ninguém te via (MICHELE, 2018).

Em relação aos dados oficiais sobre as uniões mistas na Itália, no ano de 2017, houveram 27.744 casamentos, em que ao menos um dos companheiros era estrangeiro, na maioria dos casos prevalece o matrimônio entre homens italianos e mulheres de outros países, especificamente 55,7%. No ano de 2016, os matrimônios expressavam, em média, 8,3% do total de casamentos no país, já em 2017, esse número subiu para 14,5% (CARITAS, 2019).

É importante perceber, também, que para além das relações econômicas e da vida privada, outros pontos “atravessam” a vivência dessas mulheres que partem rumo a Itália, na busca de uma melhor condição socioeconômica. Muitas delas, além de ocuparem espaços subalternos no mundo do trabalho, sofrem violências quase que diariamente, principalmente sendo elas de conotação sexual, em que, ser brasileira ou latino-americana é sinônimo de prostituição, mesmo que esse não seja o objetivo da grande maioria das migrantes.

Para Piscitelli: “Essas migrantes são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Refiro-me às noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo fato de serem brasileiras” (PISCITELLI, p. 269, 2008). Quando questionei Julia em relação ao imaginário e estereótipo criado em relação as mulheres brasileiras na Europa, ela relatou que as mulheres brasileiras são vistas como mulheres mais “abertas” para se relacionar:

A mulher lá fora, brasileira, é vista diferente. É vista como uma mulher... eu não sei nem como mencionar... Não como uma mulher mais “fácil”, mas como uma mulher que é mais aberta a “relacionamentos abertos”. Tipo assim, não é uma mulher que tu vai chegar e tu vai dar uma cantada e se elas quiserem, elas gostarem elas vão dizer sim na hora, se elas não quiserem elas vão dizer não... mas elas são mais abertas para opiniões, para escutar, para dizer sim ou não, né? Então, realmente sim, tem essa diferença (JULIA, 2019).

A entrevistada também comenta que havia um estigma muito forte entre mulheres brasileiras e prostituição, pois eram recorrentes as reportagens alertando sobre a prática. Por isso, as mulheres brasileiras e solteiras geralmente eram taxadas como prostitutas, mesmo não possuindo vínculo, o que não ocorria com os homens brasileiros.

Piscitelli (2008) alerta que grande parte das brasileiras migrantes não tem vínculo com o setor, mas devido os diversos marcadores que atravessam a vivência dessas pessoas, cria-se uma ideia de que elas possuem uma disposição natural para o sexo e sexualidade, sendo vistas geralmente como mulheres mais maternas, mais sensuais e submissas. Segundo o relato de Michele:

É... como eu disse, eu percebia a prostituição de muitas mulheres brasileiras lá na Itália. Eu me recordo de passar mais de uma vez na televisão, reportagens sobre a prostituição de mulheres brasileiras na Itália. É... então esse estigma sobre as mulheres era muito forte, ah... a mulher solteira mesmo, era taxada de prostituta (MICHELE, 2018).

No entanto, nem todas as mulheres são vistas dessa maneira, como mencionado, há marcadores que destoam nessa relação, os principais são a questão de raça e classe social. Quando as mulheres não possuem aspectos físicos de mulheres negras e pardas, nem sempre são lidas de forma sexualizada. Segundo Piscitelli (2008, p. 269): “Essas conceitualizações variam, claro, em contextos migratórios que têm diferentes relações históricas com o Brasil e também de acordo com a classe social e, em certos casos, a cor das mulheres”.

Essa percepção estabelecida em relação as mulheres não brancas, é perceptível também, no discurso de Julia. Quando questionada sobre o “mercado do sexo” e a presença (ou ausência) das mulheres, a entrevistada deixou evidente em sua fala o debate social e racial, e que esta imagem que é criada na Europa, também é reproduzida em cidades de colonização europeia no Brasil.

Julia é uma mulher branca, nascida e criada em Criciúma e que, embora não possuísse o vínculo étnico (a dupla cidadania), segundo a mesma, possui proximidades com a cultura italiana, sentindo-se inclusive “mais italiana do que os daqui que tem o sangue”, pois viveu muito tempo na Itália e amava o país. Em sua fala, ela é enfática ao afirmar que há um diferencial entre as brasileiras migrantes do sul e as brasileiras migrantes do norte e nordeste. Essas, segundo ela, têm uma predisposição a prostituição e costumam arranjar casamentos mistos com maior facilidade, pois não gostam de trabalhar:

Tu vê muitas brasileiras fazendo isso, porém eu vi uma diferença, eu até vou mencionar aqui, mas eu não sei se... assim... a diferença é que: as brasileiras do sul do Brasil, elas se submetiam a limpar, a cuidar de idoso, a fazer faxina. As brasileiras do norte e nordeste, nenhuma fazia esse tipo de trabalho! Todas que eu conheci eram casadas com italianos. Então... foi isso que aconteceu. Tanto no Norte quanto no Sul, infelizmente tem essa diferença, tá? (JULIA, 2019).

Há diversas problemáticas em sua fala, pois evidencia o preconceito e o racismo existente em seu próprio país de origem, o Brasil. Em muitos momentos é possível observar esses discursos de residentes da região sul em relação a outros estados e regiões brasileiras, especialmente o Nordeste. Embora a migrante que tece a crítica também tenha vivenciado o casamento misto na Itália, a partir de um matrimônio com um ítalo-brasileiro para viver de maneira “documentada”, o grande problema nessa relação são os discursos que são reverberados em sua fala, evidenciando um conjunto de estereótipos sobre as diferentes mulheres brasileiras. Ainda segundo Piscitelli:

Nesses países, assim como na Itália, as brasileiras são consideradas uma presença relevante na indústria do sexo e também integram os principais contingentes de esposas estrangeiras casadas com homens nacionais. E, nesses países, os escassos casamentos transnacionais envolvendo homens brasileiros sugerem que as mulheres adquirem um valor particular no mercado matrimonial. Ter ou não visto de permanência, direito a trabalhar legalmente, oportunidades laborais, casar com homens residentes dos países receptores e ter filhos nos contextos migratórios são aspectos que marcam diferenças significativas nas experiências dessas migrantes brasileiras (2008, p. 270).

Desse modo, há de se considerar uma série de fatores que envolvem essas relações, as quais podem ser enxergadas de diversas maneiras, principalmente, pela ótica da instrumentalização. Além disso, independente do matrimônio ser vivenciado ou não, os estigmas criados permanecem e mesmo que os casamentos mistos tragam uma série de direitos para as mulheres e homens brasileiros, os recortes presentes na vivência dessas pessoas não é esquecido, ou deixado de lado. Uma mulher branca inserida em um casamento misto, terá uma realidade totalmente diferente de uma mulher negra que esteja na mesma situação, mesmo que ambas possuam seu documento. Por fim, além dos marcadores de raça e classe, ambas possuem forte presença no contingente de “esposas estrangeiras”.

#### 4.1. A PRECARIZAÇÃO SEM EXCEÇÃO: OS ESPAÇOS DE TRABALHO PARA MIGRANTES E A SEGREGAÇÃO OCUPACIONAL

Fabio Perocco, pesquisador italiano que investiga as migrações atreladas a questão do trabalho e da precarização do trabalho, fez algumas reflexões a respeito da condição social dos(as) trabalhadores(as) em contextos migratórios, focando naqueles que migram para a Europa, especialmente para a Itália. Para o autor, a imigração pode ser vista como uma oficina de experimentação, de modo que os migrantes são utilizados como cobaias da precariedade, a qual em outro momento, será aplicada também, aos trabalhadores nacionais.

Ainda assim, o migrante é o trabalhador que mais sofre, pois é ele que ocupará as atividades de menor remuneração, com maior risco de acidentes e com menos segurança: “a dinâmica do mercado de trabalho fizeram a experiência de trabalho dos(as) imigrantes extremamente diferentes em relação aos dos trabalhadores(as) nacionais” (PEROCCO, 2017, p. 87, 88, tradução nossa)<sup>50</sup>.

Essa relação exposta, é possível observar na trajetória da maioria dos entrevistados(as) desta pesquisa, todos eles(as) passaram por atividades do setor de serviços e fabris, trabalhos os quais grande parte da população nacional não está presente. Entre as atividades desenvolvidas destaca-se, principalmente, os serviços de hotelaria, faxinas, trabalho de cuidados e atendimento em sorveterias, cafeterias e bares.

Julia, mencionou que iniciou sua trajetória no país realizando faxinas em um prédio que estava em processo de construção. Após alguns anos, retornou a esse mesmo local, mas trabalhando com barista<sup>51</sup>. Segundo a mesma, ela vivenciou um processo de ascensão em sua carreira, pois o que possibilitou sua nova função foram os cursos e aperfeiçoamentos que ela realizou:

(...) eu limpava prédio, eu limpei um prédio em construção, que era um hotel e que depois eu trabalhei, inclusive, quando ele estava todo arrumadinho. Eu o limpei, tudo, eu limpava janela pendurada, fazia tudo. E depois disso, ele foi todo restaurado... depois de anos que eu já tinha estudado, eu me aperfeiçoei, eu fiz cursos, daí eu voltei nesse mesmo hotel, que até me comovo hoje em dia, né? Voltei trabalhando com “barman”, barista, que lá é um serviço que é muito visto, muito bem visto. Que é fazer o café expresso, os italianos eles dão muito valor ao cafezinho deles, ao momento do café. É, fazendo “breakfast”, o café da manhã. Eu voltei, depois de uns dois, três anos eu voltei nesse mesmo hotel e eu já não era só a faxineira... mas eu corri atrás, né? Eu corri muito atrás (JULIA, 2019).

---

<sup>50</sup> “Las dinámicas propias del mercado del trabajo han hecho que la experiencia laboral de los inmigrantes en relación a colocación, tareas, clasificación, sueldo, accidentes, seguridad social – presente estructuralmente desigualdades marcadas en comparación con los trabajadores nacionales” (PEROCCO, p. 87, 88, 2017).

<sup>51</sup> Profissional especializado(a) em bebidas alcoólicas e cafés.

É importante destacar que, embora ela tenha tido um crescimento em sua carreira, levando em conta as atividades que desempenhava anos atrás e também, seu salário, a mesma pontuou em outro momento da entrevista que a grande maioria dos funcionários(as) do hotel eram imigrantes, o que pode sugerir que eram atividades preteridas pelos italianos e italianas.

Michele, ao ser questionada sobre as atividades que os(as) brasileiros(as) costumavam desenvolver, e se havia percebido alguma diferença no mercado de trabalho para homens e mulheres, também demonstra em seu relato que o mercado de trabalho para os(as) imigrantes é bem definido: áreas de serviços com pouco prestígio e com salários mais escassos.

A entrevistada também menciona a situação de vulnerabilidade dos trabalhadores(as) “indocumentados(as)”, pois esses(as), geralmente, ficam com as atividades braçais e correm mais riscos de acidentes de trabalho. Além disso, é muito comum que essas pessoas também procurem empregos nas colheitas, a qual também é preterida pelos nacionais:

(...) quando tu és “indocumentado”, as vezes vai trabalhar nas roças, colher uva, colher algum tipo de fruta de época... então quando tem esses períodos de colheitas, dá muito brasileiro nesses locais... indocumentados, ou com documento também. Então, nesses locais é homens e mulheres... é... colher ovos de galinhas em granja, então nesses locais, tanto faz. Vai homem e vai mulher (MICHELE, 2018).

Desse modo, há uma divisão bem demarcada em relação ao sexo e trabalho. Os trabalhos de limpeza, geralmente, são realizados por mulheres, embora muitos casais também desenvolvam a atividade de maneira conjunta. Já os homens ficam concentrados em indústrias e trabalhos considerados “pesados”. O trabalho de cuidados também ganha importante destaque no cenário das funções desempenhadas por imigrantes, sendo essa área restrita somente às mulheres, as quais são denominadas “cuidadoras” (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011). Para a entrevistada:

(...) mulheres também pegam pra trabalhar nos restaurantes, lá é o que mais... o que a maioria das pessoas pegam: em restaurantes. O trabalho de limpeza de casa, ou de empresa, geralmente são mulheres que fazem. Mas, tem muitos casais que acabam formando pequenas empresas de limpeza e que contratam outras brasileiras, mas geralmente são mulheres (...) presenciei também, trabalhos em... metalúrgicas, mas geralmente eram destinadas aos homens (...) outros serviço são os cuidados, geralmente os cuidados eram direcionados as mulheres, não lembro de nenhum caso em que homens estavam cuidando dessas pessoas, geralmente eram mulheres que cuidavam de idosos, ou idosas... que eram o que mais a gente via. Ou então, na faxina. Aí na faxina geralmente também era destinado as mulheres (ISABELA, 2019).

Nesta questão, é importante destacarmos, também, a terceirização vivenciada pelos trabalhadores(as) do setor de serviço. Como mencionado por Isabela, alguns casais acabam construindo “pequenas” empresas de faxina e contratam outras mulheres para desempenharem essas atividades em casas de família e até em outras empresas. Nesse cenário, podemos perceber a ação da terceirização nas atividades laborais das migrantes.

Ricardo Antunes (2015) vem debatendo, há algumas décadas, o processo de precarização que a classe-que-vive-do-trabalho vem sofrendo no Brasil e no mundo, especialmente pós avanço do neoliberalismo. Segundo o autor, diferente das teses que advogam que está havendo o fim da era do trabalho, Antunes defende a ideia de que o mundo do trabalho vem sofrendo graves mutações, mas não está se findando. Para ele, há novas polissemias em jogo e uma dessas consequências é a terceirização dos trabalhadores(as).

Há desse modo, a necessidade de se compreender a nova morfologia que ronda o campo das relações de trabalho, pois, enquanto houver o capitalismo, o trabalho não será extinto, como afirmado por alguns teóricos que Antunes (2015) contraria em sua discussão. O autor, defende que o que está em jogo na contemporaneidade são os direitos que a classe trabalhadora vem perdendo:

Dentro dessa contextualidade, pode-se constatar uma nítida ampliação de modalidades de trabalho mais desregulamentadas, distantes e mesmo burladoras da legislação trabalhista, gerando uma massa de trabalhadores que passam de condição de assalariados com carteira para trabalhadores sem carteira assinada. Se até os anos 1980 era relativamente pequeno o número de empresas de terceirização, locadoras de força de trabalho de perfil temporário, nas décadas seguintes esse número aumentou significativamente, para atender à grande demanda por trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício, sem registro formalizado (ANTUNES, 2015, p. 126, 127).

A precarização do trabalho é uma das principais transformações do neoliberalismo, principalmente em relação aos(as) trabalhadores(as) migrantes, pois a precariedade tornou-se um “princípio cardinal” em suas vidas. Além disso, alinhado a essa precariedade vivenciada, está o racismo e a xenofobia, tanto por parte da população, quanto por parte do atual governo italiano<sup>52</sup>. Todos e todas são afetadas por esse processo de precarização, mas os imigrantes são os primeiros e os que mais sofrem com isso, por conta da vulnerabilidade ocasionada pelas legislações. “Os trabalhadores imigrantes foram os primeiros a vivenciar a

---

<sup>52</sup> Constantemente, o ministro do governo Matteo Salvini, é denunciado na imprensa por seus discursos xenofóbicos e anti imigrantista.

passagem para o trabalho precário e as formas mais extremas de precariedade” (PEROCCO, 2017, p. 83, tradução nossa).<sup>53</sup>

O desmonte da legislação social protetora do trabalho é um projeto político que se encontra em prática por todo o mundo e é uma das características mais eficientes da precarização estrutural do trabalho. Quanto mais se flexibiliza as leis protetoras da classe-que-vive-do-trabalho, mais complexas se tornam as relações, pois os trabalhadores e trabalhadoras ficam desamparados(as). Assim, aumentam-se os mecanismos de exploração e, os direitos que com muitas dificuldades foram conquistados durante décadas, vivenciam na contemporaneidade, ataques constantes por parte dos capitais globais (ANTUNES, 2015).

A população imigrante vive uma grande desigualdade em relação aos(as) trabalhadores(as) nacionais, as taxas de subemprego para os(as) italianos(as) são de em média de 4,2%, já para os imigrantes chegam em 11,7% (PEROCCO, 2017). Assim, embora os migrantes na maioria das vezes partam em busca de trabalho, em muitos momentos suas trajetórias são perpassadas pelo desemprego, gerando frustrações com a experiência migratória e ocasionando um retorno forçado devido as poucas oportunidades encontradas no país.

No que diz respeito às crises, são recorrentes fatores que ocasionam esses retornos, geralmente, a população imigrante é a primeira a sofrer com esse processo. Como pode-se observar, em meados de 2008 e 2009, na cidade de Criciúma, muitos criciumenses passaram a retornar:

Quando eu voltei, em 2008, era uma fase em que a Itália estava passando por uma crise, então eu percebi o retorno de muitos brasileiros nesse período. A mídia, divulgava muito a questão de empregos, estava difícil, então houve um retorno muito grande desses brasileiros para o Brasil (...) foi um dos motivos também, que me levou a retornar pro Brasil, foi justamente isso. Porque lá estava muito difícil, a questão de emprego, questão de salário, estava muito complicado (MICHELE, 2018).

Ademais, há também uma grande diferença em relação à média salarial, de modo que os(as) imigrantes ganham em torno de 979 euros por mês e os nacionais, cerca de 1.362 euros. Segundo Tedesco:

(...) muitos - a maioria - chegam sem emprego estabelecido e vão entendendo desde já quais serão seus possíveis espaços de trabalho: limpeza em casas de família, prédios; cuidar de pessoas idosas e/ou no, limite, crianças; ajudante de cozinha e

---

<sup>53</sup> “(...) así que los trabajadores inmigrantes han sido los primeros en probar el pasaje al trabajo precario y las formas de precariedad más extremas.”

de limpeza em restaurantes, no limite, como garçom; construção civil na forma de como auxiliar – se há já um saber comprovado, podem se tornar pedreiro e/ou carpinteiro; agricultura no trabalho braçal – colheita, capina, montagem de parreirais, nos aviários e estábulos, na plantação de cereais (milho e trigo); espaços submersos como prostituição e casas de espetáculo principalmente para jovens moças (2019, p. 107).

Para Perocco (2017) houveram mudanças em relação às atividades laborais desempenhadas por essas pessoas, pois, na década de noventa, geralmente estavam inseridas nas piores tarefas do mercado secundário, principalmente em setores de grande intensidade de trabalho, como as áreas de agricultura. Já nos anos 2000, muitos passaram a trabalhar no setor industrial, mas, ainda assim, ocupavam cargos e tarefas “menos qualificadas”, com menor retribuição, correndo riscos de acidentes de trabalho e tantos outros problemas.

Embora muitos imigrantes possuam formação qualificada, as vezes até mais do que os próprios nacionais, devido a condição de “estrangeiros”, não recebem abertura do mercado para desempenhar suas funções de formação, ou as atividades laborais que desempenhavam em seus países de origem. Além disso, “o ataque anti imigrante funciona para explorar e controlar mais profundamente o trabalho imigrante, com o propósito de desencorajar raízes sociais e encorajar migrações circulares, temporário, flutuante, de acordo com a necessidade de mão de obra.” (PEROCCO, 2017, p. 83, tradução nossa)<sup>54</sup>.

Esta questão, é possível observar na trajetória do casal Renata e Luis, que, em seus relatos, a todo momento, pontuaram a qualidade de vida do país estrangeiro em detrimento do Brasil, o quanto as coisas são mais baratas e melhores que aqui. Porém, ainda sentiam muito estranhamento em relação a cultura, principalmente a língua alemã. Ambos, relataram que, inicialmente, ficaram com medo por conta da língua que não conheciam. Possuíam dificuldade para tudo, para se comunicar com as pessoas, pedir alguma coisa em restaurantes e lojas, ir ao supermercado, dentre outras.

Para tentar se adaptar ao idioma, utilizaram como ferramenta, em muitos momentos, o Google tradutor<sup>55</sup>, ou a linguagem gestual, com intuito de se comunicar com os(as) alemães e outros(as) estrangeiros(as). Além disso, comentaram também que, inicialmente, sofreram preconceito em seu primeiro emprego, e que, apesar de serem bem tratados pela população,

---

<sup>54</sup> “El ataque anti-inmigrantes en tema de legislación y de propaganda – funcional a explotar y controlar más profunda y sencillamente el trabajo inmigrante – ha soportado políticas migratorias caracterizadas por una mezcla de elementos de identidad y seguridad, con el fin de desincentivar el arraigo social y de incentivar migraciones circulares, temporarias, fluctuantes, según la necesidad de mano de obra just in time.”

<sup>55</sup> Serviço virtual de tradução, ofertado pelo Google.

tinham uma vida social pouco ativa no país, pois só trabalhavam – quase todos os dias e por mais de 12 horas.

Assim, é possível observar na trajetória deles, a vivência de uma migração circular e temporária, pois permaneceram durante sete meses trabalhando na Alemanha, mas, no período de “férias” do casal foi para o Brasil que vieram, tendo assim uma trajetória de migração pendular. Deixando evidente que, embora estivessem ganhando bem no país de destino, a prática do lazer e da sociabilidade era encontrada com maior facilidade no país de origem.

Não há, portanto, neste caso, um vínculo com o país que vá para além das relações de trabalho, e isto, provavelmente, foi influenciado pelas longas jornadas de trabalho e pelo acolhimento distante que o casal recebeu na Europa. Como se não bastasse toda a situação a qual os(as) migrantes são sujeitados nas relações de trabalho, há outro agravante: a condição legal de boa parte dessas pessoas. “Em muitos países europeus, os trabalhadores imigrantes estão sujeitos a precarização dupla, trabalhista e legal (que os força a aceitar qualquer condição)”. (PEROCCO, 2017, p. 82, tradução nossa)<sup>56</sup>.

Embora grande parte dos migrantes já não estejam mais nas lavouras, atividades que eram mais comuns nos anos de 1990<sup>57</sup>, ainda assim, eles seguem ocupando as funções de menor prestígio e menor remuneração. Trabalhos que os cidadãos italianos e italianas preferem não fazer:

As funções, normalmente são ... trabalhar em bar, em restaurante, *gelateria*<sup>58</sup> na Alemanha, sorveteria, trabalhar na cozinha, limpeza, mas limpeza hoje não tem mais muito... é mais bar e café que eles querem... e, eu acho que vai mais casal, nem mais só homem, nem mais só mulher, eu pego muito casal. (MARIA, 2019)

É importante destacar que, apesar de o número de pessoas que se deslocam para trabalhar em outro país seja extenso, isso não significa que suas experiências sejam homogêneas, como é percebido na própria trajetória da assessora Maria. A partir de seu relato, pode-se perceber que sua família vivenciou, ainda na Itália, uma mudança em seu *status* social e econômico, no qual, ela e seu marido passaram de dona de casa e “amassador de uvas”, para empresários.

---

<sup>56</sup> “En muchos países europeos, los trabajadores inmigrantes son sujetos a una doble precarización, laboral y jurídica” (PEROCCO, p. 82, 2017).

<sup>57</sup> Em seu trabalho, Perocco também comenta que, nos anos de 1990, era mais comum os migrantes desenvolverem trabalhos nas lavouras, porém, a partir dos anos 2000, esses passam a procurar trabalho em outras áreas de serviços, as quais não são tão “pesadas”, mas que continuam tendo péssimas condições.

<sup>58</sup> Sorveteria em italiano.

Com a experiência do casal, percebe-se, de maneira geral, duas movimentações: os(as) migrantes se inserem em diferentes projetos, sendo que, muitos ocupam funções em subempregos e uma pequena parcela consegue sair dessa estatística. A segunda movimentação, demonstrada a partir da experiência deles, é que as relações de trabalho iniciadas no processo migratório não se findam com o retorno, pois no Brasil, eles deram continuidade ao negócio iniciado no outro país.

Como é possível observar também na trajetória de João<sup>59</sup>, o ítalo-brasileiro era serralheiro em seu país de origem, no ano de 2004, passou a trabalhar como azulejista na Itália, e em seu retorno ao Brasil, continuou desempenhando essa mesma função. “Na primeira vez que eu fui, aqui eu trabalhava com serralheria e comecei a trabalhar com azulejista lá, quando voltei, continuei... comecei como azulejista em 2004” (JOÃO, 2019).

Segundo os dados da CARITAS (2019), atualmente na Itália, o número de trabalhadores(as) estrangeiros é maior que o(a) de italianos(as), houve um crescimento de 2,5% para o primeiro grupo, em detrimento do segundo que teve cerca de 1,6%. Entretanto, esse crescimento se apresenta de forma bem demarcada, pois os(as) imigrantes não estão crescendo em todas as áreas, mas se concentrando nos segmentos pouco ocupados pelos nacionais, evidenciando assim, que há uma segregação ocupacional:

Os trabalhadores estrangeiros concentram-se, em particular, no setor de serviços coletivos e pessoais (estrangeiros: 26,1%; italianos: 5,6%), na indústria em sentido estrito (estrangeiros: 18,1%; italianos: 20,2%), no setor de hotelaria e restauração (estrangeiros: 10,6%; italianos: 5,9%) e na construção (estrangeiros: 9,6%; italianos: 5,5%). Ao mesmo tempo, o fenômeno da supereducação persiste em estrangeiros, com trabalhadores realizando atividades que não são adequadas para a sua formação. Os acidentes de trabalho na Itália mostram uma ligeira queda, mas aumentam para estrangeiros, demonstrando sua maior vulnerabilidade<sup>60</sup> (CARITAS, 2019, p. 03, tradução nossa).

Para a entrevistada Isabela, há também, a possibilidade de mobilidade para trabalhos com mais prestígios, como por exemplo, vendedora de loja. Mas, nesse segmento, prevalecem as questões da imagem pessoal dessas trabalhadoras, pois é preciso ter uma “boa

<sup>59</sup> Entrevista realizada com João, no dia 08 de novembro de 2019, concedida à Nathália Pereira Cabral.

<sup>60</sup> “I lavoratori stranieri si concentrano, in particolare, nel settore dei servizi collettivi e personali (stranieri: 26,1%; italiani: 5,6%), nell’industria in senso stretto (stranieri: 18,1%; italiani: 20,2%), nel settore alberghiero e della ristorazione (stranieri: 10,6%; italiani: 5,9%) e nelle costruzioni (stranieri: 9,6%; italiani: 5,5%). Parallelamente, **persiste negli stranieri il fenomeno dell’over-education**, con lavoratori che svolgono attività non adeguate alla propria formazione. Gli **infortuni sul lavoro** in Italia registrano un lieve calo, ma aumentano per gli stranieri, a dimostrazione della loro maggiore vulnerabilità” (CARITAS, 2019, p. 03).

imagem” perante a sociedade para que se ocupe essa função, isto é, estar dentro dos padrões de beleza ditados pela sociedade ocidental e europeia.

Outro importante aspecto é que, mesmo em funções que são comumente associadas as mulheres, como por exemplo, ajudante de cozinha, muitas vezes os homens acabam ganhando destaque, pois na Itália as louças não são lavadas manualmente e sim, colocadas em máquinas de lavar. Desse modo, a preferência para esse tipo de serviço são os homens, por ser uma atividade considerada muito “pesada” para as mulheres. Era muito recorrente, também, encontrar homens desempenhando atividades laborais nas construções civis. Ao falar sobre as atividades desempenhadas em cozinhas de restaurante, a entrevistada Michele disse:

(...) alguns casos trabalhavam como ajudantes do cozinheiro, geralmente, lavar pratos eram serviços destinados um pouco aos homens, porque lá eles trabalham com máquinas, não é lavado a mão. Então, são máquinas grandes que tu colocas várias louças, tudo junto... tu tens que levar a máquina, tirar... então, esses serviços, as vezes era mais destinado aos homens, por ser um trabalho considerado pesado para as mulheres (MICHELE, 2019).

Ao ser questionada se havia percebido diferenças entre as remunerações ofertadas aos imigrantes, ela destaca que isso poderia variar de função, porém há um importante demarcador que poderia fazer uma diferença substancial na remuneração: ser “documentado(a)” ou “indocumentado(a)”. Quando não se possui a dupla cidadania, o trabalhador(a) fica inerte perante seus direitos, e, em muitos momentos, se submete a trabalhos insalubres que oferecem riscos e com o salário abaixo do valor de mercado. A imigrante Julia, também percebeu desigualdades:

É, é diferenciado. Geralmente os homens que não tinham trabalho eles iam para as obras... porque mesmo que fosse no caminhão do lixo tem que ter documentação. Porque o que acontece: se for os brasileiros, normalmente eles vão para as obras, os brasileiros vão fazer o pedreiro, pintor, ajudante, né? É isso que os brasileiros que não tem a documentação faz no exterior. Fora isso, só se conseguirem alguma coisa, ou se conseguissem algum italiano que se arriscasse a ter essa pessoa com ele sem a documentação necessária. Mas os homens fazem esse tipo de trabalho lá (JULIA, 2019).

Além disso, alguns empregadores acabam não pagando o valor combinado pelo serviço, porém, não há nada que se possa fazer, pois, como a pessoa está de maneira irregular no país não tem a quem recorrer:

Porque quando tu não és documentado, eles te dão aquele salário por hora e tu corre o risco de não receber, como aconteceu em vários casos. Presenciei também, com o meu ex marido, de eles não pagar o correto, por exemplo (...) se tu tens documento, tu consegues um emprego fixado, ou um trabalho determinado, como eles falam: que é um contrato que tu trabalhas lá a vida inteira, então o salário melhora (MICHELE, 2018).

Segundo Tedesco (2019), os imigrantes são enxergados pela sociedade como uma simples mercadoria do capital e as barreiras e dificuldades que o cercam irão variar de acordo com o lucro e ganhos que podem gerar para os outros, se constituindo assim, em uma relação de interesses. Nas margens dessa situação precária se encontram aqueles e aquelas que vivem na “ilegalidade”, pessoas que não possuem a dupla cidadania e sofrem de forma ainda mais violenta, muitas vezes, não sendo vistos como sujeitos de direitos, mas sim como invasores:

Os imigrantes irregulares vivem na berlinda: desejam permanecer no país e utilizam de todas as formas para assim o fazer, porém sabem que estão/são excluídos de direitos, são desvalorizados, não podem se opor e nem reclamar de sua situação no espaço de trabalho e de cidadania social e política; sabem que há um conjunto de fronteiras que lhes são fechadas. Nesse sentido, para os imigrantes em geral e os “indocumentados” em particular, a exclusão social em termos de acesso a posições de autonomia, a vulnerabilidade em termos de exploração e precarização do trabalho e da vida como um todo, são constantes (TEDESCO, 2019, p. 100, 101).

O medo é uma constante na vida desses(as) imigrantes, cada ação feita, cada passo dado deveria ser meticulosamente calculado, para não correr o risco de chamar a atenção e serem deportados(as). Há desse modo, uma exclusão por parte da sociedade, mas também uma auto exclusão com objetivo de se proteger e se esconder, e, assim, ficam inertes aos seus direitos e privados de vivenciar o seu tempo de descanso e lazer. Michele conta que saia poucas vezes na rua e ficava praticamente o dia inteiro dentro de casa escondida com seus filhos, até mesmo para tirar o lixo tinha receio:

(...) antes de a gente ir pra Itália, as pessoas falavam que a gente deveria ter muito medo, que a gente não podia sair na rua, porque eles diziam que se a polícia pegasse a gente, eles iam mandar de volta. Então, a gente chegou lá com muito medo. Com muito medo. A gente, tipo, só levava... só tirava o lixo pra rua à noite, porque tinha medo. As crianças não saiam pra rua, porque a gente tinha medo. A gente não atendia uma porta, não atendia um telefone porque tinha medo que a qualquer momento a polícia ia bater ali e mandar a gente de volta (MICHELE, 2018).

A experiência dessas pessoas, na grande maioria das vezes, é marcada pelo sentimento de aflição em meio a tantas incertezas e tensões vivenciadas no dia a dia. A exclusão, é uma das principais características da jornada do(a) trabalhador(a) imigrante

“indocumentado(a)”. São vários aspectos traumáticos que rondam essas vivências no país de destino: o medo do desemprego, da exclusão e da violência, os quais se somam às complexidades do local de partida; as pessoas que ficaram, os afetos deixados em outro país, a responsabilidade com aqueles que não vieram, mas esperam por respostas. Em meio a tudo isso, o imigrante se coloca em situações de precariedade, aceitando os mais diversos abusos, como jornadas exaustivas e salários baixos, em nome de tudo que já foi abdicado até então.

Como no caso da imigrante Julia, quando ela partiu para a Itália sua filha tinha dois anos de idade. Criada pela avó, enquanto a mãe estava em outro país, um dos principais motivos que levou ela a partir foi buscar uma vida melhor para sua filha. Assim, abdicou de muitas coisas, como por exemplo, acompanhar o desenvolvimento e crescimento da menina.

Até hoje a cricumense sofre com os reflexos de sua imigração, pois, embora tenha uma boa relação com sua filha, ela não a chama de mãe devido ao longo período que esteve distante. Juila comenta também que se pudesse voltar atrás, teria a levado junto, demonstrando assim, que mesmo que a sua migração tenha se findado há alguns anos, as marcas dessa experiência ainda permanecem:

A minha emigração foi em 2003... no início de 2003. As causas foram para melhorias, a gente pensa sempre o melhor. Eu vou pra ganhar, pra trabalhar, pra poder ganhar mais, pra construir. Eu tinha... tenho uma filha, na época era pequena, então eu pensava: “eu vou pra dar uma vida melhor pra minha filha, pra dar estudos, pra proporcionar algo melhor pra ela e pra mim também”. Então, de maneira geral foi que eu tinha uma filha, né? Na época, quando eu fui, ela ia fazer dois aninhos e eu deixei com a minha mãe e com o pai que morava aqui no Brasil e eu me arrependi muito. Se eu pudesse levar ela na época eu levaria, porque eu perdi muito tempo... da infância, de tudo, enfim, eu perdi (JULIA, 2019).

Em muitos momentos, os migrantes têm uma visão extremamente positiva do que encontrarão na Itália. Possivelmente, esse sentimento é nutrido pelo desejo de mudança de vida, já que muitos partem com planos de conquistar moradia própria, acumular poupança e melhorar o status social e econômico de sua família no Brasil. Ao se defrontarem com a realidade que os espera, muitos se frustram por vários motivos: a língua e a dificuldade para aprendê-la; os aspectos culturais que se diferenciam de seu país de origem; a falta de valorização da mão de obra estrangeira; e a escassez a qual estão inseridos, já que muitos vivem com o mínimo para poder acumular o máximo.

São diversos os motivos que transformam a jornada migratória em um fardo, fazendo com que o retorno se torne um dos principais objetivos da trajetória, mas esse objetivo só é concretizado com êxito, se as angústias e dificuldades do processo migratório tiverem valido a pena, ou seja, tendo sido financeiramente rentável.

O tempo livre torna-se algo negativo na vida dos migrantes, é visto com desgosto, pois, geralmente ocasionam gastos com coisas e objetos considerados supérfluos, já que esses trabalhadores(as) vivem uma relação de privação, na lógica de compensar a distância e as perdas vividas. O trabalho torna-se um desejo na vida desses sujeitos, uma reparação para a tristeza e a saudade do local de partida e das pessoas deixadas (TEDESCO, 2019).

Em vista disso, a questão financeira é vista como um consolo para todas as dificuldades e medos suprimidos, para as longas jornadas e trabalho precário. O valor e as economias arrecadas são vistas como justificativas que legitimam os conflitos e angústias dos trabalhadores(as) imigrante. O “sucesso”, é medido pela quantidade de horas trabalhadas e pelo valor adquirido. O imaginário mais presente entre essas pessoas, é o comparativo do quanto estariam ganhando no Brasil, ou melhor, quantos a menos estariam recebendo caso desempenhassem a mesma função. Desse modo, o antes e o agora são dimensionados pelos ganhos econômicos (TEDESCO, 2019).

Essa relação transforma a grande maioria dessas pessoas em mãos de obras baratas, que abdicam de muitas coisas com o intuito de trabalhar, acumular e retornar pra casa o mais rápido possível, embora as vezes, isso leve anos. Segundo o criciumense João (2019): “Eu brinco com os amigos, quando eles perguntam: “qual foi o teu melhor momento na Itália?” “Foi o dia que eu vim embora” (risos). Pelo fato de estar sozinho, sem a família. Mas, a vida na Itália é boa, realmente pra viver lá é bom”.

A relacionalidade vivida por esses homens e mulheres também é algo importante a ser destacado. A comunicação e as trocas realizadas entre as duas sociedades influem diretamente na percepção dos sujeitos sobre o processo que atravessam. O comparativo entre o que foi vivido antes da imigração e o que é vivido no agora enquanto migrante, são determinantes na forma como essas pessoas enxergam essa experiência:

As formas de vida vividas antes e as de agora, em interação, são determinantes para ajuizar conexões, sobre determinação de uma sobre a outra. É comum nas respostas dos entrevistados a manifestação de que “aqui não é vida”; “vida é no Brasil”; “aqui só se trabalha”; “diversão nenhuma”; “indicaria sim alguém para vir, mas sabendo que aqui vai sofrer e não pode contar com ninguém”; “lá (no Brasil) se tinha amigos” (TEDESCO, 2019, p. 103, 104).

A luta pela redução da jornada de trabalho diária e semanal é uma das principais reivindicações do mundo do trabalho, pois esse é um dos mecanismos de domínio mais importantes do capital. Uma jornada digna, é uma condição primária para a emancipação da classe trabalhadora e deve ser central nas discussões feitas sobre o tema (ANTUNES, 2015).

Entretanto, não se pode confundir a necessidade de uma jornada de trabalho menor com o discurso anti-trabalho, pois, em uma sociedade capitalista, o acesso ao trabalho deve ser um direito e uma reivindicação da classe trabalhadora. Nesse sentido, a luta por direitos e trabalho digno correm na mesma direção:

(...) o direito ao trabalho é uma reivindicação necessária não porque se preze e se cultue o trabalho assalariado, heterodeterminado, estranhado e fetichizado (que deve ser radicalmente eliminado com o fim do capital), mas porque estar fora do trabalho, no universo do capitalismo vigente, particularmente para a massa de trabalhadores e trabalhadoras (que totalizam mais de dois terços da humanidade) que vivem no chamado Terceiro Mundo, desprovidos completamente de instrumentos verdadeiros de seguridade social, significa uma desefetivação, desrealização e brutalização ainda maiores que as já vivenciadas pela classe-que-vive-do-trabalho. (ANTUNES, 2015, p. 136).

A grande maioria dos entrevistados(as), relataram o quanto vivenciaram longas jornadas de trabalho no período em que migraram. Um dos casos que gostaria de dar destaque, é para o casal Luis e Renata. Como comentando anteriormente, o casal havia decidido migrar para a Alemanha devido as melhores condições que teriam lá, principalmente, em relação a moradia, salário e plano de saúde.

Porém, embora houvessem esses pontos considerados positivos por ambos, a jornada de trabalho deles era extremamente cansativa. Isso nos leva a inferir que, possivelmente, Luis precisou fazer a cirurgia em sua mão devido a longa exposição diária em seu trabalho, que muitas vezes chegava até a 14 horas por dia:

(...) eles trabalham tudo certinho, todo mundo tem que ter plano de saúde, a gente é fichado e tudo... só o problema são as horas que a gente trabalha, né? Nesse ponto eles deixam uma carência, nas “gelaterias”, que são as sorveterias (...) era em média treze, quatorze horas por dia (LUIS, 2019).

Além de seu problema de saúde que se agravou, e que foi um dos motivos de o casal retornar temporariamente ao Brasil, eles também mencionaram que tinham pouco tempo para o lazer, pois trabalhavam muitas horas por dia e folgavam uma vez por semana. Desse modo, quando estavam de folga, não pensavam em outra coisa que não fosse descansar.

Quando perguntei se a adaptação à nova realidade foi fácil, Luis disse (2019): “Tudo a gente se acostuma, né? Tanto a comida, como a bebida, tudo é acostumado. Um mês eu acho que a gente levou... era muita dor nos pés”. Renata complementou: “No começo, a gente reclama um pouquinho... Pra se acostumar bem, ne? Chegava em casa cansada... aí só chegava em casa, tomava um banho e já capotava na cama” (LUIS, 2019). Quando os

questionei se essas quatorze horas diárias eram regulamentadas, o casal mencionou apenas que “dependia do dia”. A princípio seria tudo acima de 12 horas, mas tinha dias que iam até mais tarde e outros mais cedo.

Também falaram que a longa jornada ocorria somente na temporada, sendo assim trabalharam durante sete meses, com a carga horária estendida, mas nos demais meses tiraram férias. Assim, o casal veio para o Brasil para tratar a mão de Luis e descansar. Mas, foi um descanso forçado, já que comentaram que procuraram trabalho aqui, mas não estava fácil para encontrar: “tem dias que vai até mais tarde, tem dias que é menos, porém tudo acima de 12 horas. É bastante trabalho... voltamos agora em fevereiro, a gente está descansando. A gente até procurou serviço, mas não tá fácil, tanto pra mim, quanto pra ela” (LUIS, 2019).

Desse modo, percebe-se a ausência daquilo que Antunes menciona como uma vida dotada de sentido dentro e fora do trabalho. Para o autor, essa questão é crucial nas relações estabelecidas na vida dos trabalhadores(as), e a duração da jornada de trabalho incide diretamente sobre isso:

(...) a discussão da redução da jornada de trabalho configura-se como um ponto de partida decisivo, ancorado no universo da vida cotidiana, para, por um lado, permitir uma reflexão fundamental sobre o tempo, o tempo de trabalho, o autocontrole sobre o tempo de trabalho e o tempo de vida, e, por outro, para possibilitar o afloramento de uma vida dotada de sentido fora do trabalho (ANTUNES, 2015, p. 131, 132).

Se não há sentido dentro do trabalho, não é possível que se encontre sentido fora dele, não verdadeiramente, bem como também é determinante o papel do ócio na vida da classe-que-vive-do-trabalho. É de extrema importância lembrar, mais uma vez, que não se trata do “culto” ao labor, mas compreender que a esfera do trabalho faz parte da construção do sujeito contemporâneo:

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada a multilateralidade humana, somente poderá efetivar-se através da demolição de barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens em mulheres) sociais e livres associados, em que ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões, em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho se tornar dotado de sentido, será também (e decisivamente) através da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que

o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo (ANTUNES, 2015, p. 135)

O termo “classe-que-vive-do-trabalho” é utilizado pelo sociólogo Ricardo Antunes como sinônimo da classe trabalhadora, levando em consideração as novas características do mundo do trabalho. Contrariando os chamados “críticos da sociedade do trabalho”, que são autores(as) que afirmam que o mundo do trabalho está chegando ao seu fim, Antunes defende o caráter polissêmico das relações nesse campo. Desse modo, ele pontua que é necessária uma nova noção sobre a classe trabalhadora, mas que isso não significa que ela está chegando ao seu fim.

É preciso inserir nesse novo olhar a heterogeneidade das relações desses sujeitos que vendem sua força de trabalho. Segundo Antunes “utilizamos a expressão classe-que-vive-do-trabalho como sinônimo de classe trabalhadora. Ao contrário de autores que defendem o fim do trabalho e o fim da classe trabalhadora, esta expressão pretende enfatizar o sentido contemporâneo da classe trabalhadora” (ANTUNES, 2015, p. 234).

Ao falar da classe trabalhadora, como um todo, é importante demarcar que quando estamos falando de precarização do trabalho, estamos também tratando da feminização do trabalho. Para compreendermos a classe-que-vive-do-trabalho e seus embates precisamos entender o papel significativo desse complexo processo que é a feminização, que atinge cerca de 40% dos países e até 50% em outros (ANTUNES, 2015).

Para Helena Hirata, apesar de que “os operários constituam o grupo mais atingido pelo movimento de redução e de precarização do emprego e ainda que este movimento se tenha estendido ao conjunto dos trabalhadores assalariados, alguns grupos sociais foram e são mais particularmente atingidos” (2007, p. 27). Ou seja, ainda que os índices sejam altos, na maioria das vezes essas mulheres são alocadas em subempregos. “Sabe-se que essa nova divisão sexual do trabalho tem, entretanto, significado fortemente desigual, quando se comparam os salários e os direitos e condições de trabalho em geral” (ANTUNES, 2015, p. 140).

Além da feminização do trabalho, é necessário que se observe esse fenômeno no contexto de deslocamentos. É de suma importância as discussões das relações de gênero quando abordamos o fenômeno migratório, principalmente, quando se fala das migrações direcionadas para a Europa na contemporaneidade, e mais especificamente a Itália. Assim como destacam algumas pesquisas, atualmente, o fluxo migratório partindo do Brasil destinado à Itália é composto majoritariamente por mulheres:

Nos últimos dez anos os percentuais oficiais de mulheres imigrantes na Itália cresceram 5%, segundo o *Dossier Caritas*, e, em 2010, as mulheres representam 51,8% da população imigrante, isto é, um percentual maior do que o masculino. Já no que diz respeito aos índices de mulheres brasileiras isso chegou a atingir a 70% no mesmo ano. (ROSALEN, 2013, p. 01)

Esse acontecimento não se dá por conta de uma sociedade mais justa e equânime, e sim, por algumas motivações, entre elas o fato de historicamente as mulheres ocuparem os lugares de subalternidade nos espaços públicos, entre eles, os trabalhos domésticos e os de cuidado, associados muitas vezes ao instinto materno. Esses espaços, além de naturalizarem uma condição destinada as mulheres, estão também, diretamente relacionado ao contexto da precarização do trabalho:

(...) geralmente é o que a gente vai acabar pegando lá, porque quem não tem documento, as vezes vai cuidar de um idoso, cuidar de outras crianças brasileiras para as mães ou para os pais. E geralmente é isso, esses trabalhos mais informais, onde a gente fica meio que escondido dentro de casa (MICHELE, 2018).

Os números apresentados, anteriormente, por Rosalen, sobre o fenômeno migratório, nos evidenciam muitas coisas, mas principalmente o caráter da feminização das migrações internacionais. Essa feminização está diretamente relacionada a realidade de muitos países europeus: o envelhecimento da população e a busca por cuidadoras – ou as chamadas *home care* –, que se submetem a baixos salários e precárias condições de trabalhos. “O salário médio nesse mercado informal na Itália é de 800 a 1.000 euros mensais por um serviço que é praticamente de 24 sobre 24 horas, por pelo menos seis dias na semana” (DEBERT, 2016, p. 139).

Além do caráter da feminização das migrações, podemos observar um outro fenômeno que ocorre concomitantemente: a segregação horizontal, termo o qual é empregado quando as mulheres são concentradas em áreas ditas como “essencialmente femininas”, como exemplo: áreas da saúde, cuidados e educação (VIANNA, 2001).

Observa-se, assim, uma divisão social do trabalho baseada nas relações entre os sexos, de modo que as mulheres são destinadas, geralmente, a esfera reprodutiva e os homens a esfera produtiva. Quando as mulheres estão no mercado de trabalho, acabam ficando com os postos de menos status, e os homens, com os empregos de maior valor social e econômico. São, de modo geral, dois principais princípios que regem essa relação: a separação, baseada nas “atividades de mulheres” e “atividades de homens” e o princípio hierárquico, que na grande maioria das vezes se atribui maior valor ao trabalho masculino (HIRATA, 2007).

O criciumense João, comentou, que era muito difícil encontrar mulheres trabalhado no setor fabril e que na área de azulejista, nunca viu. Segundo ele, as brasileiras costumavam se concentrar em trabalhos de faxina e restaurante. Inclusive, sua companheira Isabela, também enfatizou essa relação, comentando que era difícil encontrar mulheres nos setores tradicionalmente direcionados ao sexo masculino. Já em relação aos setores destinados ao sexo feminino, a relação era diferente. Ainda que houvessem poucos e em menor quantidade, era possível observar a presença de homens no local onde ela trabalhava:

Tem, tem diferença sim... como o meu marido que trabalha em colocação de pisos, não se vê mulher, mas na limpeza tem homens. Onde eu trabalhava em um condomínio, onde até o dono era o Schumacher, um condomínio bem grande de verão, e na limpeza tinha homens, os indianos principalmente, tinha bastante indiano junto com a gente (ISABELA, 2019).

Já Michele, que teve sua trajetória marcada pela maternidade, relata que trabalhou de maneira informal, e que, devido à maternidade, não conseguiu permanecer no emprego por muito tempo. Pelo fato de seu filho ser pequeno, isso a impossibilitou de seguir no mercado, pois, na época, as creches públicas da região em que morava só recebiam crianças a partir dos quatro anos de idade e quando já tivessem largado as fraldas. A entrevistada comentou que havia a possibilidade de colocar seu filho em uma creche privada, porém, o valor que iria receber com seu trabalho não cobriria tudo. Assim, optou por permanecer em casa:

(...) eu trabalhei cuidando de uma criança, mas foi por pouco tempo... foi questão de dois, três meses... porque... justamente por isso, porque eu tinha que ter alguém pra cuidar do meu filho enquanto eu estava cuidando de outra criança. Ou as vezes eu tinha que levar o meu filho junto, então, não deu muito certo (MICHELE, 2018).

Uma das problemáticas em relação a esses trabalhos que eram/são feitos pelas mulheres, é que muitas dessas atividades desempenhadas são vistas como algo inato, logo, não precisam de altos salários, pois fazem parte da natureza das mulheres. Se são boas mães, serão boas cuidadoras com facilidade. Por ser um trabalho considerado fácil, um “passa tempo”, na lógica do capital, deve ser mal remunerado. Segundo Helena Hirata:

Esse trabalho do home care levanta questões, recorrentes, à sociologia do trabalho: torna-se atual a questão do reconhecimento das qualidades ditas femininas (o “cuidado” com o outro, a competência relacional) enquanto competência profissional. Ainda hoje, como para Naville e Friedmann, os homens possuem qualificações, as mulheres, apenas “qualidades”, consideradas naturais, inatas, na medida em que não foram adquiridas pela formação profissional (2009, p. 32).

A segregação horizontal no contexto migratório é extremamente perceptível, pois os empregos mais comumente ocupados por mulheres migrantes na Itália, são os de cuidado e faxina. Além disso, a grande maioria não tem justos contratos de trabalhos e são admitidas de maneira informal: “(...) várias estimativas consideram que elas correspondem a cerca de setecentos mil a um milhão de trabalhadoras, um número muito maior do que o de cuidadores no setor formal da economia.” (DEBERT, 2016, p.136).

É importante especificar, também, a condição das migrantes sem a dupla cidadania, as quais são exploradas de forma ainda mais violenta. Para as migrantes indocumentadas, o trabalho de cuidados não é somente uma forma de renda no país estrangeiro, mas também uma forma de defesa, mesmo que extremamente precária. Trabalhando nas casas de família, as migrantes encontram meios de se esconderem e não serem deportadas. Quando indaguei se haviam muitas brasileiras nessa situação, Julia comentou:

Existe, nossa! Existe e muito, muito! Porque, hoje em dia a Itália, a Europa tem muito idoso, muito! E os filhos, como eles tem a vida deles, não que eles não gostem dos seus pais... só que eles têm a vida deles, tem a família deles, o casamento deles... então, eles não podem ficar lá, 24 horas por dia. Então eles pagam alguém que possa ficar, que possa dormir, que possa estar ali 24 por dia, né? E tem muito sim, muitas, muitas meninas ilegais! (JULIA, 2019).

Embora, inicialmente essa estratégia pareça vantajosa, mediante a situação de “ilegalidade”, elas acabam ficando extremamente vulneráveis a exploração. Não apenas nas relações de trabalho, mas também: física, moral, psicológica e sexual. Ainda segundo Debert,

(...) a co-residência com o idoso permite não apenas economizar os custos de moradia e alimentação, mas é também uma forma de se proteger num contexto em que estão na ilegalidade. (...) A literatura internacional sobre gênero e imigração também tem denunciado os abusos envolvidos nessas situações: violências física e sexual, horas intermináveis de trabalho, humilhações, restrições à circulação fora da casa do empregador. (2016, p. 141).

Guimarães, Hirata e Sugita (2011), também pontuam a problemática dos empregos em domicílios, pois na grande maioria das vezes são perpassados por relações de trabalho ilegal, ou informal e os salários acabam não compatíveis com as jornadas e funções, sendo que o grande público que ocupa esses empregos no setor de serviços, são as mulheres sem documentos.

Apesar de o trabalho de cuidados ser visto como algo socialmente e biologicamente destinado as mulheres, há também, diferenças e hierarquias entre os tipos de trabalhos desenvolvidos nessa área. Em pesquisas realizadas, percebe-se que, a importância atribuída

ao cuidado das crianças não ocupa o mesmo lugar e status que o cuidado dos pais e mães – os idosos e idosas (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011). Ou seja, cuidar de crianças, filhos(as) de italianos(as), é uma atividade destinada às mulheres, mas não a todas as mulheres.

Julia relata que:

(...) “babysitter” já é um trabalho chique, digamos. Eu fiz “babysitter” também, mas eu fiz bastante de idosos. Eu cuidei uns dois, ou três anos a fio de idoso. Porque aí tu não precisas pagar aluguel. Claro, no meu pessoal, tem que se dizer também que eu casei, casei com um brasileiro que tinha cidadania... mas tinha épocas que dava certo, tinha épocas que não dava... e quando não dava certo, eu partia pra cuidadora de idoso, porque eu não precisava pagar aluguel. Então ganhava o meu salário, limpinho, que dava pra eu enviar pro Brasil, fazer minhas coisinhas, sem ter que depender de ninguém e sem ter gastos de aluguel, de comidas, essas coisas assim (JULIA, 2019).

Por mais que as violências sejam mais comuns no trabalho de cuidados, devido a vulnerabilidade que essas mulheres ficam expostas, e, pelo fato de muitas não terem documentos, as violências também são vividas em outros locais de trabalho. Nos espaços públicos são rotineiras as violências verbais, que embora sutis, são tão agressivas quanto as outras esferas. É comum, segundo as palavras da entrevistada Michele, que os migrantes sejam ofendidos e humilhados em seus empregos – sejam eles e elas documentadas, ou não. As violências verbais ocorrem tanto com as mulheres, quanto com os homens, e são direcionadas, inclusive, aos emigrantes que tem uma suposta italianidade, devido ao *jus sanguinis*.

Além disso, outro grave problema é que, mesmo que esses emigrantes documentados tenham direito de recorrer à justiça, dificilmente o fazem, pois temem sofrer represálias, ou encontrar dificuldade na busca de um novo emprego. Desse modo, acabam se silenciando perante as violências diárias no ambiente profissional:

(...) eles não têm medo de te ofender, ou de te chamar de burro, ou de te chamar de qualquer coisa desse tipo, eles te chamam. Eles não querem nem saber, eu acho que esse tipo de violência verbal é tanto pra homem, quanto pra mulher. E, eles meio que se sentem abertos a falar isso, porque tu és imigrante, porque tu estás ali porque tu precisas trabalhar, então eles não têm nem aí. Para eles tanto faz, se tu não estiveres ali, outro brasileiro vai vim e vai pegar o teu emprego (...) eu não me recorde de nenhum caso de brasileiro, ou brasileira que tenha entrado com algum processo contra alguma empresa, por exemplo. Porque a gente não saberia nem por onde começar... Ir atrás de um advogado, vai gastar, então, as vezes isso acaba inibindo o brasileiro, com documento, ou sem documento (...) eles acabam te violentando verbalmente... não comigo, mas eu lembro, me recorde de alguns casos (MICHELE, 2018)

As mulheres estão, desse modo, colocadas frente a uma diversidade de explorações. Se não bastasse a divisão sexual do trabalho, que delimita os espaços destinados aos homens e mulheres, ainda são exploradas no campo reprodutivo:

Nessa divisão sexual do trabalho, operado pelo capital dentro do espaço fabril, a maioria das atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são realizadas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação e frequentemente fundadas no trabalho intensivo destinam-se sobretudo às mulheres trabalhadoras e, também com muita frequência, aos trabalhadores(as) imigrantes e negros(as) (...) E, ainda mais, através da duplicidade do ato laborativo, a mulher trabalhadora é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço produtivo como no reprodutivo. Além de atuar crescentemente no espaço público, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do trabalho doméstico, garantindo a esfera da reprodução societal, esfera do trabalho não diretamente mercantil, mas indispensável para a reprodução do sistema de metabolismo do capital (ANTUNES, 2015, p. 141).

É importante, também, desmitificar a imagem que se criou de que o imigrante trabalhador é um homem. Pode-se observar tanto nos relatos, quanto nas estatísticas apresentadas, que as mulheres têm uma importante participação nos fluxos migratórios direcionados para a Europa. Inclusive, em muitos países, como a Itália, por exemplo, o contingente de brasileiras já supera o número de homens brasileiros migrantes:

O rosto do imigrante, na Europa ocidental, é o rosto de um operário, de um homem portanto. A imigração, na nossa história recente, foi durante muito tempo concebida e entendida como uma imigração do trabalho nos campos e nas fábricas e, por isso mesmo, como uma imigração masculina (GASPARD, 1998, p. 83).

Enxergar as mulheres como participantes ativas do processo, é um importante caminho para compreender diversas questões das migrações internacionais. Muitas vezes, são colocadas como meras espectadoras das trajetórias, aguardando seus maridos, pais, irmãos e filhos nos países de origem. Em outros momentos, são vistas e designadas como acompanhantes das jornadas alheias, mas são mais do que isso, embora muitas vezes não se reconheçam como protagonistas.

Quando são evocadas, em muitos momentos são colocadas como aquelas que vão se juntar a seus companheiros, sendo silenciadas das narrativas. Como é possível observar na trajetória de Isabela, em seu discurso inicial, ela evidencia que foi à Itália como acompanhante de seu esposo e, tinha com intuito fazer companhia e dar força, pois ele se sentia muito sozinho, sem a presença dela:

No segundo ano, ele falou que não ficaria mais se eu não fosse. Estava bem difícil para ele sozinho. Eu fui mais por isso, foi bem difícil para mim, porque deixei minhas filhas, a mais velha casada e a mais nova tinha 14 anos na época e não quis ir. Ela estudava no CEDUP, não queria deixar os amigos... e a gente se via todo dia pela web, o tempo da web e do Orkut. Então eu fui, mas fui assim... chorando daqui até mais ou menos Tubarão... no ônibus, chorando indo pra “Floripa”. Só fui parar depois de Tubarão, porque uma mulher que também vivia a mesma situação que eu e estava indo pra Portugal, me disse que estava lá há dez anos já... ela disse que viveu a mesma coisa que eu, um menino de nove anos ela deixou. Aí ela foi me consolando, consolando... então foi indo e fui melhorando. Foi bem difícil, mas fui (ISABELA, 2019).

Destarte, sua trajetória nos evidencia mais do que isso. Isabela, foi uma participante ativa do processo migratório, experienciou diversas dores, dificuldades e conquistas. Trabalhou, criou redes e laços de amizades. Quando voltou ao Brasil, deu sequência à atividade que desempenhou no seu primeiro emprego na Itália: fazer faxina. É interessante destacar que antes de partir rumo a vivência migratória, Isabela não trabalhava fora, era “dona de casa”:

Então, depois que eu voltei da Itália eu fui trabalhar, fui trabalhar de empregada doméstica. Porque eu achava assim, que ia ser bom porque eu já sei, eu já sei, limpo bem e lá eu fazia as faxinas! Aí fiquei trabalhando cinco anos cuidando de dois meninos e cuidando da casa dessa pessoa. Mas assim, meu Deus né, Nathália! Salário tu já viste? Fiquei seis anos e sai... e quero voltar lá para faxinar! Que lá da dinheiro (risos) (ISABELA, 2019).

Além disso, a família pretende retornar à Itália nos próximos meses, e, com suas redes, a criciumense partirá com emprego garantido, retornará ao primeiro emprego que teve quando migrou pela primeira vez. “Eu vou para o mesmo condomínio que a minha cunhada, ela parou de pegar faxina lá porque ficou sozinha e eu falei que retornaria agora, então vamos voltar pro mesmo condomínio” (ISABELA, 2019).

De modo geral, quando nos propomos a falar sobre gênero, tanto no cenário das migrações, quanto em qualquer outro, é importante ter em mente o que muitas teóricas(os) vem pautando: de ver essas relações enquanto um constructo social e não a partir de um viés biologizante (SCOTT, 1995) que, em muitos momentos, desqualifica a mulher, seu trabalho e naturaliza os abusos e violências, seja no campo das relações da vida privada, quanto nas relações estabelecidas fora dela.

## 5. AS REDES SOCIAIS ESTABELECIDAS PARA MIGRAR, O RETORNO E A INTEGRAÇÃO SOCIOECONÔMICA LOCAL

Neste contexto, dos(as) emigrantes que partem de Criciúma rumo a Itália, as “remessas” ganham importante papel de destaque. Segundo Ana Cristina Braga Martes e Weber Soares: “(...) os brasileiros direcionam suas remessas prioritariamente para suas famílias no Brasil, de modo a contribuir para aumentar o poder aquisitivo dos membros que não emigraram” (MARTES; SOARES, 2006, p. 41).

Há, de modo geral, duas movimentações em relação ao dinheiro adquirido no período de trabalho: alguns guardam grande parte do salário para investir quando retornam ao país de origem, outros(as), enviam dinheiro para a família que ficou, geralmente, para os(as) filhos(as), cônjuges, ou mãe e pai, as chamadas “remessas”. Segundo as pesquisas realizadas pela CARITAS (2019), em 2018, o volume de remessas monetárias enviadas da Itália para diferentes partes do mundo chegou a 6,2 bilhões de euros.

Julia nos contou a forma como realizava as remessas no período em que esteve na Itália. A criciumense, que morou no país de 2003 a 2011, comenta que, antes, era mais difícil de se realizar as transações, não havia as facilidades de hoje, a tecnologia que temos. Sobre a forma de realização das remessas e se haviam dificuldades, ela disse:

Sim, antigamente era mais difícil... era através da Western Union<sup>61</sup> que chegava no Banco do Brasil, se não me engano, e ali a pessoa passava uma senha e alguém retirava. Hoje em dia não, eu até peguei essa época que eu já poderia enviar através da conta corrente da pessoa que eu queria, eu já peguei essa época... hoje, está ainda mais avançado. Então tem... tem milhares de coisas que tu podes enviar pra qualquer canto, qualquer conta do Brasil, hoje em dia é bem mais fácil estar no exterior. Hoje em dia tu tens o WhatsApp, que tu vê, na minha época não, era o telefone de casa e somente, né? Então hoje em dia... nossa! Mil maravilhas. Mas isso aí tem, tem bastante, porque eles também ganham com isso, eles cobram a taxa deles, pra expedição de dinheiro pra cá (JULIA, 2019).

Julia lembra também da dificuldade de comunicação. Nesse período o meio mais prático era o telefone, porém eram ligações que se tornavam extremamente caras por serem internacionais, principalmente para a família que estava no Brasil. Atualmente, o acesso às redes sociais e aplicativos como WhatsApp<sup>62</sup>, facilitam a comunicação, apesar de que, naquele período também existissem as redes como por exemplo: o Orkut<sup>63</sup> e o MSN<sup>64</sup>, mas

---

<sup>61</sup> Empresa multinacional que oferece serviços financeiros.

<sup>62</sup> Aplicativo de mensagens instantâneas, chamadas de voz e vídeo.

<sup>63</sup> Rede social filiada ao Google.

<sup>64</sup> Programa de mensagens instantâneas.

o acesso à internet era restrito. Ao ser questionada sobre como os(as) emigrantes sem dupla cidadania realizavam as transações, e se havia dificuldades devido a condição, a entrevistada relata:

Qualquer um pode enviar dinheiro de lá, qualquer um. Se você hoje vai viajar, é porque... as pessoas as vezes não tem conhecimento... Mas, qualquer um que vai viajar hoje pro exterior, pra Europa, vai em um banco Western Union, ou vai em um local... uma livraria! Porque lá, por último, eu enviava de uma livraria e ele fazia esse processo, de Western Union, Moneygram<sup>65</sup>... hoje em dia tem vários que fazem o envio de dinheiro. Chega lá e diz: “ei, você envia dinheiro pro exterior?” Aí ele vai dizer sim ou não. Se sim, você envia, paga a taxinha que é 5% ou 10% do que você vai enviar e deu (JULIA, 2019).

Das trajetórias presentes nessa pesquisa, podemos observar que Julia teve como principal objetivo o envio de remessas para sua filha, como discutido anteriormente. Já os outros sujeitos tiveram como foco a acumulação de capital para a compra, especialmente, de imóveis e terrenos no Brasil, ou melhorar as condições de moradia no país de origem, como lembra João (2019): “O objetivo, como eu falei no início, foi por necessidade. Porque eu não tinha nada, então fui pra comprar um “lotezinho”, fazer uma “casinha”.” A experiência final mais destoante foi a da cricumense Maria, que teve como foco de investimento a constituição de sua empresa de assessoria.

A experiência do casal João e Isabela, também chama a atenção. Ambos partiram na jornada migratória, devido as dívidas acumuladas no Brasil pela empresa que possuíam e abriu falência. A partir do relato, é perceptível que enxergaram na migração uma última esperança para se reerguer, pois haviam perdido tudo que foi conquistado durante anos de trabalho no Brasil. A cricumense, partiu três anos depois de seu marido, segundo ela:

Ele já estava adquirindo bastante, a gente ficou muito endividado aqui, então os irmãos deles foram indo pra lá e foram vendo que era bom e nós tínhamos perdido tudo por causa de um erro do irmão dele, de sociedade, a gente acabou perdendo casa e tudo pro banco (...) a gente perdeu tudo, fui morar com a minha mãe, com a minha sogra, aí chamaram o João pra ir pra lá. Então, o objetivo foi a gente conseguir tudo de novo e a gente conseguiu, compramos lotes, fizemos a casa até onde ela está, como tu estás vendo, compramos carro e tivemos uma vidinha melhor, tudo em cinco anos que ele trabalhou lá. Aí os dois anos eu fui, foi mais para dar apoio moral mesmo, porque ele disse que não ia aguentar mais lá sozinho, daí eu fui mais pra isso, mas aí trabalhei, fiz amizades e foi bom (ISABELA, 2019).

Ainda é possível observar nos relatos, que há também uma forte presença de jovens recém-casados nesses fluxos e que seus objetivos miram em conquistar a primeira moradia e

---

<sup>65</sup> Empresa americana de transferência de dinheiro.

vivenciar as migrações pendulares, trabalhando por um período determinado e retornando ao Brasil logo após. Segundo Michele:

Olha, a grande maioria dos brasileiros e brasileiras que eu conheci lá e que retornaram, eles queriam investir. Ou em uma casa... a maioria era casa. Ou em um carro, casa na praia, casa na cidade..., mas, geralmente, eles retornavam pra região onde eles moravam e a ideia era construir casas. Construir uma casa, né, pelo menos ter uma casa. Quando era casal, era isso. Eles iam pra lá pra trabalhar um ano e voltar pra conseguir as coisas. Recém-casados. Recentemente, eu venho acompanhando uma pessoa da minha família que está comprando apartamentos aqui. Eu estou auxiliando-a na compra de imóveis aqui. Então, a parte de imóveis, ela é muito visualizada e muito buscada, principalmente pra quem não tem. Eu, na época não investi nisso porque eu deixei já um apartamento aqui, então eu retornei pro meu apartamento. Não precisei investir nessa área. Mas, a gente percebe muito isso, essa questão de ir pra lá... a ideia do brasileiro de ir pra lá, é de buscar algum recurso financeiro e retornar (MICHELE, 2018).

Porém, é necessário enfatizar outras vivências, com objetivo de que não se generalize as experiências migratórias. Há nesses fluxos, “exceções”, como a própria entrevistada chamou. Pessoas que partem para a Itália, mas ficam dez, quinze, ou vinte anos e muitas vezes nem retornam, apenas para realizar visitas rápidas aos parentes e amigos(as).

Para ela, essas pessoas criaram um sentimento de pertencimento muito forte com a Itália, pois os(as) filhos(as) que migraram pequenos já cresceram. Essas pessoas consolidaram redes, alguns possuem netos e netas nascidos no país, e assim, não pensam mais em retornar. Entretanto, esses sujeitos não conseguem se “desligar” do Brasil, pois mesmo não tendo mais o intuito de retornar definitivamente, continuam investindo e comprando no país, sinalizando que a ideia de retorno se faz presente de uma forma ou de outra. Segundo Michele (2018), essas pessoas:

Vem, as vezes uma vez por ano para visitar a família, mas não pensam mais em voltar pro Brasil. Mas, volta em meia, as vezes compram um apartamento por aqui, então parece que não se desligam, né? Que não conseguem se desligar totalmente, mas, estão lá há bastante tempo (MICHELE, 2018).

Cardoso (2011) analisou que do início dos anos 2000 a 2009, Criciúma vivenciou um intenso processo de verticalização da cidade e isto foi consequência, especialmente, do grande fluxo de emigrantes criciumenses que haviam partido rumo aos Estados Unidos e países da Europa, como a Itália. Para a autora, os investimentos desses(as) migrantes e retornados(as) transformaram a cidade, principalmente a paisagem urbana e os serviços prestados na região. Atualmente, percebe-se que um dos grandes focos de investimentos dessas pessoas são a casa própria e bens de consumo. Porém, como analisado por Cardoso

(2011), até 2009, houve um intenso investimento na construção civil e no setor imobiliário, de modo que muitos retornados(as) visavam uma renda fixa a partir dos aluguéis.

Desse modo, percebe-se uma relativa diferença entre os(as) migrantes da década de 1990 e início do século XXI e os(as) migrantes da atualidade. No primeiro caso, a maioria partia com intuito de acumular capital para posteriormente comprar/construir imóveis e alugar. No presente, observa-se que as os interesses/objetivos socioeconômicos na emigração são mais plurais.

Outro importante aspecto a se destacar, é o ciclo de consumo vivenciado por essas pessoas. Geralmente, conquistam uma boa poupança, a partir do árduo trabalho desenvolvido na Itália, mas quando retornam, muitos(as) fazem altos investimentos em carros caros, ou na construção de grandes casas, por fim, acabam não tendo meios de manter o alto padrão de vida. Antunes, ao falar sobre o consumo e a esfera da vida dentro e fora do trabalho, diz que:

Como as suas formas contemporâneas de estranhamento atingem, além do espaço da produção, também a esfera do consumo, a esfera da vida fora do trabalho, o chamado tempo livre é, em boa medida, um tempo também submetido aos valores do sistema produtor de mercadorias e das suas necessidades de consumo, tanto materiais como imateriais (...) O tempo livre atualmente existente é tempo para consumir mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais. O tempo fora do trabalho também está fortemente poluído pelo fetichismo da mercadoria (ATUNES, 2015, p. 222, 223).

Esta situação faz com que muitos(as) retornem para a Itália após alguns anos, ou vivam o ciclo das migrações pendulares, trabalhando em subempregos com jornadas longas de trabalho no país de destino e, vivenciado um status social e econômico mais elevado no Brasil, porém, somente por alguns meses:

(...) uma das coisas que preocupa o brasileiro quando ele retorna para o Brasil: o que que ele vai fazer? Tu compras uma casa, tu compras um carro, mas como é que tu vais manter essa casa e esse carro? Tu vais voltar a trabalhar assalariado? Eu acho que é um pouco do que faz os brasileiros retornarem para a Itália. Que é o que eu venho percebendo agora nesse momento, que algumas pessoas que eu conheço e retornaram mais ou menos na mesma época que eu e agora estão querendo voltar de novo. Porque tu chegas aqui e se tu não tens uma formação... não vai abrir uma empresa... no que que tu vais trabalhar? No que que tu vais manter essa casa? Eu percebi que as pessoas querem construir casas enormes, apartamentos em locais bem visualizados, mas como manter isso? Depois, as pessoas parecem que não conseguem manter, porque tu vais trabalhar assalariado, como é que tu vais conseguir manter uma casa ou dois carros... é complicado (MICHELE, 2018).

Quando questionados(as) se haviam recuperado o dinheiro investido no processo migratório, especificamente em gastos com deslocamento, passagem, moradia, alimentação, documentação, dentre outros. Todos(as) sinalizaram que sim, mesmo aqueles(as) que não

acumularam poupança e/ou imóveis, como no caso de Michele e Julia. Esta última, apesar de não ter adquirido bens, comenta que levou uma boa vida nos anos em que morou na Itália e conseguiu possibilitar bons estudos à sua filha durante a infância. Martes e Soares, ao analisar a trajetória de emigrantes brasileiros(as) que partiram para os Estados Unidos, também observaram que ter filhos(as) impacta diretamente o processo migratório:

Ter ou não filhos e local de moradia dos filhos (Brasil ou Estados Unidos) é a variável que mais interfere na decisão sobre o envio das remessas. A maioria dos entrevistados não tem filhos (52%), e os demais, isto é, 47% dos entrevistados que declararam ter filhos, aproximadamente metade tem seus filhos morando nos Estados Unidos e a outra metade no Brasil. Porém, se considerarmos apenas os que enviam remessas, mais da metade tem filhos (52%), e aproximadamente metade dos filhos mora no Brasil e outra metade nos Estados Unidos. (MARTES; SOARES, 2006, p. 43)

João destaca que teve um bom rendimento, inclusive maior do que esperava na época, pois conseguiu construir sua casa e realizar seus objetivos de consumo, mesmo após a experiência traumática de falência e acúmulo de dívidas que viveu no Brasil. Já o casal Renata e Luis, que partiram, inicialmente, para Itália para fazer a documentação, tiveram de investir aproximadamente 58 mil reais na agência que contrataram para resolver os trâmites burocráticos para tirar a dupla cidadania. Contudo, nos sete meses em que trabalharam na Alemanha, conseguiram recuperar a quantia investida e, também, guardar dinheiro para construir uma casa melhor no Brasil. Ao serem questionados se pretendiam montar algum negócio no país de origem, falaram que não, mas que era uma possibilidade a ser cogitada futuramente.

Outro importante aspecto a ser destacado na trajetória desses(as) criciumenses, foi a importância da consolidação das redes sociais para a concretização do processo migratório e, principalmente, a “conclusão” desta ação com determinado “sucesso”, ou seja, a conquista de moradia, emprego e acumulação de capital durante o tempo de permanência no país. Segundo a entrevistada Julia, ao ser questionada se percebia a presença e articulação das redes, ela disse:

Muito! É somente através disso. Assim, pode ter algum corajoso que vai sem ter ninguém, sabe? Mas, normalmente não é isso que acontece. Geralmente tem sempre alguma pessoa, algum brasileiro no caso, que seja parente, amigo que já está esperando ou que faça o convite pra ir até lá (...) porque normalmente quem já está lá, eles já falam, mais ou menos, a língua italiana. Então, eles têm os contatos, né? De onde eles já trabalham, ou eles conseguem se comunicar. Porque eu, particularmente, quando eu cheguei lá eu não sabia nada de italiano, então, fiz aulas, eu fui atrás, procurei, me desesperei, mas é difícil... tu vai começar a

conversar ali, a partir dos cinco, seis meses que tu começa a se virar sozinha (JULIA, 2019).

As redes sociais foram investigadas no Brasil e, em Santa Catarina, pela antropóloga Gláucia de Oliveira Assis. Em suas pesquisas, enfatiza, principalmente, a trajetória de criciumenses que partiram para os Estados Unidos da América nas últimas décadas e de como as redes foram determinantes na trajetória dessas pessoas. Segundo Assis (2004), a noção de que “um migrante traz o outro” é muito presente na trajetória dos sujeitos que partem rumo as experiências laborais em outros países. Desse modo, se torna um processo menos complexo, se há algum amigo(a) ou parente no país de destino. Nesta pesquisa, pode-se observar que todos(as) que partiram, já eram esperados(as) por outras pessoas na Itália, ou como no caso do casal Luis e Renata, na Alemanha.

Mesmo que exista uma diversidade de possibilidades para realizar a trajetória migratória, como por exemplo as agências de viagens, são as redes construídas com os(as) amigos(as) e familiares, que em muitos momentos, agem como facilitadoras das relações estabelecidas no país:

(...) os criciumenses apoiam-se fortemente nas redes de parentes e amizade em diferentes momentos da migração. Por isso, embora outras redes, como as agências de turismo, os falsificadores de passaporte e agenciadores, atuem no sentido de garantir o ingresso no país de destino, se os migrantes não tiverem quem irá recebê-los e arrumar o primeiro emprego no destino, a realização do projeto migratório fica muito mais difícil (ASSIS, 2004, p. 59).

Essas relações estabelecidas por meio das redes sociais, se fazem ainda mais importante na jornada dos(as) migrantes que viajam sem a documentação, como relatado por Julia. A brasileira comenta que os(as) amigos(as) que a receberam foram determinantes para a sua emigração, pois além de não conhecer o país, ela ainda era “ilegal”, o que dificultava ainda mais sua permanência. Foi, por meio deles(as), que mesmo sendo indocumentada ela encontrou emprego logo no início de sua chegada. Entretanto, este emprego informal era totalmente precarizado e ela permanecia praticamente 24 horas na residência em que trabalhava:

Quando tu chegas lá, que tu não tens um vínculo com a cidadania, que tu não és cidadão italiano, que tu não podes abrir a documentação para fazer a cidadania, tu és ilegal, tu és imigrante. Então, como eu já tinha amigos lá, eles me ajudaram no início com emprego, mesmo que fosse informal, né? Que não tivesse nada de documentação registrada nada. Só que eu, particularmente, como sou uma pessoa que corro muito atrás... comecei sim, comecei cuidando de idoso, eu ficava 24 horas cuidando de idoso (JULIA, 2019).

Julia também comentou que quem despertou o seu desejo de partir, foi uma amiga que morava há alguns anos na Itália. Para a cricumense, o processo de migrar sem o apoio de alguém que o(a) recepcione e instrua, pelo menos nos primeiros meses, é muito difícil, principalmente na condição de “indocumentado(a)”, onde muitas vezes a pessoa chega sem dinheiro, sem conhecer a língua e a cultura do país:

Então, quando eu fui... na época eu já tinha, havia né, alguns amigos meus na Itália. E eu tenho uma amiga, que até já retornou pra Itália e ela me contactou e disse: “Julia, tem oportunidades pra ti aqui na Itália, eu posso te ajudar, com casa a princípio, te instruo, a gente pode ver os trabalhos pra você e eu te ajudo”. A princípio, ela me ajudou bastante (...) eu já tinha alguém pra me receber, porque se não tem é muito difícil, assim, sabe? Tu chegar sem falar a língua, sem ter uma noção, sem ter dinheiro suficiente talvez pra ti ir pra um hotel, ou alugar uma casa (JULIA, 2019).

A família, também desempenha um importante papel no cenário das redes sociais migratórias, tanto em relação ao tempo de permanência, quanto, principalmente, em relação ao retorno. O entrevistado João relata que a distância de sua família, filhas e esposa, foram uma das maiores dificuldades vivenciadas na Itália. Em muitos momentos, o ítalo-brasileiro cogitou retornar antes de alcançar seus objetivos financeiros e de consumo, devido a saudade que sentia.

Mesmo sendo recepcionado por seus irmãos, que já moravam no país e que o abrigaram durante boa parte do tempo de permanência e, também, o contrataram para trabalhar na empresa que haviam montado (de azulejistas), o imigrante relata: “A primeira vez foi fácil, a segunda vez não foi tão difícil... a terceira vez é mais difícil ainda, é bem complicado, ir sozinho e deixar a família, bem complicado (...) a dificuldade mesmo foi a distância da família” (JOÃO, 2019).

Quando Isabela partiu para a Itália com intuito de fazer “companhia” ao esposo, a situação mudou. O cricumense alargou seu tempo de permanência, tendo ficado durante cinco anos e além disso, deixou de residir com seus irmãos, os quais foram seus companheiros de estadia por três anos. Nos dois anos seguintes, passou a morar somente com a esposa.

Assis, também destaca que para além de observar a importância das redes sociais para compreendermos a estrutura de oportunidades encontradas por esses(as) emigrantes, é importante, também, entender o papel das relações de gênero nesse processo:

Procuro demonstrar, sem desconsiderar as causas estruturais da migração, como uma análise da migração partindo da perspectiva das redes sociais contribui para compreendermos que tipo de estrutura de oportunidades os migrantes encontram quando chegam na sociedade de emigração e como tais oportunidades são moldadas pelas relações de gênero (...) as mulheres não apenas esperam por seus maridos ou filhos, mas participam efetivamente do processo integrando e articulando as redes de migração (ASSIS, 2004, p. 26, 28).

Isabela, também destacou a importância do papel da família e amigos(as) em seu projeto migratório. Além de, inicialmente, ter trabalhado realizando faxinas com sua cunhada, comenta que foi muito bem recebida pelos irmãos do marido que já estavam lá. Outro ponto importante é que as amigas constituídas no país de destino também se mostram como algo marcante na vida dessas pessoas.

A emigrante, também comentou, que em seu primeiro mês de moradia na Itália, fez amizade com uma brasileira e que, foi ela, que a auxiliou com os trâmites da documentação, já que entendia bem pouco o idioma e os processos burocráticos. Além disso, Irene<sup>66</sup>, foi quem empregou ela e sua cunhada há anos atrás e que irá, novamente, arranjar emprego pra ela em seu retorno a Itália:

Fui muito bem recebida, mas em questão de um mês e meio a gente fez amizade com uma pessoa muito querida, a Irene, onde me ajudou muito, ela que me levava para a “*comune*” pra ver os documento pra mim, porque o meu marido trabalhava... e temos amizade com ela até hoje. Tanto que ela está me esperando lá, agora em janeiro, já está com o serviço arrumado para mim. Então assim, a gente fez muita amizade! Final de ano, Natal, era tudo no meu apartamento, brasileiros que eu nem conhecia queriam se chegar: “posso ir também?” “Pode!” (ISABELA, 2019).

Apesar da distância de suas duas filhas, que haviam ficado no Brasil com sua mãe, a criciumense comenta que teve certa facilidade em se adaptar à nova realidade, mesmo com a saudade e a distância. Os principais fatores, que segundo ela, levaram a conseguir enfrentar a jornada migratória, foi o apoio que recebeu das cunhadas e amigas sinceras que fez na Itália e, também, do apoio das filhas e mães que ficaram no Brasil.

Em muitos momentos, falou com orgulho de seu “desempenho psicológico”, disse que foi uma mulher forte e que passou com certa tranquilidade pelas adversidade, ainda segundo ela: “eu tenho uma filha que é psicóloga, a Emanuela<sup>67</sup> e, ela sempre disse que o que eu passei lá, como eu me dei bem no psicológico, lidei muito bem com o psicológico” (ISABELA, 2019).

---

<sup>66</sup> Nome fictício.

<sup>67</sup> Nome fictício.

Outro importante aspecto destacado é a religiosidade manifestada por esses emigrantes. Quando questionei o casal, se haviam muitos grupos, ou associações no país, eles mencionaram que não, pelo menos não dentro do ciclo de amizades deles. Por outro lado, havia um importante evento em *Peschiera del Garda*<sup>68</sup>, que unia os conterrâneos dos mais diversos municípios e estados do Brasil: “a missa dos brasileiros”. Ação a qual, segundo ela, iniciou nos porões de uma casa e, com o tempo, ganhou dimensões não esperadas e muitos(as) adeptos(as), inclusive não brasileiros(as).

“Estudos e senso comum destacam como a fé é um importante suporte emocional e psicológico nas diferentes fases do processo de migração, especialmente quando isso ocorre com sérios riscos para a segurança pessoal dos migrantes e de suas famílias” (CARITAS, 2019, p. 05, tradução nossa)<sup>69</sup>.

Com o crescimento do público, a missa passou a ser divulgada e, um tempo depois, ganharam espaço em uma igreja da região. A criciumense lembra que, era uma missa bem festiva, com características bem próprias do Brasil. Tocar violão, bater palma, cantar junto, coisas que segundo ela não são feitas pelos italianos(as), esses são mais sérios nos rituais. Isabela acredita que essas diferenças é que fizeram com que a “Missa dos Brasileiros” fosse tão conhecida, pois chamava a atenção dos outros(as), “eles ficavam maravilhados”. A missa ocorria uma vez ao mês e era rezada pelo padre Dom Bruno, que era italiano, mas que tinha domínio do português:

O Dom Bruno na época aceitou fazer na igreja, ele ficou seis anos no Brasil e falava bem o português. Ele sempre rezava nossas missas e, já fizemos a nossa festa de Nossa Senhora aparecida dia 12 também, com crianças, entregávamos bala... montamos associação e até hoje está fazendo sucesso isso lá. (...) Ele faleceu faz dois anos. Está outro padre italiano também, que fala português, porque ficou no Nordeste sete anos em missão (ISABELA, 2019).

No evento, era celebrado também, o nascimento dos italianos(as) filhos(as) de brasileiros(as), ou seja, eram batizados(as) em meio a festividade de características brasileira. O que nos faz pensar que há uma negociação da etnicidade, uma construção e reconstrução em conformidade com o contexto social, cultural, territorial e também a longa distância do país de origem à qual essas pessoas estão inseridas.

---

<sup>68</sup> *Comuna italiana situada na região do Vêneto.*

<sup>69</sup> “*Gli studi e il buon senso evidenziano come la fede sia un'importante sostegno emotivo e psicologico nelle diverse fasi del processo migratorio, soprattutto laddove questo si svolge con grave rischio per l'incolumità personale dei migranti e delle loro famiglie*” (CARITAS, 2019, p. 05).

Visto que, como já discutido anteriormente, grande parte dos(as) ítalo-brasileiros(as) evocam a italianidade quando estão no Brasil, principalmente para demonstrar um status social e econômico diferenciado. Contudo, em terras estrangeiras, pode-se perceber um “nascimento” da brasilidade. Questionei-a se realmente acontecia de os brasileiros(as) se sentirem brasileiros(as) somente lá, e ela disse:

Acontece Nathália, aqui a gente não dá valor e lá tu começa a dar, tu sentes muita saudade do Brasil. Só que é incrível que os brasileiros, eles levam o Brasil pra lá, tanto que eu falei pra ti que tem a missa brasileira. É pagodezinho no fim de semana, tem por tudo... até carnaval eles fazem! Em clube fechado, elas vão e levam fantasias daqui, aquelas coisas todas (...) é bem legal, que lá o carnaval é no inverno e a gente inventava um carnaval no verão. Festa junina a gente faz lá com os brasileiros, a gente tenta fazer receitinha de festa junina, se veste de jeca, tenta comprar roupa parecida e remendamos e eles acham tudo! Então, eles conhecem bastante a cultura do Brasil e eles gostam muito (ISABELA, 2019).

Além disso, diferente do que é relatado por outras emigrantes dessa pesquisa, Isabela menciona que era comum catarinenses se esbarrarem pelas cidades italianas e se sentirem felizes por isso, especialmente, os catarinenses do sul do estado. Isso trazia um conforto para aqueles que estavam longe de casa, de sua cultura e de suas cidades há um longo período:

As vezes tu estás em uma loja conversando com a tua amiga ali... alguém via: “Ah! Vocês são brasileiras?” “Sim, a gente é...” “Ai de onde?” “Criciúma” “Ai, nós também! Nós somos de Siderópolis”. Já se juntava, já marcava encontro na casa um do outro. Eles se apegam muito (ISABELA, 2019).

Partindo desse princípio, de que há a construção de uma brasilidade no contexto migratório, podemos corroborar com as discussões de Poutignat e Streiff-Fenart de que, a identidade étnica é elaborada por meio da seleção de traços culturais, os quais são utilizados para se diferenciar de um outro grupo étnico: “O que deriva do domínio da etnicidade não são as diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação entre in-group e out-group” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, p. 129).

Desse modo, não existe uma expressão cultural pronta, acabada e fixa, mas sim, uma relação moldada pelas interações sociais desses migrantes. Entretanto, essas expressões culturais não são aleatórias, há “cabides onde os grupos procuram-se pendurar”, mas que são trabalhados de acordo com a necessidade vivida no momento. Como por exemplo: a ideia de que existe uma culinária italiana no sul do Brasil, ou também, a recriação do carnaval e festividades brasileiras em solo italiano, estas ações, poderíamos nomear daquilo que

Poutignat e Streiff-Fenart elucidam como os “cabides”, os quais são mobilizados estrategicamente e de acordo com as necessidades do grupo.

Outro importante aspecto, é que essa brasilidade vivenciada não surge, apenas, pela saudade e lembranças da terra natal, embora este também seja um importante motivo. Mas, principalmente, pela forma como a sociedade italiana enxerga esses migrantes, são os “outros”, independente da identidade ítalo-brasileira. Assim, a nomeação ser brasileiro(a), ser estrangeiro(a), ser “ilegal”, aparece com ainda mais força. Segundo os autores:

(...) a nomeação não é somente um aspecto particularmente revelador das relações interétnicas, ela é por si própria produtora da etnicidade. Nas situações de dominação, a imposição de um rótulo pelo grupo dominante possui um verdadeiro poder formativo: o fato de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade (...) Os símbolos significativamente ligados a uma identidade étnica (quer representem valores reivindicados pelos membros ou estigmas impostos pelos outsiders) determinam em grande parte os marcadores (traços comportamentais, língua falada, índices visuais) que a designam enquanto tal (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1997, p. 143, 144).

Michele, apesar de mencionar as disputas, as quais iremos nos debruçar mais a seguir, também comenta sobre essa noção de pertencimento e união que era criada entre os(as) brasileiros(as) emigrantes:

(...) quando a gente está lá, a gente acaba se sentindo parte, quando a gente encontra com um brasileiro, quando a gente vê essas pessoas. Mas claro, tem uma série de disputas entre os próprios brasileiros. Mas, era uma relação até amigável, a gente se reunia, mas eram amizades muito rápidas, muito passageiras. Porque as vezes, você encontrava casais, por exemplo, que ficavam um ano, iam lá pra trabalhar, juntavam um dinheiro e voltavam pro Brasil. Então, muitas amizades acabei perdendo o contato, justamente por serem muito rápidas, era pouco tempo. As vezes a gente mudava de região, ou eles mudavam de região (MICHELE, 2018).

Ainda sobre as redes sociais, especificamente, no cerne familiar, é válido dimensionar o quanto ela pode afetar as decisões tomadas pelo grupo. Como no caso de Isabela e João, que deixaram evidente que a migração só pode ser concluída devido à presença da esposa no país. Além disso, a família mais uma vez se aventurará nos caminhos migratórios, porém, agora, pretendem permanecer por tempo indeterminado no país, ou seja, os planos são de moradia fixa na Itália sem retorno ao Brasil, talvez, somente para visitas.

Para o casal a permanência fixa no outro país só se concretizara agora, pelo fato de que suas filhas e seu neto estão indo juntos. Embora seja necessário a adaptação delas em uma nova realidade, a dupla aposta que tudo irá dar certo. Ou seja, no primeiro momento,

alguns anos atrás, partiram com o intuito de adquirir bens materiais e de consumo e retornar ao país de origem, agora, o cenário é diferente.

Assim, percebe-se que as expectativas modificam-se ao longo do tempo. A cada migração vivida, mesmo que pelo mesmo grupo ou pessoa, há intenções diferentes. Não se pode generalizar as trajetórias experienciadas em tempos e espaços diferenciados:

Então, a gente está voltando para lá, agora com a família toda, com a filha solteira, casada, genro, neto, todo mundo. Vamos tentar de novo... Tentar não, já está uma coisa bem certa para serviço, para todo mundo, e eu e ele a gente não sabe quando volta... as filhas se quiserem ficar... a Emanuela<sup>70</sup> pretende estudar lá também, vamos ver! Estamos voltando, retornando (...) nessa primeira vez que a gente foi, esses tempos atrás aí, dez, 12, 15, mais ou menos, nós não pensávamos, porque deixamos as filhas aqui, então era muita aquela vontade de voltar para adquirir as coisas aqui que a gente não tinha. A gente foi pra isso, buscar pra adquirir as coisas. Hoje eu já penso diferente, a gente já pensa em ir para lá e sem uma data de retorno (ISABELA, 2019).

Ainda segundo a entrevistada, um dos principais motivos que fizeram com que tomassem essa decisão de partir definitivamente, é a situação política vivida no Brasil. Para a criciumense, o país fez uma “péssima” escolha nas urnas, o que refletirá, em pouco tempo, na qualidade de vida dos brasileiros(as). A emigrante menciona que tem muito medo do que está por vir, tanto no campo social, como econômico e por isso, estão indo embora, para garantir um futuro as filhas e ao neto recém-nascido:

Tem motivos... vou falar o meu particular... eu vou ser bem sincera Nathália, estou achando que foi uma péssima escolha do Brasil, esse nosso presidente. Péssimo! Eu sei que pra nós piorou, pra mim piorou a situação e eu estou com medo, porque eu sinto que vai piorar mais. Então, a gente está indo pra lá, por isso. Tem o meu neto pequenininho, tem um aninho... a educação a gente sabe que é outra... Então, a gente está buscando isso, mas é pra fugir daqui, da situação que está horrível. Sou brasileira, mas eu sinto em dizer que eu prefiro estar em outro país, que eu sei que eu vou estar... que vai ser muito melhor assim. É tudo valorizado lá, eu vejo um futuro muito bom, pela situação do Brasil, eu vejo um futuro muito bom pra nós lá. Eu já escutei assim: “ai, tu foge, que brasileira que tu és?” Justamente, por ser brasileira, por amar o meu país, vou ir (...) e assim, se o meu marido tem a dupla cidadania, ele gastou pra fazer esses documentos, por que não usufruir? Se é um rico que vai lá passar: “ai vou lá passear”, ai pode e a gente não? Pra ir lá pra trabalhar, buscar uma vida melhor aqui no Brasil? Eu estou indo buscar uma vida melhor pra mim. Como eu disse, eu não tenho data pra voltar, mas um dia eu volto. Agora as filhas não, se quiserem ficar por lá eu até dou apoio (ISABELA, 2019).

Na trajetória do casal Renata e Luis, também é possível destacar a ação da rede no processo migratório, mas de maneira um pouco diferenciada. Segundo a dupla, já partiram do Brasil para a Alemanha com emprego garantido, mesmo eles tendo permanecido na Itália

---

<sup>70</sup> Nome fictício.

por um mês, para conquistar a dupla cidadania. Porém, as pessoas que os esperavam não eram parentes e nem amigos(as) próximos, eram somente conhecidos do casal. Possivelmente, esse fator de proximidade (ou a falta dela), influenciou diretamente na imagem que eles construíram sobre essas relações. É possível observar na fala de ambos, em alguns momentos da entrevista, um sentimento de estranhamento perante os(as) outros(as) brasileiros(as) emigrantes.

Para eles, haviam pessoas boas e ruins, mas destacaram em seu discurso, o quanto era difícil conviver com os(as) brasileiros(as) na mesma cidade, era “cada um por si”, pois os brasileiros ajudavam ainda menos que os outros e muitas vezes eram mal-educados. Desse modo, para o casal era mais fácil se relacionar com imigrantes de outros países do que com seus conterrâneos. Além disso, havia um sentimento de disputa muito grande, principalmente em relação a empregos: “É muito olho gordo, muita inveja, sei lá. É bem complicado trabalhar com brasileiros, uns trabalham mais, outros trabalham menos... uns querem trabalhar nas costas dos outros.” (RENATA, 2019).

Essa imagem negativa sobre os(as) outros(as) brasileiros e brasileiras, também perpassou a experiência da emigrante Julia, mesmo que inicialmente ela tenha sido influenciada pela trajetória de outros(as) criciumenses que já tinham partido, os quais a receberam na Itália. Para ela, é importante manter uma certa distância desses grupos, pois há sempre o sentimento de interesse que perpassa as relações entre migrantes do mesmo país:

Infelizmente, os brasileiros fora do país tu não dá para ter muito contato. Porque é um querendo passar por cima do outro. Essa é a minha opinião, claro que eu não sei a dos outros, tá? Assim, eu, particularmente, não ficava muito perto de brasileiros. O meu contato sempre foi mais com italianos e com imigrantes. Porque como eu corria atrás, eu fui estudar, fui fazer aulas, fui fazer cursos de “barman”, de barista, então, depois eu comecei a trabalhar em hotel. E trabalhando em hotel, eu tive contato com pessoas de outros países, que eu tenho amigos até hoje, eu tenho uma amiga russa até hoje... E eu tenho os italianos, muitos amigos italianos. Então assim, brasileiros... tem muitos, tem quem me ajudou e tal, mas é ir pra lá, a gente conversa tudo... mas enquanto eu estive lá, eu ficava o mais longe possível, porque infelizmente é um querendo passar por cima do outro, ou muita fofoca, então eu procurei me afastar mais (JULIA, 2019).

Essas vivências relatadas vão de encontro àquilo que Assis (2004) observou em suas pesquisas, de que não é possível separar a experiência das relações sociais em dois polos: positivos e negativos. Há, na realidade, a presença da ideia de conflito e solidariedade, elas coexistem na vida desses emigrantes brasileiros(as), não são antagônicos, como pode se

perceber nas entrevistas. Isso, está presente tanto nas trocas entre nacionais, quanto entre amigos(as) e parentes.

No caso da criciumense Julia, observa-se que ela se distanciou daqueles que a receberam inicialmente, pois sentia a tensão das disputas presente no dia a dia. Assim, não há como classificar se essa rede foi positiva ou negativa, pois em diferentes momentos da vida da migrante, reverberou de alguma forma, seja no início conquistando trabalho e moradia, ou posteriormente, com sua visão de que os(as) brasileiros(as) “são invejosos(as)”. Por meio dessas redes sociais criam-se “teias” que ligam um(a) imigrante ao outro(a). Teias as quais, são permeadas pelas noções de reciprocidades e obrigações, as quais nem sempre são vistas como algo justo por todos(as) os(as) migrantes. Ainda segundo Assis:

Embora ocorram esses conflitos em torno do dar e receber, a expectativa de reciprocidade faz com que as pessoas tenham a coragem de emigrar contando com essa ajuda potencial, que pode ser de um amigo, parente, do amigo do amigo, amigo do parente e, dessa forma o *help* acontece e faz circular as reciprocidades. Assim as relações se configurem em rede, pois um migrante acaba puxando/trazendo outro amigo ou parente. Portanto, as redes familiares e de amizade tornam-se laços que conectam os dois lugares - a cidade de origem e as localidades de destino - deixando de ser apenas redes pessoais e tornando-se redes de migração (2004, p. 135).

Michele também relata essa relação de dualidade vivenciada pelos(as) emigrantes que conviviam junto. Para ela, as disputas geralmente eram em detrimento de empregos, alguns ficavam com uma função melhor, outros(as), nem tanto. Além disso, era a partir das redes que se tinha conhecimento sobre as vagas disponíveis, então esses novos emigrantes iam lá e disputavam entre si. Entretanto, o sentimento de solidariedade também era algo corriqueiro, “se desse pra colocar mais gente dentro do apartamento, a gente dava um jeito e botava”, porém, essa convivência era perpassada por algumas brigas, confusões, discussões pela organização da casa, por aluguel, já que algumas pessoas acabavam atrasando o pagamento de sua parte, ou às vezes, nem pagavam.

De modo geral, é possível observar na trajetória dessas pessoas, que as redes sociais desenvolvem um importante papel naquilo que pode vir a ser reconhecido como “sucesso” migratório, ou seja: na conquista de empregos e moradia. O tempo de permanência desses migrantes, é afetado diretamente pelas relações estabelecidas no país de destino, e até mesmo antes de partir, pois grande parte dos brasileiros e criciumenses que se arriscam na trajetória, partem com alguma noção do que irão encontrar e conquistar, devido aqueles que já se estabeleceram anteriormente e irão recepcioná-los na Itália.

Embora, inicialmente se apresente como uma relação pacífica, de ofertas e ganhos, há também, uma série de disputas e desacordos nessas relações. Nem sempre o emprego que espera o emigrante é o melhor, ou o que ele imaginava. Nem sempre o local de moradia apresenta as condições mínimas de sobrevivência. Em muitos momentos, a convivência com amigos(as) e familiares vai se tornando um fardo ao passar do tempo, mostrando, que há uma série de complexidade em torno das redes sociais migratórias.

Partir rumo a outro local, é um importante projeto na vida de muitos(as) criciumenses e brasileiros(as), mas como pontuados por alguns pesquisadores(as), retornar para o país de origem, em muitos momentos, é o principal, ou mais importante objetivo da trajetória dessas pessoas (ASSIS; CAMPOS, 2009; CARDOSO, 2011; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013).

O desejo de retornar se fez presente em grande parte das narrativas dos sujeitos entrevistados(as) nessa pesquisa. Muitos relatam, inclusive, que o momento mais feliz da experiência migratória foi voltar para casa, porém não é possível dimensionar a ida ou a volta apenas como polos negativos e positivos, pois são várias as complexidades que envolvem essas duas ações, apesar de que retornar seja tão almejado pela grande maioria dos(as) emigrantes, nem sempre estar de volta ao Brasil apresenta as expectativas desejadas. Para Assis e Campos:

“Retornar é mais difícil do que partir” é uma frase recorrente entre os emigrantes. Com isso, pretendemos demonstrar que o retorno é complexo e que as categorias “ausente”, “retornado”, “temporário” e “emigrante” muitas vezes não dão conta de uma experiência que conecta dois lugares, fazendo com que, em muitos casos, os emigrantes passem a viver entre esses dois lugares, configurando uma identidade transnacional (2009, p. 82).

Na trajetória do casal Renata e Luis, é possível observar essa complexidade. Embora tivessem permanecido apenas por sete meses na Alemanha, destacaram que sentiam muita saudade do Brasil, principalmente pelas diferenças culturais entre os dois lugares, já que sentiam-se deslocados no país em que trabalhavam. Contudo, apesar de que o retorno, mesmo que temporário, tivesse sido tão almejado, sentiram estranhamentos desde o momento em que pisaram no aeroporto brasileiro. Segundo Pereira e Siqueira:

Uma das razões apontadas para a nova reemigração consiste precisamente no estranhamento vivenciado após o retorno ao estilo de vida do país de origem, que passa a ser contrastado com o do país de emigração. Evidenciam-se assim as dificuldades de readaptação como a origem de nova migração (2013, p. 135).

Para eles, o “baque” inicial foi em relação aos preços que encontraram, tudo era muito caro, as pessoas são mal educadas e diferentes, segundo eles, da Alemanha: “É, chegando no aeroporto a gente já viu que já era outra coisa, né? Lá? Nossa! É um sistema bem melhor... e eles são muito educados... Não é que nem aqui, que na faixa de pedestre a gente tem que ficar esperando” (RENATA, 2019).

Além disso, mesmo com as longas jornadas de trabalho que vivenciavam, os poucos momentos de sociabilidade, a dificuldade com a língua, o sentimento de estranhamento e, também, o problema de saúde de Luis, o objetivo do casal era voltar para a Alemanha o quanto antes. Para eles, quando retornaram ao Brasil, no início foi bom, mas logo sentiram o desejo de ir novamente para o país de destino. “Os retornados não reconhecem mais a cidade da qual partiram, estranham o lugar e as relações sociais. A experiência de viver no estrangeiro faz com que, contraditoriamente, sintam-se estrangeiros em casa” (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 97).

Ambos mencionaram que viver a experiência migratória ampliou seus olhares em diversas esferas, pois se tornaram outras pessoas e cresceram como seres humanos. Além disso, passaram a pensar de modo diferente, a valorizar mais seus ganhos e, também, a lidar com situações e culturas diferentes. Assim, o principal desafio deles, que é o idioma, é visto também como uma conquista, pois era algo que não tinham contato e conhecimento no Brasil.

Julia, também destacou em seu relato, as dificuldades que foram vivenciadas pelo processo de retorno. Inclusive, a criciumense pontuou que sofre até hoje, pois muitas vezes cogitou ficar morando na Itália, já que estabeleceu boas relações de emprego e sociabilidade. Em muitas passagens da entrevista, destacou o quanto se sentia italiana, mesmo não possuindo vínculos étnicos. Para ela, foi um grande choque retornar depois de tantos anos, principalmente em relação aos laços familiares, quando partiu sua filha ainda era um bebê, em seu retorno a menina já havia crescido.

Além disso, assim como o casal Renata e Luis, também sentiu muito desconforto em relação aos gastos vivenciados no Brasil. Na Itália, a emigrante levava uma vida muito mais confortável, já que, diferente de boa parte dos outros emigrantes dessa entrevista, não acumulou um grande capital. Sobre sua trajetória, Julia pontuou que:

Eu me emociono muito, foi um baque muito grande... e é até hoje. Eu voltei em 2011 (emoção)... eu senti e sinto até hoje o baque, porque assim, são vidas totalmente diferentes. Aqui é tudo restrito, sabe? Tu vais comprar uma roupa, tu vais comprar uma comida, tu levas muito tempo pra pagar. Ai, quero comprar uma roupa pra estação do verão, quero comprar roupas pra estação do inverno, as coisas são muito divididas, as vidas são muito divididas. Rico é rico, pobre é pobre e

miserável é miserável, não tem meio termo! Entende? Lá não “cara”, parece que tu vives igual, que todo mundo é igual! Lá eu ganhava mil euros, mas eu vivia bem com mil euros! Eu conseguia ir na pizzeria toda semana, eu conseguia beber um bom vinho, eu comia “queijo *brie*”, eu comia queijo gorgonzola, eu comia “*prosciutto crudo*” toda semana, eu comia peixe, eu comia camarão! E aqui? Aqui? Se eu fizer uma vez por mês... entende? É difícil, não é justo! Eu não acho justo, entende? (JULIA, 2019).

Porém, também deixou evidente em sua entrevista que, apesar de ter tanto apego a Itália, não retornou porque somente aqui teve oportunidade de estudar, de cursar sua primeira graduação. Segundo ela, na Itália era impossibilitada de ir a faculdade, pois não existia a possibilidade fazer algum curso a noite e, devido suas longas jornadas de trabalho, acabava postergando a ideia. Além disso, mencionou também, que uma das coisas que a mantém no Brasil é o amor e orgulho que sente por seu atual trabalho. Desse modo, pôde-se observar que a criciumense tem sua vida dimensionado pela sua atividade laboral.

Comentou também que, na Itália possuía uma vida mais “light”, de modo que podia comer e beber do melhor, aproveitar seus momentos de lazer com tranquilidade, o que não acontece aqui. Entretanto, a maioria das entrevistas realizadas nessa pesquisa, demonstraram que isso não é uma via de regra para todas as experiências.

A maioria dos trabalhadores(as) criciumenses na Itália abdicam de muitas coisas, inclusive do lazer e o do ócio, com o objetivo de somente trabalhar e acumular capital. Acabam tendo uma jornada tão mais difícil e complexa do que quando estavam em seu país de origem, levando em conta, especialmente, que não trabalhavam durante 14 horas por dia no Brasil. Esses excessos, muitas vezes se restringem ao país de destino:

O que é bom aqui, que me prende aqui até hoje... porque tem muita gente que diz: “ah, se tu amas tanto a Itália, se tu gostas tanto da Itália, por que tu não voltas pra lá?” Eu não volto pra lá, porque não me deu as condições de estudar. Eu não tinha condições de estudar, eu não tinha condições de fazer uma faculdade, que aqui, eu pago, mas eu estou fazendo! Eu pago, ninguém está me ajudando. Então, só que eu tenho condições de fazer porque lá faculdade a noite não existe, aqui eu posso fazer depois do trabalho, somente por isso. E hoje em dia o trabalho que eu faço, que eu tenho, eu sinto muito orgulho, eu gosto muito! É onde eu me sinto bem. Mas, eu não acho justo a vida que a gente leva aqui, que é uma vida difícil. Tu está sempre correndo contra o relógio, tu está sempre correndo atrás do dinheiro e lá tem a vida mais “light”, tu consegue viver. Então isso, eu sinto até hoje a diferença, infelizmente tem muito (JULIA, 2019).

Em suas análises, Sonia Pereira e Sueli Siqueira (2013) observaram que, embora o retorno seja o grande objetivo da maioria dos emigrantes, esse desejo de voltar é dimensionado, muitas vezes, com as condições de vida que foram experienciadas no local de destino. Esta questão, é perceptível na trajetória de Julia. A emigrante, em muitos momentos,

deixou evidente em seu relato o desejo de ter permanecido na Itália, porém relata que precisou retornar devido sua família que ficou no Brasil, especialmente, devido sua filha que ficou sob os cuidados da avó. Além disso, quando voltou ao Brasil, teve sua segunda filha, o que a fez decidir permanecer em Criciúma.

Na trajetória dela, há também o cruzamento com a vivência de seu companheiro Carlos<sup>71</sup>, o qual conheceu na Itália. Carlos vivenciou o retorno para o Brasil, mas não para seu estado de origem, já que nasceu em Minas Gerais. Após casar com a criciumense, decidiu migrar para a cidade natal de sua companheira, demonstrando assim, que as interações vivenciadas no contexto migratório, também são decisivas para o caminho feito no retorno:

Esses relatos corroboram para a confirmação que o retorno, dependendo do contexto e da interação do sujeito com as várias possibilidades que se lhes apresentam durante o período de emigração e o capital social de cada emigrante, se dá de modo diferenciado. No percurso de vida alguns emigrantes retornam para algum ponto, mesmo que seja fora de sua cidade de origem, outros reconstruem seu projeto e passam a viver em outro território, seja no país de destino ou outro país escolhido (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 121).

Em muitos momentos Julia também coloca que, apesar de não ter obtido ganhos materiais, como construir uma casa, adquirir imóveis, comprar carros e bens de consumo, no tempo que permaneceu na Itália conquistou ganhos culturais, porém, isso foi criticado por sua família, já que a brasileira permaneceu quase uma década no outro país. Para ela, a noção de sucesso permeou outras experiências, as quais foram além dos seus ganhos financeiros e materiais, mas para sua família, sua trajetória indicou um fracasso migratório. Quando retornou, morou por alguns anos com sua mãe e avó, tempos depois alugou uma moradia e, agora, adquiriu um imóvel próprio. Pereira e Siqueira, também observaram a importância e visibilidade que são atribuídas ao projeto migratório:

Ao longo dos anos, as regiões de saída dos brasileiros presenciaram também o retorno. Depois de anos de trabalho e da realização de investimentos na terra natal muitos voltam e a visibilidade destes é estampada nas casas grandes, coloridas, nos carros e mudança no padrão de vida. Os anos de privações, discriminação e trabalho duro no país de destino não são visíveis; aqueles que não obtiveram o sucesso econômico são esquecidos; porém a marca dos bem sucedidos é extremamente visível. Retornar sem demonstrar o “sucesso” do projeto migratório é extremamente penoso para o emigrante. A vergonha, o fracasso e os anos perdidos na busca do seu principal objetivo, melhorar seu padrão de vida e consumo, são evidenciados quando retornam sem a conquista tão esperada (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 126).

---

<sup>71</sup> Nome fictício.

Pereira e Siqueira (2013), também discutiram a noção de “um espaço congelado na memória”, que é experimentado por muitos(as) migrantes retornados(as). Ao vivenciarem o reencontro, se defrontam com o sentimento de não pertencerem mais aquele lugar. Michele relatou estranhamentos vivenciados com o retorno, embora tivesse permanecido por pouco tempo na Itália. Para ela, as lembranças do local de partida ficaram congeladas em sua memória, mas quando retornou tudo estava diferente, gerando assim, um desconforto com a realidade encontrada. Ainda segundo as autoras:

É neste sentido que voltar apresenta-se para alguns mais difícil do que a decisão de partir. O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem tornam-se angustiantes. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 120).

Além disso, a trajetória dessas pessoas está sempre associada aos ganhos obtidos no outro país. Todos(as) tem curiosidade de saber o quanto ganharam, no que pretendem investir, deixando de lado as experiências para além da questão econômica. Deste modo, “voltar como um imigrante que não deu certo”, gera um sentimento de frustração naqueles que estavam esperando e nos que retornaram:

Tu vais falar e as pessoas parecem estranhas, a gente começa a perder esse sentimento de pertencimento daqui e se sente ligado a lá... na Itália. Então, quando eu sai de lá, nossa! Eu senti muito! Eu gostava da região, gostava do país... e quando tu voltas e não voltas como o “imigrante que deu certo”, isso é um peso que recai. Porque as pessoas: “ah, estava na Itália e aí? Trouxe algum dinheiro? Vai comprar alguma coisa?” Não... não trouxe... trouxe dois filhos! Tá bom, né? Mas... fica essa imagem. Eles querem saber quanto que tu ganhavas, como que era lá, como que eram as casas, o que tu compravas, o que que tu tinhas na casa... esse tipo de coisa. Quanto que tu ganhavas, se tu ganhavas realmente bem... esse tipo de coisa as pessoas sempre perguntavam. Mas assim, um grande estranhamento, que quando a gente sai, parece que o mundo aqui ficou congelado. A gente estranha as coisas e as pessoas. Tu vais numa reunião de família, numa reunião de amigos, tu não tens mais o contato, tu não tens mais assunto pra falar daqui (MICHELE, 2018).

Outro importante aspecto destacado por essas pessoas, são as transformações que ocorreram no cenário urbano. Isabela recorda que quando voltou para o Brasil, uma de suas principais lembranças foram as construções feitas na cidade de Criciúma. Segundo a entrevistada, quando partiu rumo a Itália, o município não possuía tantos prédios e construções, mas em seu retorno, no ano de 2009, essa era uma das principais características.

Em sua família ela não percebeu tantas mudanças, mas no município, durante os dois anos em que esteve fora, conta que houveram muitas transformações. Para a migrante, isso

se deu, principalmente, pelo bom governo da época<sup>72</sup>. É importante levar em consideração aquilo que Cardoso (2011) observou em suas pesquisas, que devido ao grande fluxo migratório vivenciado na época, especialmente para os Estados Unidos, o município de Criciúma vivenciou um período de verticalização da cidade. Ainda segundo a autora:

O intenso fluxo de migrantes que partem da cidade alterou significativamente a paisagem urbana, assim como as relações cidadinas. Estas modificações ocorrem tanto no período da migração quanto no retorno, pois ao retornar o migrante sente estranhamentos com aquilo que era comum, ao mesmo tempo em que desempenha ações que transformam o contexto urbano. Nesse sentido, entender as implicações pessoais, mas também coletivas do fenômeno migratório na cidade de origem é de fundamental importância na compreensão dos fluxos migratórios internacionais (CARDOSO, 2011, p. 19).

Isabela, também apresentou uma experiência um pouco diferenciadas dos outros relatos, para a entrevistada, partir foi muito mais difícil do que retornar. Segundo ela, deixar suas filhas e sua mãe, foi uma decisão muito difícil e que, só fez isso, devido ao pedido de seu marido, que se sentia sozinho na Itália e estava prestes a retornar caso ela não fosse. Na trajetória do casal, é possível observar a reelaboração do projeto migratório, pois, o foco principal de João era o retorno para o Brasil. Porém, após a ida de Isabela, esse retorno foi adiado e reestruturado, tendo a migração durado mais dois anos:

A perspectiva é, a curto ou longo prazo, um dia retornar para seu ponto de partida. Em vários fluxos migratórios, de curta ou longa distância, de trabalhadores desqualificados ou altamente qualificados, homens ou mulheres, o desejo do retorno concreto está presente, seja ele um retorno para visitar ou um retorno permanente. No entanto, durante a migração novas experiências são vividas e o projeto inicial muitas vezes é reelaborado, o retorno adiado ou abandonado (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 119).

A entrevistada também contou que com o tempo foi se habituando a sua nova realidade e mencionou, inclusive, que a experiência foi muito mais fácil do que o que ela havia imaginado. Importante destacar, mais uma vez que a brasileira experenciou novas realidades na Itália, como por exemplo, trabalhar “fora” e, também, criou laços de amizades que perduram até hoje. Possivelmente, essas vivências foram decisivas para o olhar que criou sobre a migração, vendo-a como um processo positivo:

Para mim foi bem difícil, assim, como eu te falei que fui chorando daqui até Tubarão. E a mãe né, deixar a mãe, a minha preocupação com ela, ela é bem apegada... e foi bem difícil. Mas, em pouco tempo lá, eu vi que não... que eu estava

---

<sup>72</sup> Governo de Luís Inácio Lula da Silva (PT).

fazendo um bicho de sete cabeças. Minhas filhas me apoiavam daqui, falando comigo todo dia, a gente ligava, era por celular, era por telefone, por computador. É como te falei, o tempo do Orkut ainda. A gente conversava muito e se via todo dia. Depois trabalhei, fiz amizades e aquilo ali me ajudou muito nesses dois anos que eu fiquei lá (ISABELA, 2019).

Entretanto, assim como relatado por seu marido João, retornar foi o melhor momento de sua trajetória migrante:

Eu vim com o meu sobrinho, eu lembro assim como se fosse hoje (emoção), quando o comandante avisou que estava com tempo bom para pousar em Florianópolis... daqui dez minutos está pousando em Florianópolis, a gente chorou muito! Ele olhou pra mim eu olhei para ele, nós estávamos chorando copiosamente. Foi a melhor parte, sabe? A ida teve uma parte muito linda, só eu que vi, uma imagem indo pra Itália que eu não tiro da cabeça... foi a lua e o sol juntos. Eu estava chegando e deu pra ver direitinho na janelinha: estrela, a lua, a noite e dividido o sol em baixo... e a volta pro Brasil, foi ele dizer que a gente estava chegando em “Floripa” (emoção novamente). Foi muito bom ouvir, eu sabia que havia minha família lá me esperando, que ia ver minhas filhas... foi muito bom (ISABELA, 2019).

De modo geral, pode-se observar que há diversos elementos que perpassam a vivência dessas pessoas, mostrando, deste modo, que não há possibilidade de se generalizar os fluxos migratórios, mesmo tratando-se dos fluxos de criciumenses direcionados(as) para a Itália. Embora alguns fatores atravessem grande parte dessas jornadas, tanto no país de destino, como no de partida, como por exemplo: a conquista da dupla cidadania; o desejo de adquirir bens materiais e de consumo; e a busca por trabalho e moradia, atrelados as influências das redes sociais constituídas, cada família e, mais especificamente, cada pessoa, possuem uma trajetória própria.

Alguns obtêm sucesso em sua jornada, lembrando que aqui, o sucesso não está delimitado pelos ganhos econômicos, mas por aquilo que os(as) próprios(as) entrevistados(as) identificaram como uma trajetória de sucesso. Para Julia, as trocas culturais foram determinantes em sua migração, mesmo não tendo adquirido imóveis, ou feito uma poupança durante sua permanência. Já para Michele, as perdas no campo psicológico e físico a acompanham até hoje, devido os abusos que vivenciou por parte de seu companheiro. Assim, embora a questão econômica seja um ponto determinante para a compreensão dos fluxos migratórios, há outras objeções que estruturam essas experiências, e, neste trabalho, optamos por dimensionar essas possibilidades, a partir das vozes de alguns/algumas daquelas que vivenciaram o ir e vir de e para Criciúma nos últimos anos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos migratórios, sejam eles internos ou internacionais, neste último caso, o qual essa dissertação se propôs analisar, apresentam uma série de possibilidades para aqueles(as) que as vivenciam e, também, para aqueles(as) que estudam e analisam o fenômeno. As experiências vivenciadas por esses(as) ítalo-brasileiros(as), embora dimensionadas por muitos fatores comuns que perpassam as trajetórias migratórias dessas pessoas, também possuem uma série de particularidades de acordo com as expectativas de cada grupo, família ou pessoa.

Por isso, é importante frisar que este trabalho se constitui, acima de tudo, como um apanhado de escolhas e abandonos por parte da pesquisadora. Decisões as quais, foram feitas desde a primeira página escrita, até a última. Porém, destaque, especialmente, as escolhas em relação as vozes que são ouvidas ao longo dessa pesquisa.

As oito pessoas entrevistadas trouxeram uma série de informações que foram essenciais para a construção de cada capítulo, sendo que suas experiências nos dão pistas sobre as migrações contemporâneas vivenciadas na região sul de Santa Catarina, em especial, Criciúma. Entretanto, não podemos mensurar todo o fenômeno a partir desses relatos, mesmo que tivéssemos entrevistados 800 migrantes ao invés de oito, pois cada trajetória possui particularidades, as quais se correlacionam com outras jornadas, mas que jamais são e serão as mesmas.

Nosso principal problema nesta pesquisa foi refletir acerca dos “ganhos” obtidos a partir da conquista da dupla cidadania, acionada pela etnicidade (*jus sanguinis*) e das transformações vividas pelos migrantes após ou durante experienciarem as migrações internacionais, especialmente para a Itália. Apesar do status auferido a identidade ítalo-brasileira na região sul catarinense, pode-se concluir que as marcas das migrações perpassam vários campos e esferas das vidas dos(as) criciumenses.

A trajetória dessas pessoas é perpassada, especialmente, no país de destino, por trabalho precarizado, jornadas exaustivas, subempregos, divisão sexual do trabalho, preconceito, xenofobia, ausência do tempo de lazer e do ócio. Experiências que na grande maioria das vezes são dimensionadas somente pelas atividades laborais e pelo lucro obtido a partir de muito sofrimento. Assim, pode-se atestar que, apesar dos “ganhos” econômicos inseridos dentro de uma lógica do capital, há muitas perdas, especialmente nos campos psicológico, físico e nas relações que são “quebradas” ou transformadas pela longa distância (temporal e espacial).

Observou-se na trajetória da grande maioria dos(as) entrevistados(as), uma obstinada busca de se compensar tudo e todos(as) que foram deixados(as) e, essa compensação, na grande maioria das vezes, foi feita por meio do trabalho exaustivo, pelo envio de remessas ou pela aquisição em grande escala de bens de consumo no Brasil.

Além disso, outro ponto de destaque é que, a noção de sucesso e fracasso, ganha diferentes sentidos e definições, tanto para os migrantes, quanto para os familiares e amigos(as) dessas pessoas. Embora, na grande maioria das vezes o “sucesso” seja medido pelas conquistas financeiras, pelo tamanho da casa adquirida no Brasil, ou pelo modelo de carro comprado, para algumas pessoas, contrariando grande parte dos discursos, o “sucesso” é visto pelas experiências vivenciadas em outro país, pelas trocas culturais realizadas, pelas boas lembranças que permaneceram, como no caso de Julia.

Em vista disso, respondendo nosso questionamento inicial e caminhando em direção ao objetivo principal, que foi analisar as trajetórias e experiências de trabalhadores e trabalhadoras criciumenses na Itália, inferimos que sim: as migrações internacionais acionadas a partir da etnicidade trazem ganhos significativos para os trabalhadores(as), entre tanto, podem trazer uma série de perdas, as quais em muitos momentos se sobressaem as conquistas, especialmente ao se tratar dos mundos do trabalho e das experiências laborais dessas pessoas.

Um importante aspecto que pode transformar essas impressões são: direitos dignos para os trabalhadores e trabalhadoras migrantes, jornadas menores e salários melhores, fim da divisão sexual do trabalho, além das relações de sociabilidade estabelecidas fora da esfera laboral, buscando assim, uma vida dotada de sentido dentro e fora do trabalho.

No primeiro capítulo desta pesquisa, pensamos, principalmente, como as migrações pretéritas (migrações coloniais) dimensionaram as migrações contemporâneas, entendendo-as, não como relações contínuas, mas como fenômenos que coexistem, principalmente em relação ao passado fundante erguido na cidade de Criciúma (e região), por meio dos discursos sobre os colonizadores italianos e italianas.

Em nosso segundo capítulo, tivemos como principal objetivo abordar os caminhos percorridos pelos ítalo-brasileiros(as) para a conquista da dupla cidadania, pensando essa relação, a partir da década de 1990, momento de crise devido a ascensão das políticas neoliberais na América Latina. Foi nosso intuito também, observar a ação desenvolvida pelas assessorias de cidadania, as quais tem importante papel de destaque na conquista do documento.

No terceiro capítulo, priorizamos as análises a respeito das atividades laborais desempenhas pelos(as) migrantes na Itália, e também, na Alemanha (levando em consideração a experiência do casal Renata e Luis). Investigamos as principais funções laborais desempenhadas por essas pessoas, o impacto da divisão sexual do trabalho e analisamos as tensões vivenciadas pelos trabalhadores(as) documentados(as) e indocumentados(as). No quarto e último capítulo, observamos de que modo as remessas foram investidas pelos(as) entrevistados(as) na cidade de Criciúma e, também, destacamos como as redes sociais se constituem como importantes processos para a consolidação das migrações transnacionais.

Toda pesquisa, desde a criação do projeto até a finalização da escrita, seguida pela defesa, deve ter o intuito de pensar as contribuições geradas a partir do estudo realizado, em particular, as contribuições para a comunidade. Assim, acredito que a principal função social deste trabalho, não foi “dar voz” aos(as) migrantes, pois isto, sempre possuíram. Mas, fazer a escuta dessas trajetórias, aproximá-las do meio científico e, especialmente, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Muitas pesquisas, já abordaram as trajetórias migratórias vivenciadas na região, obviamente, com concepções teóricas diferenciadas. Entretanto, ainda são poucos trabalhos desenvolvidos na UNESC que enfatizem e abordem essa realidade tão presente no município de Criciúma, especialmente no programa ao qual faço parte: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS). Desta maneira, acredito que, além de fazer a escuta de algumas dessas vivências, através dos relatos que nos foram cedidos, de trazer dados sobre as migrações e disseminá-los para a comunidade local, também nos propusemos a ampliar as discussões atreladas aos fluxos migratórios em uma perspectiva socioeconômica. Todavia, essa pesquisa não pretendeu fazer-se pioneira nesse cenário, mas tensionar a presença (ou ausência) desse debate.

Muitas foram as limitações desse estudo, uma vez que, nenhuma pesquisa é de fato findada, sempre há espaço para “brechas” ou lacunas que não foram discutidas ou analisadas com tanta precisão. Mas, nesse contexto, lidamos como uma série de fatores que incidiram diretamente nas escolhas e abandonos feitas na pesquisa: o tempo, a coleta de dados, o acesso (ou a falta de acesso) a informações, a disponibilidade das fontes orais (entrevistas), enfim, não podemos abordar tudo em uma dissertação e nem devemos buscar fazer isso.

Contudo, destaco alguns dos limites de minha investigação, os quais podem se tornar questões para avançar e possibilidades de novos estudos, tanto para mim, quanto para outros pesquisadores e pesquisadoras: não conseguimos identificar se há presença de organizações

sindicais para migrantes na Itália, talvez, com uma pesquisa de campo, possa-se confirmar a existência ou ausência. Há necessidade de uma análise mais expressiva da legislação trabalhista italiana, levando em conta que nos últimos anos ela sofreu mudanças significativas. Este trabalho, não teve intuito de focar nesse aspecto jurídico, mas, é um importante tópico a ser pensando futuramente. Sentimos também, a falta de dados mais precisos em relação as remessas enviadas pelos migrantes, em um próximo trabalho, possivelmente, se faça necessário um maior diálogo com a ciência econômica, já que esse ponto foi uma das maiores dificuldades da autora.

Além dos objetivos alcançados e do questionamento principal ter sido respondido, surgiram ao longo da pesquisa, outras respostas e indagações. Uma dessas questões foi em relação a dupla cidadania, pois, pôde se observar que, a conquista do documento demarca uma relação de colonialidade e poder. Outra resposta que obtivemos é que as tensões políticas tem um importante impacto no fenômeno migratório, especialmente na partida de brasileiros e brasileiras para outros países, isso estava presente tanto nas notícias da década de 1990 que foram analisadas, quanto nos relatos cedidos em 2019 por alguns entrevistados(as) dessa pesquisa.

O debate de gênero é um importante ponto de partida para se pensar as migrações, pois, como observado pelos dados e pela literatura, vivencia-se atualmente, um processo de feminização das migrações internacionais. Além disso, a feminização também se faz presente no cenário do trabalho, ou seja, falar sobre migrações e trabalho é falar sobre mulheres, entretanto, é preciso das destaque para a falta de equidade nessas relações, já que geralmente são elas que experienciam com maior força o trabalho precário, subempregos e as violências (sexuais, psicológicas, verbais e físicas).

Por fim, pode-se inferir que, em décadas anteriores, o principal objetivo de muitos(as) migrantes criciumenses, era o investimento no setor imobiliário e em empreendedorismo. Agora, observa-se, principalmente, a busca pelos bens de consumo, a conquista e acumulação do “pé de meia” (poupança), para adquirir futuramente um imóvel. Há também aqueles(as) que partem sem intuito de retorno, ou seja, almejando permanecer na Itália sem data para voltar. À vista disso, neste último caso, o trabalho não é o principal “fim” dessas pessoas, mas o “meio” que irão obter para permanecer morando no país.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015. 285 p.
- ANTUNES, Ricardo. DRUCK, Graça. A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. **Revista O social em Questão**, ano XVIII, n. 34, 2015.
- ARNS, Otília. **A semente deu bons frutos: Criciúma 1880- 1980.** Florianópolis: Imprensa Oficial, 1985.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros.** 2004. 340 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Os pequenos pontos de partida: as mobilidades contemporâneas rumo à Europa nesse início de século XXI. **XXVII Simpósio Nacional de História.** Natal, RN, p. 01-12, 2013.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson Cesar de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. **Tempo e Argumento.** Florianópolis. V. 1, n 2, p 80-99. jul./dez. 2009.
- BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina.** Brasília, 1991.
- BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto à vontade.** História da Imigração Italiana no Brasil: os vênets em Santa Catarina. Florianópolis, Ed. Insular e Ed. da UFSC, 1999.
- BENEDUZI, Luis Fernando. **Mal di Paese: as reelaborações de um Vênets imaginário na ex colônia de Conde D’eu (1884-1925).** Porto Alegre: PPGHistória/UFRGS, 2004 (Tese de Doutorado).
- BENEDUZI, Luís Fernando. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileiras na Itália. In: **Revista da Associação Brasileira de História Oral** (12), n.1/2. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, 2009. pp.223-248.
- BENEDUZI, Luís Fernando. Quando a imigração se transforma em colonização: leituras sobre a presença italiana no sul do Brasil. **Revista Latino-americana de História,** São Leopoldo, v. 6, n. 17, p.35-58, 2017.
- CABRAL, Nathália Pereira. **Processos migratórios e as disputas na 'colônia modelo': a Companhia colonizadora Metropolitana e a constituição do núcleo Nova Veneza.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.
- CABRAL, Nathália Pereira; CARDOSO, Michele Gonçalves. A história e a prática arquivística: reflexões sobre o trabalho com os documentos do acervo “Empresa Bortoluzzi” do CEDOC/UNESC. **Outras Fronteiras,** Mato Grosso, p.103-110, 2017.

Disponível em:

<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/291/pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **A inserção dos retornados a cidade de Criciúma/SC (1995-2009)**. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História UDESC, Florianópolis, 2011.

CARDOSO, Michele Gonçalves. ALLAH NA CIDADE DAS ETNIAS: A INSERÇÃO DO GRUPO ÉTNICO ÁRABE NA IDENTIDADE URBANA DE CRICIÚMA/SC. **Opsis**, Goiânia, v. 8, n. 10, p.161-177, 2008.

CARITAS ITALIANA (Italy). **XXVIII RAPPORTO IMMIGRAZIONE 2018-2019**. Roma, 2019.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

COSTA, Jamile dos Santos Pereira. **Dupla cidadania: ítalo-brasilianidade como valorização e afirmação étnica no sul do Brasil**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15081/DIS\\_PPGCS\\_2017\\_COSTA\\_JAMIL\\_E.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15081/DIS_PPGCS_2017_COSTA_JAMIL_E.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 03 out. 2019.

DEBERT, Guita Grin. Migrações e o Cuidado do idoso. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 01, n. 46, p.139-149, 2016. Disponível em: <<http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/323711/1/2-s2.0-84957965066por.pdf>>.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELIAS, Norbert & SCORSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral, Comemorações e Ética. In **Projeto História: Ética e História Oral**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP. São Paulo, SP: EDUC, n.15, abril, 1997.p.157-164.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3º ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2014.

GASPARD, Françoise. Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: figuras de mulheres migrantes e das suas filhas na Europa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 50, p.83-101, 1998.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S. & SUGITA, K. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. **Sociologia e Antropologia**, 1(1): 151-180, 2011.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social do trabalho: Brasil, França, Japão. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 13-20, 2011  
<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf>

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho, **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun., 2009, p. 24-41.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KAY, Cristóbal. As contribuições latino-americanas para a teoria crítica de desenvolvimento. **Cad. CRH**, vol. 31, nº 84. Salvador, set/dez. 2018

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 41-57, 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem: A presença da estrada de ferro em Criciúma (1919 - 1975) cidade, modernidade e vida urbana**. 2000. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. 2006. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NEGRÃO, João José. **Para conhecer o neoliberalismo**. Publisher Brasil, 1998.

PAGNOTTA, Chiara; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Os italianos no espaço público de Santa Catarina (Brasil). Entre epopeia e festas étnicas. **Confluenze: Revista Di Studi Ibero Americani**, Bologna, v. 9, n. 1, p.78-106, 2013. Anual.

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. MIGRAÇÃO, RETORNO E CIRCULARIDADE: EVIDÊNCIA DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS. **Remhu: Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum**, Brasília, v. 41, p.117-138, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30 mar. 2019.

PISCITELLI, Adriana G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.2, pp. 263-274, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, 10, 1992.

PEROCCO, Fabio. PRECARIZACIÓN DEL TRABAJO Y NUEVAS DESIGUALDADES: EL PAPEL DE LA INMIGRACIÓN. **REMHU**, Brasília, v. 25, n. 49, p.79-94, 2017.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.

ROSALEN, Eloisa. Mulheres Brasileiras na Itália: Algumas Trajetórias. In: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais de evento**. Florianópolis: Ufsc, 2013. v. 1, p. 1 - 11. Disponível em:  
<[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373325256\\_ARQ\\_UIVO\\_textofazendogenero10.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373325256_ARQ_UIVO_textofazendogenero10.pdf)>.

SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. 1998. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.

SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925)**: Resistência e Extermínio. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 53, p.117-149, 2002.

TRICHES, Janete; ZANELATTO, João Henrique. **História Política de Criciúma no Seculo XX**. Criciúma: Unesc, 2015. 388 p.

VENDRAME, Maíra Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914).2007. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VENDRAME, Maíra Ines. “Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor”: redes sociais, família e estratégias migratórias. **MÉTIS: História e Cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p.69-82, 2010.

VENDRAME, Maíra Ines; ZANINIB, Maria Catarina Chitolina. **Imigrantes italianos no Brasil meridional**: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.128-149, 2014. Semestral.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu** [online]. n.17-18, p.81-103, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03>

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: Uma Introdução ao Debate**. Revista Catarinense de História, nº 2, p. 5 – 15. Florianópolis: Editora Terceiro Milênio, 1994.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Entre memórias e identidades (étnicas). **História Unisinos**, São Leopoldo, p.40-48, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana**. Santa Maria, 521 – 547, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; ASSIS, Gláucia de Oliveira; BENEDUZI, Luis Fernando. Ítalo-brasileiros na Itália no século XXI: “retorno” à terra dos antepassados, impasses e expectativas. **REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**. Brasília, p. 139-162, 2013.

## ENTREVISTAS REALIZADAS

ISABELA. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 08 de novembro de 2019. Entrevista.

JOÃO. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 08 de novembro de 2019. Entrevista.

JULIA. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 19 de março de 2019. Entrevista.

LUIS. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 25 de outubro de 2019. Entrevista.

MARCIA. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 05 de novembro de 2019. Entrevista.

MARIA. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. Criciúma, 20 de março de 2019. Entrevista.

MICHELE. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 21 de setembro de 2018. Entrevista.

RENATA. Entrevista concedida à Nathália Pereira Cabral. 25 de outubro de 2019. Entrevista.

## FONTES CONSULTADAS

COMMERCIO. Crise econômica leva brasileiro a emigrar. **Comercio**. Rio de Janeiro, p. 27. 16 abr. 1990. – Disponível:

CORREIO RIOGRANDENSE. Cittadinanza Italiana. **Correio Riograndense**. Caxias do Sul, p. 01. 09 fev. 2000. Disponível: Hemeroteca Nacional, Ano 2000\Edição 04665 (2)

JORNAL DO BRASIL. Brasileiro corre para ter dupla cidadania. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 16. 03 maio 1992. – Disponível: Hemeroteca Nacional, Jornal do Brasil (RJ). Ano 1992\Edição 00025 (1)

JORNAL DO BRASIL. Fernando Collor: O caçador de Marajás. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 09. 23 fev. 1989. Disponível: Hemoteca Nacional, Ano 1989\Edição 00317 (1)

JORNAL DO BRASIL. Muito barulho e pouca ação. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 mar. 1991. Disponível: Hemeroteca Nacional, Ano 1991\Edição 00332 (3)

JORNAL DO COMMERCIO. Sociedade Central de Imigração. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 03, 23 de agosto de 1884. Disponível: Hemeroteca nacional, Ano 1884\Edição 00235 (1).

O FUTURO. Cresciuma. **O Futuro: Orgam Republicano**. Laguna, p. 01. 27 set. 1891. – Disponível na Hemeroteca Estadual.

O FUTURO. Imigração. **O Futuro: Orgam Republicano**. Laguna, p. 01. 04 out. 1891. – Disponível na Hemeroteca Estadual.

O FUTURO. Imigração. **O Futuro: Orgam Republicano**. Laguna, p. 01. 11 out. 1891. – Disponível na Hemeroteca Estadual.

O FUTURO. Tubarão. **O Futuro: Orgam Republicano**. Laguna, p. 02. 25 out. 1891. – Disponível na Hemeroteca Estadual.

## SITES CONSULTADOS

AGASSO JUNIOR, Domenico. **Papa Francesco**: “Il sovranoismo mi spaventa, porta alle guerre”. 2019. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/vatican-insider/it/2019/08/09/news/papa-francesco-il-sovranoismo-mi-spaventa-porta-alle-guerre-1.37325868>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

AGIMEG. **Giochi, Lombardia**: 1,28 milioni di euro alle scuole per il contrasto alla ludopatia. 2018. Disponível em: <<https://www.agimeg.it/pp2/giochi-lombardia-128-milioni-di-euro-alle-scuole-per-il-contrasto-alla-ludopatia>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

AMORIM, Cyntia. **Relatório aponta estrangeiros de cinco países africanos em Criciúma**. 2014. Disponível em: <<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/relatorio-aponta-estrangeiros-de-cinco-paises-africanos-em-criciuma>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

AMREC. **Histórico**. 2015. Disponível em: <<https://www.amrec.com.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/59316>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CISAMREC (Santa Catarina). **População da Região de Saúde Carbonífera**. 2019. Disponível em: <https://cisamrec.sc.gov.br/indicadores-saude/populacao-da-regiao-de-saude-carbonifera/>. Acesso em: 01 mar. 2020

CRISTINA, Carla. **Mapa de regiões na Itália**. s/d. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/454582156117291125/?autologin=true>. Acesso em: 20 abr. 2019.

AMREC. **Municípios associados**. s.d. Disponível em: <https://www.amrec.com.br/index/municipios-associados/codMapaItem/42512>. Acesso em: 05 jan. 2019.

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA (Curitiba). **FAQ**. Disponível em: [https://conscuritiba.esteri.it/consolato\\_curitiba/pt/la\\_comunicazione/domande\\_frequenti](https://conscuritiba.esteri.it/consolato_curitiba/pt/la_comunicazione/domande_frequenti). Acesso em: 10 jan. 2019.

ENGEPLUS, Redação. **De área de rejeitos de carvão a transformação para o Parque dos Imigrantes**. 2019. Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2019/de-area-de-rejeitos-de-carvao-a-transformacao-para-o-parque-dos-imigrantes#3>. Acesso em: 01 fev. 2019.

FESTA, Raffaele. **SALUTO DEL CONSOLE GENERALE ALLA FESTA NAZIONALE, CURITIBA 15/06/2018**. Disponível em: [https://conscuritiba.esteri.it/consolato\\_curitiba/pt/il\\_consolato/il\\_console/messaggio](https://conscuritiba.esteri.it/consolato_curitiba/pt/il_consolato/il_console/messaggio). Acesso em: 10 jan. 2019.

GOUSSINSKY, Eugenio. **Quase 15% dos brasileiros podem pedir cidadania italiana**. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/quase-15-dos-brasileiros-podem-pedir-cidadania-italiana-31082018>. Acesso em: 05 jan. 2019.

ITALIANISMO. **Cônsul visita Florianópolis e pede apoio para implantação de consulado em Santa Catarina**. 2019. Disponível em: <http://italianismo.com.br/2019/01/28/consul-visita-florianopolis-e-pede-apoio-para-implantacao-de-consulado-em-santa-catarina/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

MARQUES, Gina. **Estudo mostra que italianos têm ideias equivocadas sobre imigrantes**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/estudo-mostra-que-italianos-tem-ideias-equivocada-sobre-imigrantes.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MARQUES, Gina. **Tem mais emprego para imigrantes na Itália do que para os próprios italianos**. 2016. Disponível em: <http://italianismo.com.br/2016/10/17/tem-mais-emprego-para-imigrantes-na-italia-do-que-para-os-proprios-italianos/>. Acesso em: 15 out. 2018.

MARQUES, Gina. **Tem mais emprego para imigrantes na Itália do que para os próprios italianos**. 2016. Disponível em: <http://italianismo.com.br/2016/10/17/tem-mais-emprego-para-imigrantes-na-italia-do-que-para-os-proprios-italianos/>. Acesso em: 15 out. 2018.

MARTINS, Nícola. **Parque das Nações é inaugurado em Criciúma**. 2011. Disponível em: <<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2011/parque-das-nacoes-e-inaugurado-em-criciuma>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

MIA CARA (Curitiba). Consulado Geral da Itália de Curitiba. **Mia Cara**. 2018. Disponível em: <<http://miacara.com.br/>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

MIA CARA. **18 – 30 MAIO: ENTRADA GRATUITA NA PROGRAMAÇÃO CULTURAL**. 2018. Disponível em: <<http://miacara.com.br/#programacao>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MIA CARA. **Recital Lírico com artistas italianos Davide Dellisanti, Marianna Cappellani e Stefano Sorrentino**. 2018. Disponível em: <<http://miacara.com.br/#programacao>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

NOTÍCIAS SATC (Criciúma). Satc. **Intercambistas italianos chegam à Satc**. 2017. Disponível em: <<http://www.noticias.satc.edu.br/intercambistas-italianos-chegam-a-satc>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

**PARQUE DAS NAÇÕES CINCINATO NASPOLINI**. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/parquencn.oficial/photos/a.1701786063236273/1900714590010085/?type=3&theater>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

PERON, Desiderio. **COMITES oficializa pedido de sede para consulado italiano em Florianópolis**: Governador concorda, mas autorização dependerá da ALESC. 2018. Disponível em: <<https://www.insieme.com.br/pb/comites-oficializa-pedido-de-sede-para-consulado-italiano-em-florianopolis-governador-concorda-mas-autorizacao-dependera-da-alesc/>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

PERON, Desiderio. **COMITES oficializa pedido de sede para consulado italiano em Florianópolis**: Governador concorda, mas autorização dependerá da ALESC. 2018. Disponível em: <<https://www.insieme.com.br/pb/comites-oficializa-pedido-de-sede-para-consulado-italiano-em-florianopolis-governador-concorda-mas-autorizacao-dependera-da-alesc/>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

PERON, Desiderio. **Governo de SC ensaia negar sede consular, há descontentamento e tema sobe até Bolsonaro**: Lorenzato é designado para resolver problema. 2019. Disponível em: <<https://www.insieme.com.br/pb/governo-de-sc-ensaia-negar-sede-consular-ha-descontentamento-e-tema-sobe-ate-bolsonaro-lorenzato-e-designado-para-resolver-o-problema/>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

PIAZZETTA, Luiz Carlos B. **O Vêneto**. 2006. Disponível em: <<http://veneti.blogspot.com/2006/07/o-vneto.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PISCITELLI, Adriana G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.2, pp. 263-274, 2008.

SATC. **Parque do imigrante deve ser inaugurado no dia da colonização italiana no Rio Maina**. 2018. Disponível em: <<http://www.jornalismo.satc.edu.br/parque-do-imigrante>>

deve-ser-inaugurado-no-dia-da-colonizacao-italiana-no-rio-maina>. Acesso em: 01 fev. 2019.

SC, G1. **Criciúma abriga 3 mil imigrantes e teme não poder receber mais pessoas.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/05/criciuma-abriga-3-mil-imigrantes-e-teme-nao-poder-receber-mais-pessoas.html>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Sociedade Central de Imigração (1884)

**Sociedade Central de Imigração**

A S. EX. O SR. MINISTRO DA AGRICULTURA

Pedimos hoje venia para nós occupar de assumpto bastante importante e a que já por vezes nos temos referido.

Os continuos assaltos dos selvícolas do sul da provincia de Santa Catharina, principalmente dirigidos contra a florescente e promettedora colonia de Urussanga, a seis horas de distancia da villa de Tubarão, levirão o sobresalto e o receio áquella auspiciosa zona, empecendo o seu natural desenvolvimento.

Ultimamente se tomárão algumas providencias, e um official, aliás dedicado ao serviço publico, e que tem dado boa cópia de si, pôde, á frente de alguns moradores de cima da serra de Lages, chegar até ás proximidades de um centro ou aldeamento indigena, no morro da Mãe Luzia, entre Araranguá e Tubarão.

Sem julgarmos de conveniencia o ataque á força viva desses bugres, pois muito diverso tem sido, felizmente por parte das nossas autoridades, o systema empregado, acreditamos, comtudo, de alta conveniencia resguardar os grandes interesses que já se achão accumulados no municipio do Tubarão e elementos que alli se congregárão principalmente por effeito de iniciativa particular.

Basta lembrar que nessa zona se achão os nucleos coloniaes de Azambuja, Urussanga, Armazem e Cresciuna, todos no magnifico valle que demora entre o Tubarão e Araranguá.

Basta lembrar que nessa zona se achão os nucleos coloniaes de Azambuja, Urussanga, Armazem e **Cresciuna**, todos no magnifico valle que demora entre o Tubarão e Araranguá.

Essas colonias, formadas de Italianos, têm dado esplendidas provas de si, e maior teria sido o seu incremento, se houvesse melhor direcção na medição de lotes e sua distribuição.

Só por si a colonia do Urussanga tem mais de 2.000 almas, homens todos entregues de corpo e alma ao trabalho, tendo já formado associações com capitaes importantes para as forças de que dispoem. Além de diversos engenhos, possuem 16 atafonas e presentemente estão montando uma ferraria tocada á agua, apresentando-se de todos os lados os symptomas do progresso firmado na moralidade de costumes e na constancia de esforços.

Convém tambem olhar para o Braço do Norte, onde os Allemães têm se estabelecido com grande vantagem para si e para os Brasileiros, povoando terras fertilissimas, ha dez annos só occupadas por bugres em matas virgens, e hoje constituídos em nucleos de grande producção agricola, como sejam cereaes e lacticinios.

Ahi se manifesta ainda a urgencia de medidas administrativas, visto como nunca se despendeu um real com estradas e medições de terras, sempre o grande obstaculo aos verdadeiros progressos desses centros de população.

grande obstaculo aos verdadeiros progressos desses centros de população.

Mais de 4.000 pessoas estão alli sem um sacerdote, obrigados a assistirem aos exercicios religiosos feitos pelo professor de uma escola particular.

Ainda mais: não ha um unico estabelecimento de instrucção primaria, de modo que em largas regiões não se encontra um só filho do paiz que saiba fallar portuguez!

Se considerarmos que esses nucleos do Braço do Norte se ligão á colonia do Grão-Pará e podem expandir-se nas importantes terras do patrimonio da Princeza Imperial, desde que haja alguns meios de communicação, vemos o lisongeiro futuro a que pôde aspirar toda aquella zona.

Temos testemunhos incontestes de tudo quanto avançamos, o que sem duvida será confirmado *de visu* pelo actual presidente, se, moço como é, desejoso de glorias e querendo iniciar uma boa administração, voltar as suas vistas para tão importante assumpto e região tão digna da attenção dos administradores da provincia, que no geral cuidão só da politica pequena e tacanha se entregão a ridiculos corrilhos, deixando totalmente de lado os legitimos interesses do paiz, que correm á revelia.

ANEXO B – “Crise econômica leva brasileiro a emigrar” (1990)

QUARTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1990 — PÁGINA 27

# Crise econômica leva brasileiro a emigrar

O Plano Econômico do Governo não está provocando alterações significativas na saída de brasileiros para o exterior, mas a crise econômica dos últimos anos contribuiu, decisivamente, para que muitos buscassem alternativas de vida em outros países.

Dados do Consulado da Itália no Rio mostram que, de 1987 até o ano passado, quase quadruplicou o número de descendentes de italianos, nascidos no Brasil, que requereram a cidadania italiana com o objetivo de fazer a viagem contrária à que seus pais fizeram na primeira metade do século.

O assessor de imprensa do Consulado, Marco Forgiarini, disse que, até o ano passado, o aumento do número de pessoas que solicitaram a cidadania italiana variou entre 70% e 80%. A procura foi considerável, especialmente, nos meses de fevereiro, junho e julho do ano passado. Este ano, em março, foram concedidos 123 direitos de cidadania e a procura, segundo Forgiarini, continua alta.

Tal movimento, na avaliação de Forgiarini, não mudou em função do último Plano Econômico do

Governo, mas é contínuo e crescente em consequência da crise econômica que atinge o Brasil, bem como outros países da América Latina.

Dados da Polícia Federal informou que o Plano Econômico afetou a decisão das pessoas de viajarem para o exterior, mas de maneira diversa. Com a realização da Copa do Mundo, na Itália, era esperado aumento de 20% a 30% na emissão de passaportes. Todavia, o chefe da Seção de Passaportes do Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, delegado Paulo Moreira, informou que os números permanecem estáveis em relação ao ano passado, com a expedição média diária de 250 a 300 passaportes.

Também no Consulado dos Estados Unidos, o setor que emite vistos temporários registra queda na concessão, informou a funcionária responsável. Apesar disso, entre os dias 15 de março e 11 de abril deste ano foram emitidos 4.258 vistos temporários contra 3.778 concedidos no ano passado.

Este, segundo a funcionária, seria o crescimento esperado e a queda mencio-

nada se verifica a partir deste mês. Já no setor de vistos para imigração, não houve alterações, embora os funcionários estivessem avisados para um possível aumento da demanda em razão das mudanças econômicas. Nesse setor, a média mensal de 160 vistos se mantém estável há dois anos.

De qualquer forma, no Consulado dos EUA, não se descarta a possibilidade de haver aumento da procura, caso a recessão pós-Plano Econômico seja grande. No Consulado do Canadá, em São Paulo, foram concedidos, este ano, 50 vistos de imigração, número que não representa alterações na procura, já que, no ano passado, foram concedidos 400 vistos. Desde o início do ano, porém foram feitos 270 pedidos de emigração para o Canadá.

O Consulado do Japão, no Rio, também não tem dados relativos a este ano, mas informou que não se observaram mudanças na solicitação de vistos nos últimos meses. O Consulado autorizou 229 vistos em outubro do ano passado, 220 em novembro e 120 em dezembro.

## ANEXO C – Ofício do COMITES destinado ao governador Eduardo Pinho Moreira



Ofício nº 27/2018\_pres.

Curitiba/PR, 25 de novembro de 2018

Ex.mo Governador,

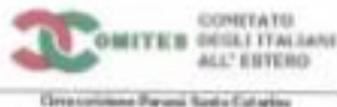
Primeiramente me permita esclarecer que o "COMITES - Comitato Degli Italiani all'Estero" é um organismo institucional, criado pela legislação italiana e eleito pela Comunidade de cada circunscrição consular com o intuito de manter um relacionamento com as autoridades diplomáticas consulares da Itália, auxiliando-os naquilo que a lei determina.

Deste modo nos dirigimos a V.Exa. para confirmar que está em curso uma, já longa, negociação entre a comunidade italo-catarinense e as autoridades competentes, da Itália, para a instalação de um Consulado Italiano de carreira em Santa Catarina ou uma agência consular de primeira categoria, buscando, dessa forma, melhorar o atendimento da nossa comunidade, que atualmente precisa se deslocar até Curitiba para obter os serviços prestado pela nossa representação consular, seja um atestado ou até mesmo um passaporte, inclusive para cumprir as demais formalidades inerentes a posse ou reconhecimento da cidadania italiana.

Esta negociação que envolve várias personalidades deste Estado, ocorre há pelo menos 2 anos, encabeçada pelo conselheiro da Câmara de Comércio de Santa Catarina, Senhor Diego Mezzogiorno De Paola, que entende toda a dificuldade da Comunidade Italo-Catarinenses.

Deste modo, o "COMITES - Comitato degli Italiani all'Estero", se une e defende tal reivindicação e faz um apelo ao Exmo. Sr. Governador do Estado de Santa Catarina, a aderir à campanha de sensibilização e reivindicação de melhores serviços para a população catarinense, italo descendente e, a tal fim, formalizar, junto com a Assembleia Legislativa deste Estado, uma parceria com o Governo Italiano.

Para viabilizar a instalação do Consulado Italiano ou Agência Consular de carreira em Santa Catarina seria muito importante disponibilizar a cessão de um adequado espaço físico para a instalação da mencionada representação, com espaço dentro do Centro Administrativo do Estado de Santa Catarina e que poderia girar em torno de 90m2.

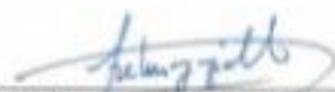


Uma representação consular de carreira (e não simplesmente honorária como é hoje), poderia atender mais de 50% da população catarinense que tem origem italiana e, logo, direito de ter reconhecida sua condição de se tornar cidadão da nossa Itália.

Sabemos, por parte do governo italiano, das dificuldades econômicas que a instalação de tal representação consular de carreira demanda, mas com a união dos dois governos podemos transformar esse sonho em realidade.

Como representante institucional da comunidade italiana da Circunscrição do Paraná e Santa Catarina, nos colocamos a seu inteiro dispor para o que V.Exa. necessitar para abertura do diálogo nessa direção.

Com nossos protestos de estima e consideração



---

Walter Antonio Petruzzello  
Presidente Circoscrizione PR/SC

Ao Exmo. Sr.  
Eduardo Pinho Moreira  
DO. Governador de Estado de Santa Catarina  
Florianópolis – SC

Via e-mail: [sergio@sea.sc.gov.br](mailto:sergio@sea.sc.gov.br)

cc: [diego.mezzogiorno@gmail.com](mailto:diego.mezzogiorno@gmail.com)